

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**LILIAM BEATRIS KINGERSKI**

**ENSINO DE FILOSOFIA E O DIREITO À EDUCAÇÃO DE MENINAS E  
MULHERES**

**UNIÃO DA VITÓRIA - PR**

**2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**LILIAM BEATRIS KINGERSKI**

**ENSINO DE FILOSOFIA E O DIREITO À EDUCAÇÃO DE MENINAS E  
MULHERES**

Dissertação apresentada à banca de qualificação  
do Programa de Mestrado em Filosofia - PROF-  
FILO, Núcleo Universidade Estadual do Paraná,  
Campus de União da Vitória - PR.  
Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselle Moura Schnorr**

**UNIÃO DA VITÓRIA - PR**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KINGERSKI, LILIAM BEATRIS  
ENSINO DE FILOSOFIA E O DIREITO À EDUCAÇÃO DE  
MENINAS E MULHERES / LILIAM BEATRIS KINGERSKI. --  
União da Vitória-PR, 2023.  
180 f.: il.

Orientador: Giselle Moura Schnorr.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Profissional em Filosofia) -- Universidade  
Estadual do Paraná, 2023.

1. Ensino de Filosofia. 2. Mulheres e Filosofia.  
3. Direito à Educação. 4. Pesquisa Participante. I -  
Moura Schnorr, Giselle (orient). II - Título.

## ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 30 do mês de março do ano de 2023, às 14h, no Miniauditório do Colegiado de Filosofia, foram instaladas as atividades pertinentes à Defesa da Dissertação da mestranda Liliam Beatriz Kingerski, intitulada: “Ensino de Filosofia e o direito à educação de meninas e mulheres”, sob orientação da Profª. Drª. Giselle Moura Schnorr. A banca examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, foi constituída pelos seguintes membros: Profª. Drª. Renata Noyama (UNESPAR/PROF-FILO) e Prof. Dr. Flávio de Carvalho (UFCG/PROF-FILO). A presidência iniciou a sessão, sendo que coube a candidata expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Após exarado os pareceres dos membros da banca examinadora e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final que decidiu pela aprovação. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16h45 e eu, Profª. Drª. Giselle Moura Schnorr, presidenta da banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora e pela candidata. A candidata está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.

União da Vitória, 30 de março de 2023.

### Banca Examinadora:

Nome	Instituição	Assinatura
Profª. Drª. Giselle Moura Schnorr	UNESPAR/PROF-FILO	
Profª. Drª. Renata Noyama	UNESPAR/PROF-FILO	Renata Noyama
Prof. Dr. Flávio de Carvalho	UFCG/PROF-FILO	

Candidata	Assinatura
Liliam Beatriz Kingerski	

**RECOMENDAÇÕES/OBSERVAÇÕES DA BANCA:** recomenda-se observar as sugestões de ajustes e indica-se a publicação do trabalho na forma de materiais didáticos e artigos.

“Eu não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens;  
mas sobre si mesmas.”

(Mary Wollstonecraft)

**Às mulheres de minha vida...  
que me ensinaram a ser quem sou!**

Dedico este trabalho...

a todas as mulheres  
que trabalham, estudam,  
que são mães e esposas,  
ou simplesmente mães solo

**diversas...**

que enfrentam na pele, todos os dias, àquilo que demanda muita coragem:

**ser mulher!**

## AGRADECIMENTOS

É hora de agradecer, afinal, foi um longo processo de construção e de caminhada desta pesquisa; nela, me reconstruí.

O período de pandemia foi cruel ao nos distanciar de algumas pessoas. Por outro lado, o distanciamento social nos aproximou de outras pessoas, por meio das estratégias de comunicação mediadas pelas tecnologias digitais, e, neste contexto, surgiram novas amizades e partilhas.

Perdi pessoas, fui para o chão da escola com medo, mas foi lá que encontrei as e os estudantes, os sujeitos dessa escrita. Foram minhas e meus estudantes que me fizeram perceber a importância de estarmos juntos. Mesmo que não pudessemos nos abraçar ou mostrar nossos sorrisos, eles estiveram ao meu lado e me ajudaram. Sem eles, não existiria esta produção.

Agradeço, de coração, aos meus pais, pela paciência e pelo incentivo tão importante para seguir em frente diante das dificuldades. Em especial, à minha mãe, que me incentiva desde sempre, que, como costureira, me deixa orgulhosa, pois só sou o que sou porque ela me guiou e aceitou quebrar padrões ao meu lado.

Agradeço à pessoa mais especial da minha vida, minha avó Anna, ser humano que me ensinou tanto, a primeira mulher feminista que conheci. Ela saiu de um casamento quando este era considerado uma prisão para as mulheres, nunca aceitou as amarras da sociedade; mulher cujas ideias expressam liberdade. Como amo essa mulher que não se encontra mais entre nós! A ela também devo a mulher que sou hoje!

Agradeço às aulas que tive no Mestrado Profissional em filosofia (PROF-FILO) da UNESPAR, Campus de União da Vitória-PR, porque moldou em mim uma nova forma de olhar para o mundo. Obrigada pela oportunidade e por todo o conhecimento que levarei para a vida toda. E, ainda, gratidão aos professores e aos meus colegas de turma do mestrado, os quais foram fundamentais. Cada palavra e abraço me fizeram estar aqui agora.

Gratidão à minha amiga Eliane de Fátima Camargo, mulher inspiradora, amiga, parceira, que muitas vezes escutou minhas queixas, mas não permitiu que eu

desanimasse. Uma das pessoas mais especiais que já conheci; a ela devo o desabrochar de uma grande paixão: a escrita!

Um agradecimento mais que especial aos meus amigos e amigas: Sonia, Valeria, Luiz e Douglas, pessoas que me ajudaram e que, nos embalos de sexta ou sábado à noite, numa mesa de bar, filosofaram com a literatura! Dividimos sonhos, gostos, paixões, angústias e tristezas tão nossos... obrigada pelas palavras: "Você vai conseguir!"

Gratidão à minha orientadora, Prof. Dra. Giselle Moura Schnorr, por me auxiliar, por me guiar nessa caminhada, pela paciência, por esperar meu tempo para escrever; és uma inspiração para mim! Apaixonei-me pelo tema quando me chamou para participar do Círculo de Cultura Leia Mulheres (UNESPAR). Seguimos juntas na luta contra o machismo e o patriarcado!

Aos meus filhos, Carlos Eduardo, Kauan e Veronika, pelas vezes em que tive que deixá-los de lado, pois precisava escrever e estudar, pelas vezes em que não pude estar com eles. Obrigada por serem o motor que me moveu quando tive vontade de parar. Sou grata por ser a mãe deles! É um aprendizado que nunca vai acabar.

Por fim, agradeço à Escola de Educação Básica Antonio Gonzaga, que considero um lar, pois acolheu a mim e a todos os meus sonhos de uma educação transgressora.

À minhas estudantes e aos meus estudantes, posso dizer, gratidão, de todo o coração, por "estarem juntos a mim", por se permitirem ir além da sala de aula e invadirem espaços que só conseguimos em comunidade.

Gratidão àqueles que me deram suas mãos e incentivo a cada tropeço!

## RESUMO

A Filosofia, enquanto área de conhecimento cujas características principais são indagar acerca da condição humana, do mundo, da realidade, dos sentidos e significados, das dimensões éticas, estéticas, políticas, epistêmicas entre outras, ao se efetivar como ensino, promove o pensamento por meio do estudo e reflexões de sua tradição. Como vivemos sob a égide de uma sociedade patriarcal, é notório a hegemonia da presença masculina, branca e ocidental-europeia no ensino de filosofia, em nível de graduação e nos currículos do Ensino Médio. Neste contexto, o ponto de partida da pesquisa aqui apresentada é a ausência de mulheres como produtoras de conhecimento filosófico, constatado na análise de documentos oficiais que normatizam ou orientam processos de escolarização. A metodologia adotada foi a análise documental, a pesquisa participante e produção de narrativas biográficas com estudantes do Ensino Médio. O contexto de realização das atividades ocorreu entre 2020 e 2021 e, devido à pandemia do COVID-19, parte das atividades foram desenvolvidas por meio do ERE (Ensino Remoto Emergencial). No processo de investigação temática com as e os estudantes, o direito à educação das mulheres tornou-se o problema de pesquisa, sob o qual realizamos um total de 24 aulas no formato de ERE e 25 aulas presenciais. Na aplicação das aulas, levantamos a seguinte questão: “Qual a atualidade da obra ‘Reivindicação dos Direitos da Mulher’ (1792), de Mary Wollstonecraft?” Nosso itinerário didático-pedagógico teve como objeto de análise e problematização a ausência da visibilidade de mulheres, enquanto produtoras de conhecimentos, na história da Filosofia e na educação. No desenvolvimento da pesquisa, analisamos biografias, narrativas biográficas de mulheres das famílias das e dos estudantes, bem como memórias e vivências pessoais. Esse ciclo de ensino-aprendizado envolveu leituras de obras de mulheres filósofas e de outras áreas de conhecimentos. As e os estudantes, no processo de aprendizagem, produziram poemas, imagens, ensaios e diários de aprendizagens relacionados ao tema.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia; Mulheres e Filosofia; Direito à Educação.

## **ABSTRACT**

Philosophy is an area of knowledge whose main characteristics are to inquire into the human condition, the world, reality, the senses and the meaning of things. Furthermore, it examines ethics, aesthetics, and the political and epistemic dimension, among others. In education, philosophy guides teaching and promotes thinking through the study and reflection on traditions. In our patriarchal society, the teaching of philosophy in undergraduate and high school curriculums is notoriously permeated by the presence of white, male, Western Europeans. In this context, the starting point of the research presented here is the absence of women as producers of philosophical knowledge, revealed in the analysis of official documents that regulate or guide schooling processes and syllabi. The methodology adopted was document analysis, participant research and biographical narratives from high school students. The context in which the activities were carried out took place between 2020 and 2021 and, due to the COVID-19 pandemic, part of the activities was carried out online using ERE (Emergency Remote Teaching). In the process of investigating this topic with both male and female students, women's rights to education became the clear theme. Over the course of 24 online ERE classes and 25 face-to-face classes, the following question was researched: "What is the modern relevance of the work 'A Vindication of the Rights of Woman' by Mary Wollstonecraft, published in 1792?" Ours was a didactic-pedagogical journey whose object of analysis and core problem was the lack of visibility of women in the history of philosophy and in education, and their subsequent disregard as generators of knowledge. In the course of the research, we analyzed biographies, biographical narratives of women from the students' families, as well as firsthand memories and experiences. This cycle of teaching and learning involved readings of works by women philosophers and from other fields of knowledge. As student authors, the class wrote poetry, created images, essays and learning diaries related to the subject.

**Key words:** Philosophy teaching; women and philosophy; right to education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Biografia de Lélia Gonzalez, recorte de um panfleto.....	15
Figura 2 - Imagem no diário de aprendizagens.....	21
Figura 3 - Foto tirada durante o processo de distribuição dos panfletos sobre as mulheres.....	22
Figura 4 - Capa de um diário de aprendizagem.....	30
Figura 5 - Capa de um diário de aprendizagem.....	31
Figura 6 - Descrição da capa do diário de aprendizagem.....	32
Figura 7 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	35
Figura 8 - Produção de texto sobre violência contra a mulher.....	37
Figura 9 - Reivindicações às mulheres.....	38
Figura 10- Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	39
Figura 11 - Mural da escola com os panfletos sobre mulheres na filosofia.....	42
Figura 12- Atividade no diário de aprendizagem.....	43
Figura 13 - Frases de diário de aprendizagens.....	48
Figura 14 - Capa de um diário de aprendizagem.....	52
Figura 15 - Recorte de um panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	53
Figura 16 - Capa de um diário de aprendizagem.....	56
Figura 17 - Capa de um diário de aprendizagem.....	57
Figura 18 - Capa de um diário de aprendizagem.....	58
Figura 19 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	60
Figura 20 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	63
Figura 21 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	65
Figura 22 - Desenho no diário de aprendizagem.....	68
Figura 23 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	74
Figura 24 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	77
Figura 25 - Frase no diário de aprendizagem.....	80
Figura 26 - Recorte do panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	81
Figura 27 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	83
Figura 28 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	87

Figura 29 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	98
Figura 30 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	99
Figura 31 - Atividade de observação da rotina de uma mulher.....	101
Figura 32 - Atividade de observação da rotina de uma mulher.....	102
Figura 33 - Panfleto das mulheres na Filosofia.....	105
Figura 34 - Poesia no diário de aprendizagem.....	106
Figura 35 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	110
Figura 36 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	113
Figura 37 - Desenho no diário de aprendizagem.....	115
Figura 38 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	117
Figura 39 - Capa de um diário de aprendizagem.....	118
Figura 40 - Folder sobre violência contra a mulher.....	119
Figura 41- Recorte para destacar a imagem na capa do diário de aprendizagem.....	120
Figura 42 - Desenho feito no diário de aprendizagem.....	121
Figura 43 - Desenho de Estudantes.....	123
Figura 44 - Capa de um diário de aprendizagem.....	124
Figura 45 - Capa de um diário de aprendizagem.....	125
Figura 46- Capa de um diário de aprendizagem.....	126
Figura 47 - Desenho feito no diário de aprendizagem.....	127
Figura 48 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	128
Figura 49 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	129
Figura 50 - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia.....	131
Figura 51 - Desenho no diário de aprendizagem.....	132
Figura 52 - Desenho feito no diário de aprendizagem.....	133
Figura 53 - Poema “Rosa Azul”.....	134
Figura 54 - Desenho no diário de aprendizagem.....	137

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxa de escolarização e raça.....	92
Gráfico 2 - Profissões das mães.....	94
Gráfico 3 - Escolarização das mulheres.....	96
Gráfico 4 - Motivos que levaram à desistência do estudo.....	97

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I: ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS, PESQUISA PARTICIPANTE E IMAGENS</b> .....	21
<b>CAPÍTULO II: DIREITO À EDUCAÇÃO DAS MULHERES</b> .....	45
2.1 A Filosofia Intercultural ensinando a transgredir.....	45
2.2 Por que é preciso falar em Feminismos?.....	51
2.3 Feminismos Negros.....	79
2.4 Atualidade da Reinvidicação dos Direitos da Mulheres.....	88
<b>CAPÍTULO III: ENSINO DE FILOSOFIA INTERCULTURAL EM COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM</b> .....	109
3.1 Repensar a prática em sala de aula a partir da Interculturalidade.....	109
3.2 Silvia Cusicanqui: uma aprendizagem em comunidade escutando as mulheres através das imagens.....	113
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	139
<b>ANEXOS</b> .....	144
<b>Referências</b> .....	173

## INTRODUÇÃO

Neste momento em que vivemos, o tempo se tornou escasso. Entre as diversas atividades que a vida me trouxe, luto para encontrar na agenda um tempo que possa chamar de meu e, assim, busco a tranquilidade e as inspirações para escrever.

Para mim, escrever significa mais que palavras rabiscadas no papel, pois permite sonhar e conhecer histórias de mulheres, proporcionando, também, um encontro comigo mesma, já que vejo nas mulheres que leio e escrevo também um pouquinho de mim.

As pensadoras com as quais me deparei, dentre estas bell hooks e Silvia Cusicanqui, acalentam este andarilhar com uma análise que permite observar, de modo sensível, afetuoso e com compromisso político o mundo à nossa volta, apesar das injustiças e dos silêncios, criando possibilidades e sentidos para o existir.

Sou uma mulher, portanto, carrego o peso dos estereótipos com o qual esse termo foi moldado ao longo do tempo. Simone de Beauvoir publica “O Segundo Sexo” em 1949 e sua crítica à subordinação das mulheres segue atual. Protagonizando e influenciando o feminismo, a filósofa francesa destaca que ser mulher não é mera determinação biológica, mas algo ensinado/aprendido, por meio dos processos de socialização, e transmitido por gerações. Ao tentar entender a importância da construção social, histórica e cultural na formação da identidade de gênero, a autora expõe suas ideias:

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade (BEAUVOIR, 2009, p. 361).

Diante da sobrecarga com a qual nos deparamos, não apenas durante o período da pandemia no qual esta condição de opressão se aprofunda, sentimos a necessidade de refletir sobre a vida das mulheres, o autocuidado e a conjuntura em que estamos inseridas. Somos socializadas deste modo e precisamos ressignificar o

que aprendemos umas com as outras e nas relações sociais. Como referência ao termo autocuidado como ação política, Audre Lorde, mulher negra, feminista e lésbica, escreveu a respeito no final dos anos 1980. Diante de um sistema político com bases nas violências e atentados contra a vida, o cuidado de si tornou-se também uma forma de resistência e de organização coletiva, afinal, as vidas de todas/os importam para combater um sistema que oprime.

Dentre os vários papéis sociais que ocupo, sou a educadora que a cada dia aprende mais com as e os estudantes; percebo suas dificuldades e seus sonhos à medida em que tenho reaprendido a ser professora, construindo conhecimentos coletivamente, com afeto e compromisso com as práticas educativas que façam a diferença em favor da humanização.

Filosofar e ensinar filosofia estão relacionados ao sentido da existência, ao ser e estar no mundo, possibilitando reflexões, ações e transformações. Trata-se de um caminho que pode contribuir para nos humanizar no processo de se conhecer e compreender no mundo, e reconhecer o outro como sujeito dos mesmos direitos.

Esta pesquisa, no campo do ensino de filosofia, parte da constatação de que há a ausência do reconhecimento das mulheres enquanto produtoras de conhecimentos. A partir daí, traçamos um caminho de pesquisa participante, com as/os estudantes de Ensino Médio, procurando estabelecer conexões entre as narrativas e memórias biográficas com a aprendizagem acerca dos escritos de mulheres de distintos períodos históricos e diferentes contextos culturais. A escolha dos escritos teve como critério contribuir para problematizar temas presentes no processo da pesquisa participante, os quais foram construídos nas aulas de filosofia com as e os estudantes, buscando estabelecer reflexões, por meio de diários, poesias, desenhos, ensaios, colagens, entre outros recursos de registro, acerca de elementos das histórias de vida das mulheres de suas famílias e as escritas de mulheres.

Trajetórias biográficas foram o fio condutor do processo de ensino-aprendizagem que realizamos ao longo de 2020 e 2021, contando com a participação de mais ou menos 54 estudantes, pertencentes às turmas do terceiro e dos segundos anos do Ensino Médio matutino da Escola de Educação Básica Antonio Gonzaga, no município de Porto União - SC, num total de, aproximadamente,

50 aulas adaptadas a um contexto de pandemia, na forma de alternância das e dos estudantes das turmas na escola, ou seja, parte da turma comparecia nas aulas presenciais numa semana enquanto a outra comparecia na semana posterior; aquelas e aqueles que ficavam em casa acompanhavam as aulas por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Na escrita deste trabalho, considero fundamental trazer minha trajetória como mulher, mãe e educadora, em diálogo com as pensadoras e mulheres presentes na vida das e dos estudantes. A partir da minha vivência, presente em todos os momentos desta escrita, estabeleço um diálogo com as filósofas e com as e os adolescentes, pois compreendo que o ato de escrever não está separado do lugar que ocupamos, do que somos e sentimos. Vejo, na escrita, uma maneira de resistir, como expõe Grada Kilomba: “Enquanto eu escrevo/ Eu não sou o Outro/ Mas a própria voz/ Não o objeto/ Mas o sujeito... Eu retorno a mim mesma/ Eu me torno.”<sup>1</sup>

Em busca de transformar a sala de aula num espaço de afeto e acolhimento, teoria e prática não se separam. De modo a caminhar de mãos dadas, a teoria não se mostra como algo distante, mas se mistura com a prática, por meio dos diálogos, das imagens, dos escritos e das poesias que as/os estudantes produziram no decorrer das aulas.

Por isso, aqui, sou mais uma voz. Portanto, escrevo enquanto mulher, mãe e educadora formada em Filosofia, que pouco conhecia da história das mulheres no espaço de formação da universidade, sendo visível a ausência e o silenciamento delas, também, no ambiente escolar, pois ainda pouco se estuda a respeito do presente tema em todas as áreas de conhecimento. Pensando na escola e nos métodos que perpassam a educação, se não estudarmos mulheres na escola, como também fazemos com outros grupos oprimidos da história, então não teremos um reconhecimento, colaborando para a perpetuação das violências, visto que silenciar também é uma violência.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w&ab\\_channel=GradaKilomba-Enquanto\\_eu\\_escrevo](https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w&ab_channel=GradaKilomba-Enquanto_eu_escrevo)> (Grada Kilomba): “WHILE I WRITE” is the first draft of a three act video installation by the international artist Grada Kilomba, titled “THE DESIRE PROJECT”, presented at and commissioned by the 32. Biennial de São Paulo 2016, in Brazil.

*Lélia Gonzalez foi uma ativista e intelectual negra, denunciou o racismo e o sexismo como formas de violência que subalternizam as mulheres negras e no combate da ditadura militar nos anos 70 e 80.*

*Lélia foi autora, professora, política, filósofa, e antropóloga brasileira. Uma das primeiras nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil.*

*"A gente não nasce negro,  
a gente se torna negro.  
É uma conquista dura,  
Cruel e que se desenvolve  
Pela vida da gente afora."*

**Figura 1** - Biografia de Lélia Gonzalez, recorte de um panfleto

Fonte: Estudantes da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Na imagem acima, recorte de um dos trabalhos produzidos pelas/os estudantes, lemos um pouco acerca de quem foi Lélia Gonzalez, que certa vez disse "o lixo vai falar, e numa boa!" (GONZALEZ, 1984)<sup>2</sup>. Nessa frase, a socióloga se afirmou, tendo em vista uma lógica de dominação e de colonização que predominava e ainda predomina na sociedade brasileira, principalmente devido à negação do direito de fala às mulheres negras. Neste texto, recorro às fortes

<sup>2</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Luiz Antônio Silva (Org.). Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs (Ciência Sociais Hoje, 2), 1984, p. 223-244.

Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf)> Acesso em: 16/02/2023.

palavras de Lélia Gonzalez. Aqui as mulheres gritam e clamam ser ouvidas.

Ao longo da história, as mulheres foram tratadas como propriedades dos homens, pois eles tinham o controle sobre elas e sobre os seus corpos; cabia aos homens conceder autorização às mulheres caso elas quisessem comprar alguma propriedade, escrever um livro, ou publicar artigos em algum jornal. As mulheres dependiam dos homens para qualquer participação ativa na sociedade, eram privadas de qualquer escolha.

Vivemos os reflexos do patriarcado e a visão da mulher enquanto ser dependente ainda nos persegue. A exemplo disso, ouvi, certo dia, de meu ex-parceiro, pai de minha filha, que eu deveria cuidar mais dela e fazer a comida para ele. Quando eu precisava estudar, ler e escrever, a reclamação era de que me dedicava demais aos estudos. Ou seja, o tema desta pesquisa está implicado ao meu cotidiano e minha escolha pela educação. Escrever revela que essa condição de dependência, submissão e opressão não está ausente na vida das mulheres ouvidas pelas e pelos estudantes, tampouco nas mulheres que lemos em nossas aulas de filosofia.

Esta pesquisa foi realizada no período de pandemia e representa uma forma de enfrentamento a todo e qualquer tipo de violência, as quais se agravaram nesses tempos. Não posso deixar de ressaltar o quanto isso impacta a realização de tudo o que foi feito no espaço escolar e nas aulas de Filosofia, nos limitando, de certa forma, e, ao mesmo tempo, nos aproximando.

Tendo em vista que construímos coletivamente todo o processo de ensino-aprendizagem, essa escrita é nossa, e busca analisar estas vivências em diálogo com autora/es e com as produções das e dos estudantes. O espaço da sala de aula foi acolhedor e nele foi possível, mesmo que por detrás das máscaras, reconhecer emoções, pois, finalmente, poderíamos olhar nos olhos de cada um novamente, a sensação era a de que estávamos juntos e que podíamos contar uns com os outros no exercício de compreensão do tema dos direitos das mulheres.

Com o desejo de que tudo voltasse a ser como antes da pandemia, percebemos que as mulheres continuavam sofrendo com a violência e o quanto essa violência atravessava nossas reflexões. Por meio dos estudos, conhecemos mulheres em situações de violência, amigas ou familiares; os noticiários, também,

denunciavam casos todos os dias. Naqueles momentos, o que podíamos fazer era reconhecer as situações e tentar dialogar sobre elas. De acordo com o site Consciência: “No Brasil, o aumento foi de 14% no primeiro quadrimestre, com o ápice em abril, registrando aumento de 37,6% em relação ao ano anterior. Isso equivale a 37,5 mil denúncias apenas nos quatro primeiros meses.”<sup>3</sup>

Os desafios eram muitos, as metodologias, enquanto um deles, deveria guiar em direção a uma nova maneira de ensinar, a partir das experiências das e dos estudantes, entrelaçando, a cada aula, suas leituras de mundo com o conteúdo trabalhado. Esse estranhamento, próprio da Filosofia, em conjunto com o que vivíamos, fez enfrentar os obstáculos desse momento tão difícil para todas e todos; precisamos nos habituar a uma nova maneira de ser e estar no ambiente escolar e fora deste, e, mais do que isso, precisávamos aprender com as dificuldades. Essa nova modalidade de ensino nos fez sair do conforto e enfrentar um vírus, algo invisível que afetava todas as nossas relações, juntamente com o silêncio que tanto teimava em prevalecer.

Como ensina o Prof. Dr. Flávio de Carvalho (2020), a filosofia deve dialogar com temas relacionados ao momento presente da vida e não com coisas distantes, uma vez que são as questões que nos conduzem à vida e nos levam a pensar os problemas atuais:

A Filosofia é herdeira de seu tempo e o filosofar se manifesta por meio de pessoas e de seus corpos, por meio de subjetividades construídas por tramas social-históricas, por meio de relações intersubjetivas que necessitam de diálogo, ainda que, contemporaneamente, no Brasil e em várias partes do mundo, haja discursos e atitudes sociais, econômicas e políticas que ordene m e comandem o silenciamento e o esquecimento (CARVALHO, 2020, p. 139).

As fragilidades se mostravam de maneira escancarada em nossa sociedade, e as mulheres, assim como outros grupos oprimidos e invisibilizados de nossa sociedade, estavam sujeitos às penalidades daquele momento.

Boaventura Souza Santos na obra “A Cruel Pedagogia do Vírus” destaca que as mulheres continuavam suas vidas e, mesmo com a pandemia, reféns das

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.comciencia.br/pandemia-impacta-mais-a-vida-das-mulheres/>>  
Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

várias tarefas, como o trabalho fora, ou, no momento, em suas casas, ao mesmo tempo em que têm que cuidar dos filhos e dos serviços domésticos. De acordo com Boaventura:

São elas também que continuam a ter a seu cargo, exclusiva ou maioritariamente, o cuidado das famílias. Poderia imaginar se que, havendo mais braços em casa durante a quarentena, as tarefas poderiam ser mais distribuídas. Suspeito que assim não será em face do machismo que impera e quiçá se reforça em momentos de crise e de confinamento familiar. Com as crianças e outros familiares em casa durante 24 horas, o stress será maior e certamente recairá mais nas mulheres (SANTOS, 2020, p. 16).

Boaventura alerta sobre o aumento dos divórcios nesse período, menciona as mulheres tiveram que abandonar trabalho e estudo por não terem quem cuidasse dos filhos, e disserta sobre a violência que tende a ocorrer dentro da própria casa, no serviço doméstico, trabalho no qual as mulheres, me parece, nunca deixaram de realizar: “Por outro lado, é sabido que a violência contra as mulheres tende a aumentar em tempos de guerra e de crise – e tem vindo a aumentar agora. Uma boa parte dessa violência ocorre no espaço doméstico” (SANTOS, 2020, p.16).

Esses tempos sombrios acirraram a necessidade de adoção de práticas educativas que valorizassem os sujeitos e suas histórias, além de repensar a educação e suas finalidades. A Filosofia, enquanto desconstrução e reflexão de uma realidade social que segue oprimindo, busca a conscientização das violências, o que representa meu campo de atuação enquanto educadora que neste trabalho tem como problema a negação do direito à educação e a atualidade da obra “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, da autora inglesa Mary Wollstonecraft.

No **Capítulo I: Ensino de Filosofia por meio de narrativas biográficas, pesquisa participante e imagens**, esclarecemos a respeito do percurso teórico-metodológico da pesquisa. Relatamos a construção de um percurso filosófico epistêmico, mais precisamente um modo de fazer contracolonial a partir da pesquisa participante, em perspectiva de ensino de filosofia intercultural, contando com a colaboração de autoras e autores como bell hooks, Paulo Freire, Raúl Fornet-Bitancourt, Magali Menezes, Giselle Schnorr, por meio da formação de uma comunidade pedagógica que se fez considerando narrativas biográficas, portanto, vivências e memórias num ciclo de ensino-aprendizagem colaborativo, no qual

estabelecemos um diálogo com as e os estudantes, procurando identificar silenciamentos das mulheres no currículo escolar e na Filosofia, analisando a vida das mulheres de suas famílias, as mulheres que admiravam e o direito à educação na sociedade atual.

No **Capítulo II: Direito à Educação das Mulheres**, rememoramos um histórico das lutas e conquistas, em conversa com as autoras, filósofas e mulheres da literatura, que permitem uma conexão com a realidade das mulheres na sociedade atual. Analisamos a questão do direito à educação das mulheres e meninas a partir da filósofa Mary Wollstonecraft, trazendo dados da pesquisa por meio da observação de informações estatísticas presentes nos documentos da comunidade escolar. Além disso, ao estudarmos fatos relacionados à educação e às violências sofridas pelas mulheres no estado de Santa Catarina e no Brasil, iniciamos um debate sobre a negação do direito à educação das meninas e mulheres, que se fez e se confirmou no contato das/os estudantes com as mulheres que fazem parte e inspiram suas vidas.

Por sua vez, no **CAPÍTULO III: Ensino de Filosofia Intercultural em Comunidade de Aprendizagem**, a partir da Sociologia das Imagens, de Silvia Cusicanqui, apresentamos e analisamos a produção das e dos estudantes, em que se destacou a construção de conhecimentos que se expressam por meio de poesias, desenhos e colagens. Para esse percurso, nos engajamos na construção de uma produção da Filosofia Intercultural, dialogando com Paulo Freire e bell hooks. A medida em que buscamos a formação de uma comunidade de aprendizagens, as imagens, como formas de resistência e parte de um processo de descolonização, permitem visualizar a realidade, e, para além do que a forma escrita de expressão de conhecimento proporciona, estas se tornaram essenciais para desconstruir uma educação bancária, caminhando para a construção de um ensino de Filosofia com bases transgressoras.

A construção do ensino de filosofia intercultural valoriza as diversidades e se expressa como prática coletiva situada, acolhendo memórias desde o território e, neste trabalho, considerou-se os espaços de vida das mulheres ouvidas e lidas.

Na busca de um ensino de Filosofia em que todas e todos possam fazer parte, e, nesse sentido, se sentir representadas/os, a Filosofia Intercultural permite o

diálogo com as e os participantes desta pesquisa, de modo que avançamos juntas/os para desconstruir uma cultura hegemônica de dominação. No desenvolvimento das aulas, encontramos uma nova forma de expressão de conhecimento, a partir da produção das e dos estudantes, o que possibilita reviver, rememorar e ultrapassar as barreiras, inclusive diante da hegemonia da expressão de aprendizagens por meio exclusivo da escrita, sem desconsiderar a importância desta. Aprendemos, com Silvia Cusicanqui, a relevância do reconhecimento de outras formas de expressão de pensamentos, tais como das alegorias, imagens, contos, poesias, entre outras formas de representação.

## 1. ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS, PESQUISA PARTICIPANTE E IMAGENS



**Figura 2** - Imagem no diário de aprendizagens

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Nesta pesquisa, buscamos compreender a atualidade das ideias de Mary Wollstonecraft (2016), destacando as mulheres como produtoras de conhecimentos, a partir das perspectivas trazidas pelas e pelos estudantes. Essa análise somente foi possível pela escolha teórico-metodológica da pesquisa participante, das narrativas biográficas e do acolhimento de outras formas de expressão, como imagens e poesias no ensino-aprendizagem de Filosofia, a partir do espaço escolar.



**Figura 3** - Foto tirada durante o processo de distribuição dos panfletos sobre as mulheres  
Fonte: EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A imagem acima representa o espaço onde nos encontrávamos, o espaço para onde levamos nossos sonhos, nossas expectativas e frustrações, mas também o espaço que simbolizava a esperança de dias melhores. Esta é a Escola de Educação Básica Antonio Gonzaga, situada no bairro Santa Rosa, na periferia da cidade de Porto União. Foi nesse espaço que realizamos uma caminhada que ultrapassou o ambiente da sala de aula, pois dialogamos com liberdade e de maneira democrática com a comunidade. Estabelecemos uma conversa com as mulheres que faziam parte da vida das e dos estudantes e aprendemos que filosofar é um modo de compreender a realidade, que dá sentido ao ensino.

No que diz respeito à sua história, a escola teve início com a colaboração da família do Sr. Flavio Kobroski, que cedeu um espaço de sua casa para as crianças da comunidade poderem estudar. Em 1960, foi construído o prédio, que foi inaugurado em 19 de agosto, durante o governo de Heriberto Hülse, e, em 1972, passa a funcionar o ensino de 1ª a 8ª séries, sendo que apenas no ano de 1993 conseguiu-se a aprovação para funcionamento do Ensino Médio.

Em 2020, ano de início desta pesquisa, fomos surpreendidas e surpreendidos por uma situação que fugiu de nosso controle. A pandemia por Covid-19 atingiu o mundo inteiro, e todas e todos tiveram de reaprender a viver, pois tudo se modificou. As escolas passaram a funcionar, por um tempo, dentro de nossas casas, e foi neste momento que as desigualdades e os preconceitos foram ressaltados em meio a atividades como limpar a casa, cuidar dos filhos e adaptar toda a dinâmica do cotidiano. Enquanto educadoras e educadores, também tivemos que realizar nossas aulas neste espaço em que o público e o privado se misturavam. Santa Catarina tem como sistema oficial o Professor Online para registros do docente, mas adotou a plataforma do *Google*, o *Classroom*<sup>4</sup>, para compartilhamento das aulas aos estudantes. Além disso, no período pandêmico, buscamos por outras formas de acesso às turmas, como os grupos em *WhatsApp*, para tirar as dúvidas e nos aproximar das e dos estudantes. Para aquelas e aqueles que não possuíam acesso às tecnologias ou que, por algum motivo, preferiram não as utilizar, as atividades impressas eram produzidas e entregues na escola.

Em diálogo com as e os estudantes, equipe pedagógica e direção da escola, tivemos acesso a algumas informações e constatamos desistências e abandono escolar. Algumas e alguns estudantes mudaram tanto suas rotinas (arrumaram emprego por exemplo), que optaram por não realizar as atividades. Tivemos que lidar com as frustrações, com os medos, com depressões e ansiedades que surgiram durante o percurso. A rotina de todas e todos foi alterada e abalada em meio a perdas e sequelas ainda não mensuradas. A pandemia atravessou nossos espaços e permeou nossas vivências.

---

<sup>4</sup> Google Classroom é um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos. Ele é um recurso do Google Apps redirecionado à área de educação.

Em 2021, ano em que desenvolvi essa pesquisa em sala de aula, retornamos presencialmente para as escolas no Estado de Santa Catarina, de modo que as turmas eram compostas por dois grupos que se alternavam no espaço escolar. Até que, em algum momento do ano, o distanciamento proposto nos documentos do governo foi diminuindo, possibilitando a vinda da turma toda para a escola todos os dias.

A pesquisa no campo do ensino de Filosofia foi realizada, de início, com a turma do terceiro ano do Ensino Médio. Mas, no decorrer deste mesmo ano, estendemos o projeto para as turmas dos segundos anos, devido à necessidade do tema e à vontade de trabalhar com estas e estes estudantes de maneiras diversas e obter outros resultados.

Espalhar/divulgar as ideias de mulheres, compartilhar seus pensamentos e dar visibilidade às filósofas foram motivos maiores que as dificuldades enfrentadas neste momento. Passei a refletir sobre a atualidade e sobre a necessidade do tema. Estudar, ler e escrever é, mais do que tudo, uma iniciativa para nos tornarmos seres humanos melhores, conscientes de quem queremos ser. Desde que conheci a obra de Mary Wollstonecraft, me identifiquei e me apaixonei, pois, apesar de ter vivido em tempos tão distantes, parece que sua vida é também a vida de muitas mulheres. O direito à educação das mulheres, tema da obra de Mary Wollstonecraft, no século XVIII, ainda é atual, principalmente quando percebemos a negação deste; essa ainda parece a história única das mulheres (parafraseando Chimamanda Ngozi Adichie, 2019) na atualidade. Apesar de tudo o que conquistamos, ainda estamos presas. A filósofa reforça a ideia de que precisamos ter poder sobre nós mesmas e que, para isso, é preciso querer. Segundo a estudante Sônia: “Eu estudei muito, deixei de viver certos momentos da minha vida por sempre querer ser melhor”; precisamos nos sacrificar, e tudo isso depende da educação que tivemos e queremos, que deve ser direcionada para a racionalidade, afinal, as mulheres foram, e ainda são educadas para serem submissas e não independentes.

Iniciamos este processo de caminhada pela análise dos documentos oficiais<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Foram analisados os seguintes documentos: SANTA CATARINA, GOVERNO DO ESTADO. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA 2014; SANTA CATARINA- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. PROPOSTA CURRICULAR.

do Estado relativos à educação e por meio de uma observação e leitura do livro didático, buscamos por mulheres que compunham os conteúdos deste livro. No livro utilizado na escola, “Filosofia e Filosofias: Existência e Sentidos”, da editora Autêntica, percebemos que as mulheres são mencionadas em temas alusivos ao amor, de modo a atribuir a elas as características mais sensíveis, enquanto os mesmos assuntos são muito escassos se comparados ao tratamento concedido aos filósofos; fiz isso com ajuda das/os estudantes, para que pudessem visualizar a ausência da presença feminina nesse documento. No processo de investigação acerca das informações do Projeto Político Pedagógico, foi relevante o que o escritor Orlando Fals Borda (FALS BORDA; MORA-OSEJO, 2004) chama de pesquisa participante, uma produção que têm por finalidade escutar pessoas comuns, enquanto fontes que dialogam, em suas múltiplas manifestações. A pesquisa participante torna-se uma forma de resistência diante da sociedade em que vivemos e, desta maneira, podemos também modificar nossa realidade. Este método visa considerar os sujeitos de conhecimento, que sem hierarquias, participam e se identificam no processo.

A pesquisa participante possibilitou conhecer as experiências/vivências das diversas mulheres ouvidas ou lidas pelas/os estudantes e estabelecer relações com o tema direito à educação de mulheres e meninas na atualidade, considerando, inclusive, o difícil contexto.

Nesse processo de investigação, inicialmente (ANEXO 2), com o objetivo de conhecer melhor as/os estudantes e suas realidades, em virtude do momento complicado que enfrentávamos, coletei dados a respeito das suas vivências, visto que algumas informações, no que tangem aos encaminhamentos que viriam, eram necessárias, desde informações sobre com quem conviviam, até o acesso às tecnologias. Para além disso, sensibilizar estas/es estudantes foi de extrema importância para a realização desta análise.

Para Carlos Rodrigues Brandão, a finalidade da pesquisa participativa:

A relação de participação da prática científica no trabalho político das

classes populares desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que constituindo a razão da prática constitui igualmente a razão da pesquisa (BRANDÃO, 1999, p. 13).

Neste projeto, aplicado inicialmente apenas com a turma de terceiro ano, a análise, a classificação, a interpretação e a sistematização dos dados foram necessárias para que pudéssemos iniciar o desenvolvimento do projeto com as/os estudantes (ANEXO 1 - ESTRATÉGIA: A PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO). A turma era formada por uma maioria de meninas, entre 16 e 17 anos. Com relação à escolaridade do pai e da mãe, com quem moravam, no que diz respeito às mães, percebe-se que poucas acessaram o Ensino Médio, sendo que nenhuma conseguiu realizar o Ensino Superior. Os dados demonstram, quanto às profissões, que as mães das e dos estudantes são “donas de casa”, tendo diaristas e agricultoras entre as profissões mais citadas. Ainda podemos constatar o que elas e eles pensam sobre o que é ser um bom professor e um bom estudante, e a partir daí, desconstruir a ideia de que o professor é o “dono do conhecimento” e que o estudante deve apenas “obedecer”.

Tendo em vista o contexto da pandemia e a necessidade de conhecermos melhor como estavam nossas e nossos estudantes para obter mais elementos sobre nosso problema inicial de pesquisa, realizamos esta sondagem por meio de algumas questões que subsidiaram o planejamento das aulas de Filosofia (ANEXO 1- ESTRATÉGIA: A PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO). Nas questões respondidas pelas e pelos estudantes, exploramos temáticas referentes a aspectos da vida escolar, como o que gostam na escola, suas dificuldades e a importância dos estudos, sobre as suas famílias, dentre dados relativos à escolaridade dos pais e suas profissões.

Nesse processo de construção coletiva, o educador não é a autoridade máxima, ele também aprende com as/os estudantes; ele não é um mero transmissor, porque não detém a posse do conhecimento. Um bom professor, para as/os estudantes, é aquele que auxilia, explica, dialoga e escuta, é divertido, tem paciência e é comprometido com a sua realidade. Para Paulo Freire (2005), a estratégia do diálogo como uma prática de ensino é fundamental:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2005, p. 115).

Nesse sentido, o fato de escutar com humildade, de perceber que o conhecimento da/o estudante é válido e importante porque compõe parte essencial das aulas, demonstra que, na maioria das vezes, a/o estudante só participa das aulas por obrigação, mas anseia por se manifestar. É o que vemos nas palavras da estudante Ana: “- Para você um bom professor ou uma boa professora é? - Professor que ajuda, que é divertido, que ensina, que escuta os alunos.”

O professor é aquele que tenta compreender seus estudantes como seres que buscam construir conhecimentos. Diante disso, refletir sobre os papéis dos sujeitos participantes desta pesquisa foi fundamental. É preciso compreender as/os estudantes enquanto seres que já traziam conhecimentos, pois o conhecimento cotidiano é carregado de aprendizados; compreendê-los em suas autonomias e singularidades, como participantes da aula, é crucial.

A poesia de minha amiga Eliane Camargo sobre os silêncios na Filosofia, neste momento, fez pensar sobre os sujeitos que fazem parte da Filosofia; Por trás do silêncio, existe um universo de possibilidades e perguntas que clamam por respostas.

### **Sobre Silêncio e Silenciamentos: Perguntas!**

Disseram: para filosofar é preciso o silêncio.

Me pergunto: quem tem direito ao silêncio?

Silêncio é privilégio de alguns.

Então, a filosofia é para quem?

Quem tem direito a filosofar?

Silêncio é direito de poucos.

Silenciamentos não, estes são imposições!

Silenciamentos são dores, feridas abertas.  
Silenciamentos são filosofias não ouvidas, não estudadas.  
Silenciamento é grito que não se escuta.  
É dor, fome, medo, injustiça!  
O que fazemos com nossos gritos silenciados?  
Como se pensa, aos gritos?  
Não penso? Não faço filosofia!  
Filosofia é escrita lógica... racional?  
Escrevo na bagunça. Escrita bagunçada!  
Escrita sem filosofia?  
Mais uma vez: quem tem direito a filosofar?

(Eliane Camargo, 25/11/20)

Filosofar é reflexão que lançamos sobre as nossas realidades, neste sentido bell hooks<sup>6</sup> contribui metodologicamente à medida em que une prática e teoria, e não podemos pensar uma sem a outra. Somos levados a questionar o ambiente educacional e a refletir sobre suas possibilidades. De acordo com a pensadora, para construir uma comunidade pedagógica, devemos estabelecer laços em que educador e estudantes aprendem juntos. Uma educação descolonial tem o objetivo de romper com a ideia de educação em que o professor é o único detentor do conhecimento, em que a/o estudante não tem conhecimento, e estuda apenas conhecimentos dos quais não participa e nem se identifica:

Sem uma mentalidade descolonizadora, estudantes inteligentes, vindos de contextos desprovidos de direitos, frequentemente pensam ser difícil ter acesso nas instituições educacionais da cultura do dominador. Isso ocorre até mesmo com os estudantes que incorporaram os valores da cultura dominante (HOOKS, 2020, p. 56).

Essa prática de uma pedagogia engajada, que ressalta o afeto enquanto

---

<sup>6</sup> Sobre o nome de bell hooks ser empregado em letra minúscula: essa prática surge a partir de uma postura da própria autora, que criou esse nome em homenagem à sua avó e o emprega em letra minúscula como um posicionamento político que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à pessoa. O presente texto respeita a escolha da autora.

necessário para que o conhecimento aflore, permite conhecer as dificuldades das/os estudantes, seus sonhos para o futuro, seus gostos e o quanto a pandemia interferiu em suas vidas. Esses tempos difíceis fizeram perceber o quanto é bom estarmos juntos, podermos rir e dialogar, poder olhar nos olhos um do outro é fundamental neste processo de volta à escola após um longo período de ensino em casa.

A iniciativa da criação dos diários de aprendizagens possibilitou aos estudantes expressar suas angústias com mais liberdade, sem que estivessem presos a padrões da escrita, de modo que pudessem escrever o que sentiam. O diálogo com estes passou a ser intermediado pelo diário, como uma estratégia de escuta e exercício da escrita, mobilizando as e os estudantes para escrever tanto os conteúdos apresentados durante as aulas, quanto o que estava para além disso, nos momentos em que estavam em casa. Muitas vezes, é melhor desabafar/falar para um papel, pois há uma certa intimidade. O diário de registros se apresenta como um instrumento de (trans)formação das relações de ensinar e de aprender e de resgate de memórias e vivências:

Precisamos exercitar nossa capacidade de observar, registrar o que observamos. Mas registrar não se esgota no puro ato de fixar com pormenores o observado tal qual para nós se deu. Significa também arriscarmos a fazer observações críticas e avaliativas a que não devemos, contudo, emprestar ares de certeza (FREIRE, 1993, p. 68).

As narrativas biográficas das e dos estudantes estão relacionadas aos seus relatos presentes nos diários de aprendizagens, nos quais desenvolvemos diversas atividades. De acordo com o artigo “Narrativas Biográficas e da Vida Cotidiana: Discurso e Imagens”, de Johanna Clarissa Becker:

Biografia é entendida aqui como uma descrição realizada pelo próprio indivíduo ou por terceiros, de processos e experiências que se estendem ao longo da vida, ou seja, apresentação escrita ou oral da história de vida (BECKER, 2011).

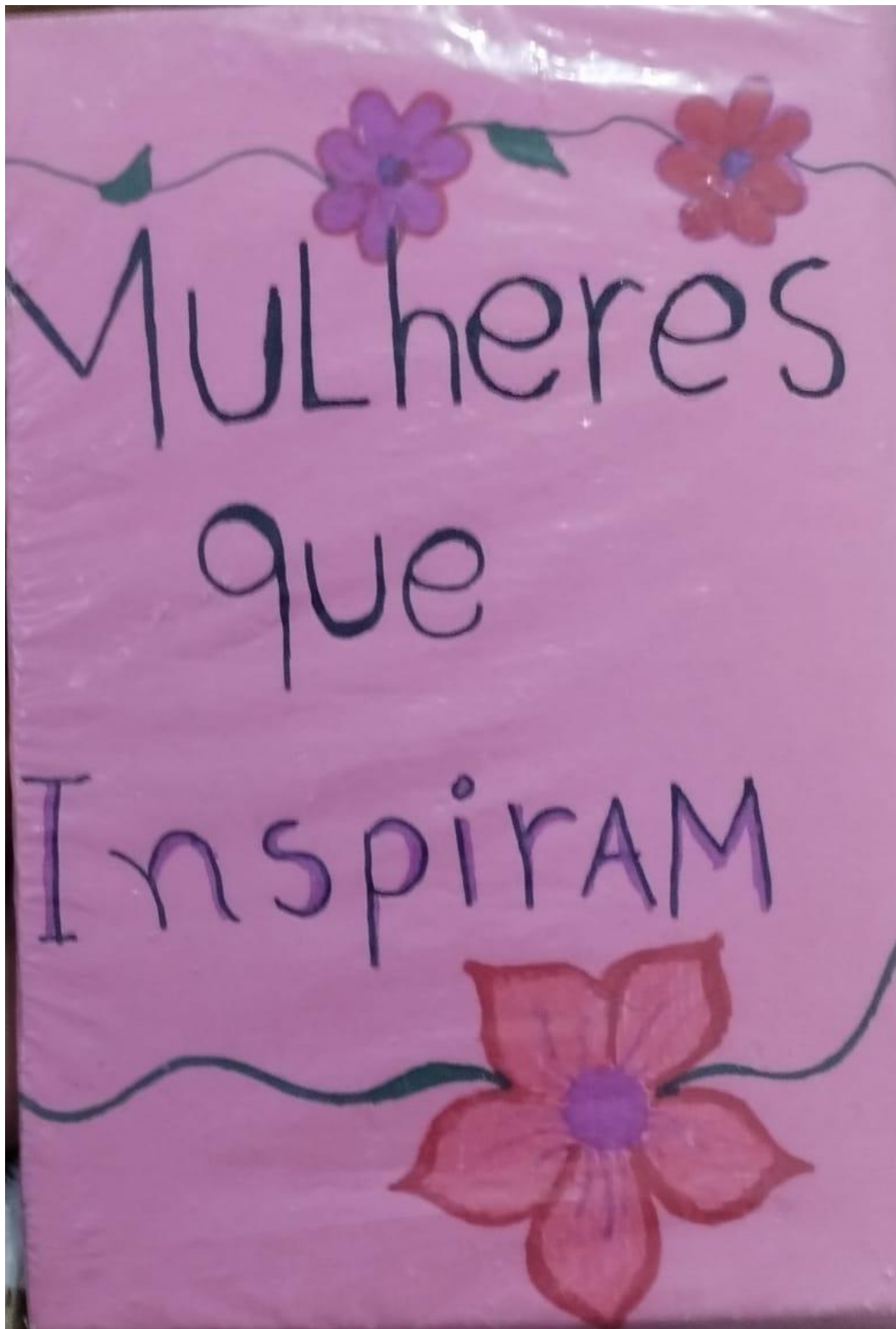
A partir da produção dos diários, as atividades foram detalhadas na **“SEQUÊNCIA 01: DIÁRIOS DE APRENDIZAGENS”**, presente no material produzido e organizado, sobre o qual se iniciou com a proposta de construção das capas. Para a produção da capa do diário, as e os estudantes deveriam fazer uma

alusão a mulheres que inspiravam suas vidas de alguma forma, fossem da sua família ou mulheres que admiravam, como, por exemplo, escritoras, artistas, cantoras, filósofas; dentre outras mulheres, a ativista Malala e a sua luta pela educação, estiveram presente em algumas capas.



**Figura 4** - Capa de um diário de aprendizagem

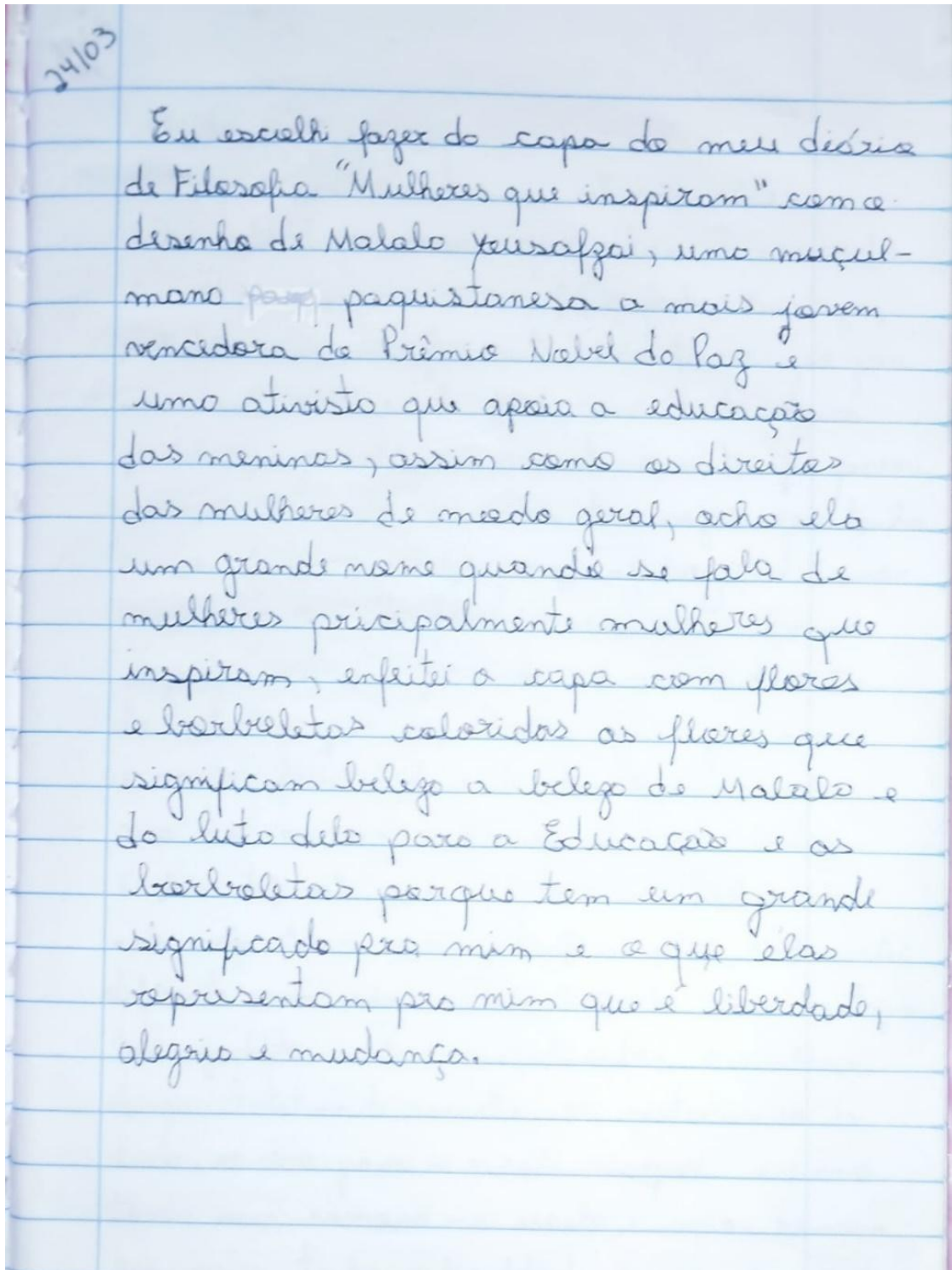
Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).



**Figura 5** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Os textos referentes às capas de seus diários demonstraram que estudantes e as mulheres que admiravam tinham uma ligação direta, íntima e carregada de significados com os seus anseios pessoais.



**Figura 6** - Descrição da capa do diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Permeada pela utilização dos diários, as nossas aulas se realizavam com a disposição das carteiras de modo circular, para que todas e todos pudessem compartilhar, olhar uns para os outros e observar que todas/os fazem parte do processo de conhecer. Em busca da construção de uma comunidade pedagógica (HOOKS, 2013), para desconstruir o ensino de uma pedagogia baseada na educação bancária (FREIRE, 1987), procuramos sair dos padrões e adotar estratégias que permitem o diálogo constante entre a educadora e as/os estudantes. As aulas são o espaço onde todas/os podem se expressar, o espaço da fala e da escuta, o espaço de transgredir, de criar possibilidades, onde todas/os aprendem de mãos dadas:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (HOOKS, 2013, p. 273).

Na **Sequência 02: A mulher e os direitos da mulher na história** (ANEXO 1), destacamos a ausência da mulher em diversos espaços, principalmente na produção do conhecimento filosófico. Com base nas constatações observadas nos documentos, realizamos uma primeira escuta (ANEXO 1). As mulheres estão ausentes no ambiente escolar, o que fica claro no depoimento das e dos estudantes:

Nas escolas geralmente é mais falado sobre os homens que foram importantes para a história...sendo que é importante ver quais foram as mulheres, que de certa forma participaram, em algum momento, na história, por exemplo na Filosofia, quais eram as mulheres Filósofas? Ou existiram mulheres que fizeram história na Filosofia? (Estudante do 3º ano Ana<sup>7</sup>). Acho que nunca estudei sobre nenhuma mulher, como tema específico, claro que elas aparecem em alguns textos de história, mas sem nenhuma

---

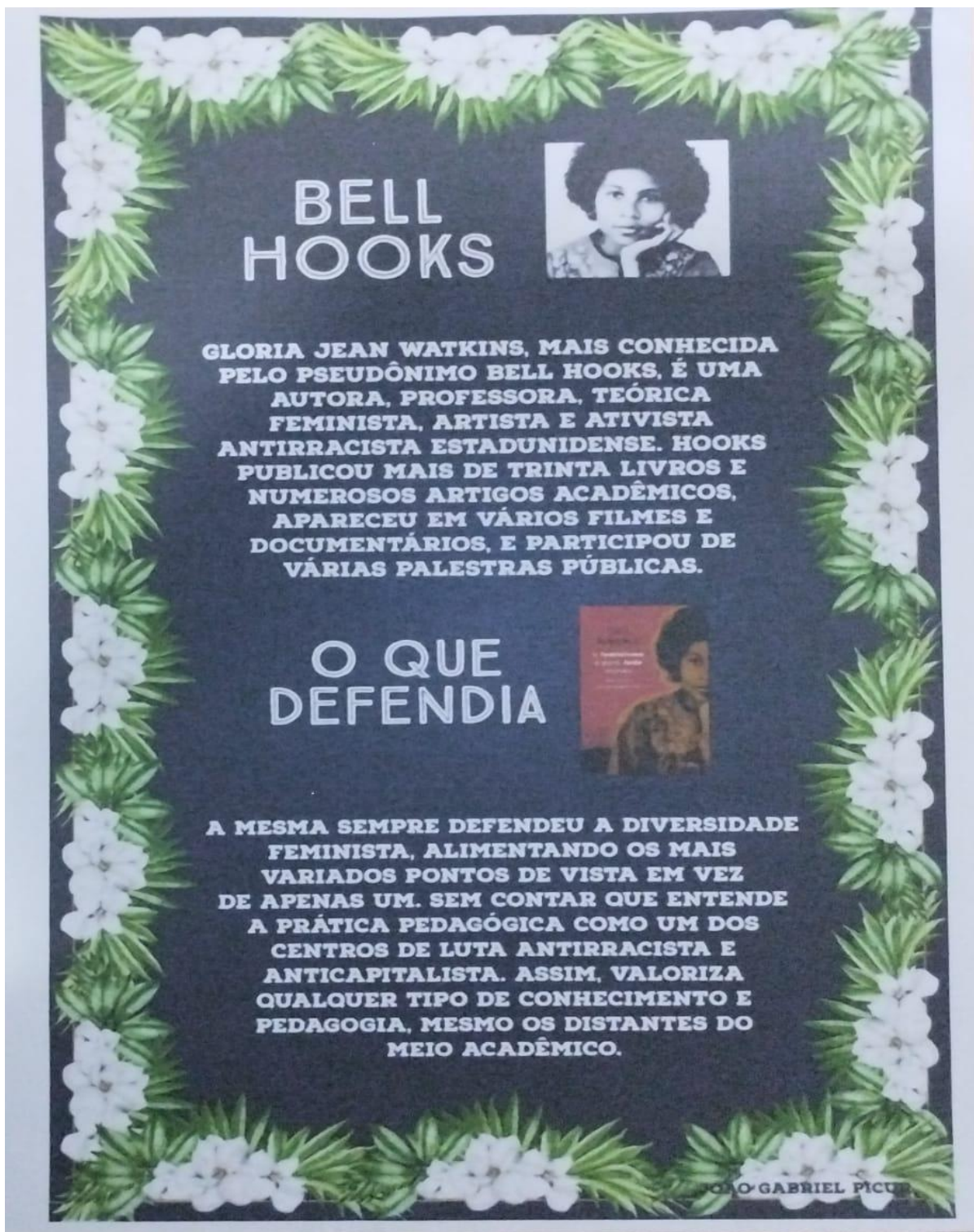
<sup>7</sup> Para não utilizarmos os nomes das/os estudantes, optamos por utilizar um nome fictício para cada estudante que participou deste processo. Recorremos à utilização de nomes das suas mães e/ou mulheres de suas vidas. Tendo em vista que a escrita dessas mulheres são como pontos de um bordado ou como uma costura, cujos os alinhavos não são construídos por uma delas unicamente, mas que elas se entrelaçam, assim como seus pensamentos, cujas escritas também foram assombradas pelos silenciamentos, escolhemos trazer seus nomes aqui, visto que as produções das/os estudantes também perpassam por muitas destas mulheres.

relevância. Gostaria muito de estudar sobre elas, porque muitas vezes as mulheres não ganham o destaque que merecem e são esquecidas (Estudante Otilia).

Não me recordo do estudo sobre mulheres na escola, pois o assunto é raramente abordado nas aulas. Deveria ser um tema mais presente em qualquer aula, pois as mulheres estavam presentes em tudo, desde o início, juntamente com o homem. Hoje em dia todo o estudo é baseado no que o homem fez, no que inventou, no que descobriu, mas nunca paramos para estudar sobre o que a mulher fez, o que ela criou (Estudante Zélia).

Posteriormente, a aula iniciou-se com o tema a respeito do papel ocupado pela mulher na sociedade, desde a pré-história até a atualidade. Para a exposição da temática, apresentamos uma linha do tempo das conquistas do Movimento feminista no decorrer da História, destacando que a função da mulher sempre esteve relacionada aos cuidados do filho, da casa e do marido, de forma que as conquistas ainda são muito recentes. A utilização de slides, que estão em anexo na sequência didática que criamos com os encaminhamentos das aulas, auxiliaram de maneira significativa, visto que encontrar material foi uma das dificuldades do processo.

O feminismo é levado para a sala de aula com o texto de bell hooks “O Feminismo é Para Todo Mundo” (ANEXO 1-**SEQUÊNCIA 03: O FEMINISMO DE BELL HOOKS**). Visto que muitos estudantes questionavam o movimento feminista, visualizar a perspectiva do movimento sob o olhar de uma pensadora norte-americana negra fez pensar neste de uma forma mais abrangente.



**Figura 7 -** Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

No caminhar da aplicação deste projeto de pesquisa, surgiram temas relacionados à violência contra a mulher, assunto que foi debatido. É válido enfatizar

que o tema surge no contexto das aulas, sendo trazido pelas e pelos estudantes, simbolizando um assunto que se faz presente nas suas vidas. Valorizar o conhecimento da/o estudante a/o tornou parte do processo de construção e produção do conhecimento.

Tendo em vista que a Filosofia se utiliza de conceitos, sendo também uma de suas particularidades, dialogamos com as/os estudantes de modo a destacar e esclarecer alguns conceitos como violência contra a mulher, silenciamento, feminismo- feminismos, colonialidade dentre outros termos que mereciam atenção durante o processo e os quais foram trazidos pelas/os estudantes para a sala de aula, a partir de uma perspectiva da prática intercultural, com o objetivo de fazer uma Filosofia que dialogue com a diversas vozes e realidades, as suas subjetividades que aproximam da realidade vivenciada.

A violência contra a mulher foi um tema que surgiu durante as rodas de conversas. Quando dialogamos a respeito desse tema, foi inevitável perceber o quanto o tema estava presente e próximo delas/es. Levei para a sala de aula alguns depoimentos de mulheres que sofreram a violência doméstica e dados a respeito no nosso estado<sup>8</sup>.

Em seguida, numa atividade sobre a violência contra a mulher, em que as e os estudantes escreveram textos a respeito, tentando descrever as violências que haviam presenciado ou as quais ouviram falar, uma vez que sabemos que as violências nem sempre são visíveis. E, além do mais, não podemos esquecer que, enquanto educadoras e educadores, temos o dever de tratar desse tema em sala de aula. Quando nos privamos disso, silenciemos as violências, é como fingir que elas não existem. A escola não deve ser o espaço do silêncio!

Assistimos a alguns vídeos que retratavam os tipos de violência, com o propósito de destacar que as outras manifestações da violência são tão cruéis quanto à violência física. Abaixo, segue o texto de uma estudante a respeito do assunto numa das atividades realizadas:

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-santa-catarina-e-deixa-a-rede-de-apoio-em-alerta-parte-1>  
Acesso em 18 de janeiro de 2023.

**RELATO DE UMA VIOLÊNCIA**

Nós mulheres sofremos todos os dias diversas violências, e eu, por mais nova que seja, já vivenciei algumas delas. O fato de sairmos na rua e receber olhares que nos deixam constrangidas é uma forma de violência, indiferente da roupa que estamos usando, nós mulheres passamos por isso, acredito que todas sofrem com isso, e é algo que infelizmente não podemos fazer nada, pois, corremos o risco de arrumar confusão e ser taxada por sem vergonha, sofremos assédio em silêncio. E quando os olhares ainda vêm carregado por frases como "Oh lá em casa", "Gostosa", que é algo que te deixa ainda mais constrangida, indiferente da sua idade, se você for mulher provavelmente passou ou passará por isso, infelizmente. Outra coisa que eu vejo como violência e já sofri diversas vezes é o fato de você sair e alguns homens mexerem com você e te chamarem para sair com ele, e isso acontece indiferente se você possui uma aliança no dedo. Algumas vezes já sai e quando cheguei em casa vi que tinha mensagens nas minhas redes sociais, dos mesmos homens que estavam no local, e que até percebi que olhavam com olhar estranho, e em uma das vezes ao conversar na amizade com um dos rapazes com uma diferença de dezessete anos, fui incentivada a ficar com ele, a trair meu namorado, pois, para ele, eu precisava "aproveitar" mais a vida. O que eu quero dizer com isso, é que indiferente se você tem uma aliança no dedo, ou não, se usa roupa curta, ou não, ou até mesmo se está acompanhada ou não, os homens irão mexer com você, e com isso sinto que somos um objeto, que eles irão usar e jogar fora. E o que é ainda mais difícil de aceitar é ouvir frases de outras mulheres ao se referir a esses homens "Ah, ele não é mulherengo, as mulheres que deixam", ou também, "Ah, eu vi ela se jogando", isso comprova ainda mais a ideia de objeto que eu tenho nessas situações, ou seja, a culpa é nossa, a culpa não é do homem que é anos mais velho que você e não deveria nem te olhar de forma estranha pois você tem a idade do filho dele, muito menos te chamar nas redes sociais, e o pior ainda é que eu tenho uma aliança no dedo, ou seja, eles não respeitam nem eu, muito menos meu relacionamento com outro homem. Percebo que nós mulheres não podemos curtir, pois se estamos sozinhas e saímos com algum homem, perante a sociedade somos vagabundas, se a gente fizer algo como no caso citado acima, somos vagabundas, se sairmos em festas, mesmo que não seja na intenção de ficar com alguém, apenas curtir, somos vagabundas. É muito difícil ser mulher, você sofre assédio de diversas maneiras, mas não pode fazer nada, não pode aproveitar a vida pois será malvista na sociedade, você não pode beber e muito menos gostar de jogo, pois é mulher, eu poderia passar horas escrevendo as coisas absurdas que já vi, ouvi ou vivi na vida, mas garanto que não existe papel no mundo que seja suficiente para expressar meu repúdio e descrever as situações, são coisas absurdas, que eu queria que fossem mentiras, mas eu, com tão pouca idade fico assustada por já ter visto ou vivenciado casos assim.

**Figura 8** - Produção de texto sobre violência contra a mulher

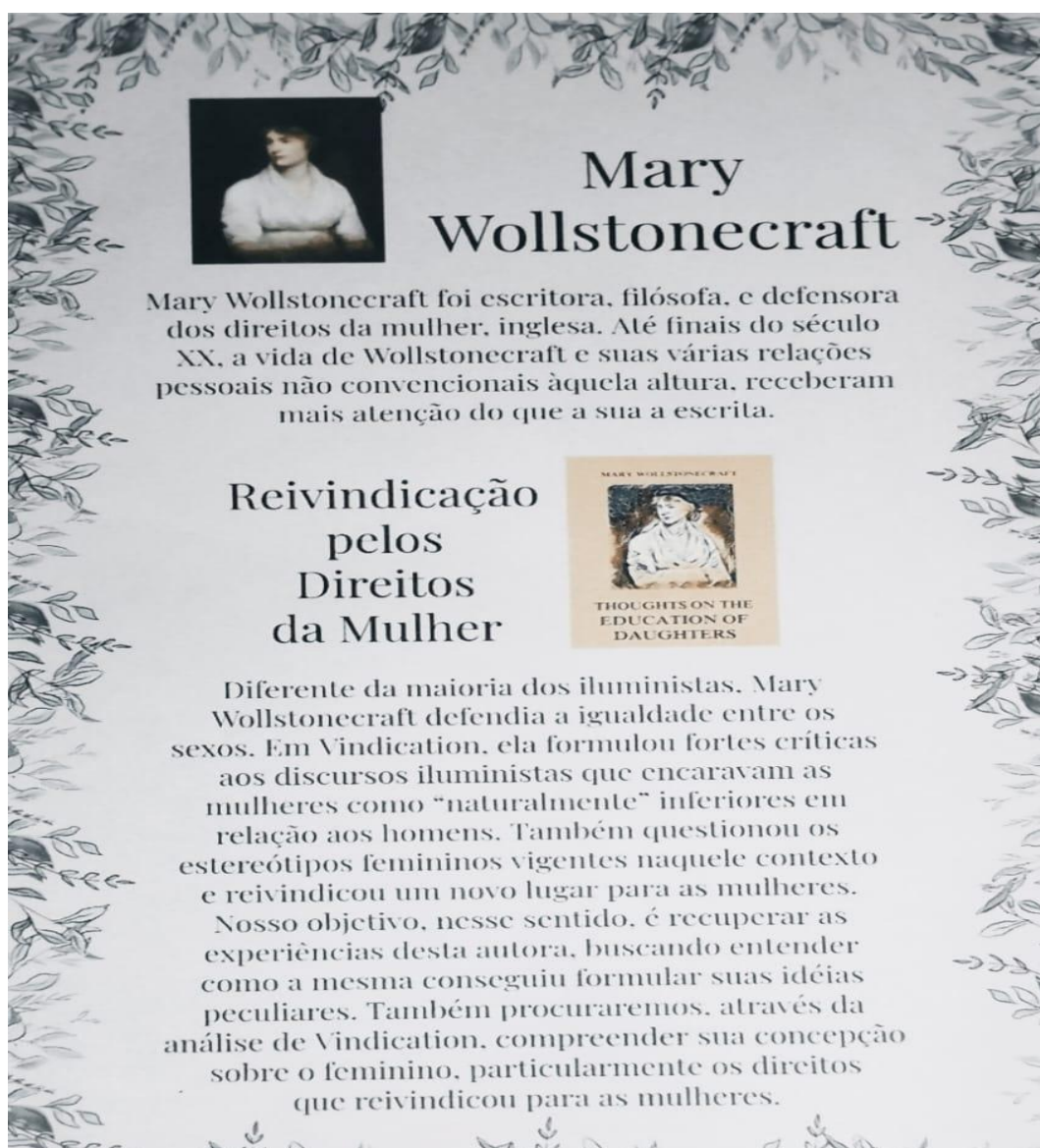
Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

De acordo com Sandra Eckschmidt, em sua dissertação "A Arte de Lembrar e Esquecer: Narativas Autobiográficas de Professores (as) sobre sua Infância"<sup>9</sup>:

<sup>9</sup>ECKSCHMIDT, Sandra. A ARTE DE LEMBRAR E ESQUECER: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES(AS) SOBRE A SUA INFÂNCIA. Universidade Federal de



Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).



**Mary Wollstonecraft**

Mary Wollstonecraft foi escritora, filósofa, e defensora dos direitos da mulher, inglesa. Até finais do século XX, a vida de Wollstonecraft e suas várias relações pessoais não convencionais àquela altura, receberam mais atenção do que a sua a escrita.

**Reivindicação pelos Direitos da Mulher**

Diferente da maioria dos iluministas, Mary Wollstonecraft defendia a igualdade entre os sexos. Em *Vindication*, ela formulou fortes críticas aos discursos iluministas que encaravam as mulheres como “naturalmente” inferiores em relação aos homens. Também questionou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto e reivindicou um novo lugar para as mulheres. Nosso objetivo, nesse sentido, é recuperar as experiências desta autora, buscando entender como a mesma conseguiu formular suas idéias peculiares. Também procuraremos, através da análise de *Vindication*, compreender sua concepção sobre o feminino, particularmente os direitos que reivindicou para as mulheres.

**Figura 10** - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa)

Como atividade a respeito do nível educacional das mulheres, as/os estudantes conversaram sobre educação, com mulheres que faziam parte de suas vidas. Verificamos que muitas destas mulheres não estudaram pelo fato de precisarem trabalhar e cuidar da casa, algumas tinham que cuidar dos filhos, outras, porque engravidaram. Ainda, há aquelas que não estudaram porque seus pais não deixaram, pois a educação/formação não era importante para a mulher, afinal, as “mulheres não precisavam estudar”. Na análise dos relatos, era como se, atualmente,

ecoasse a reivindicação de Mary Wolstonecraft, escrita há tanto tempo: homens afirmando que mulher tem que saber, apenas, limpar a casa e cuidar do marido e do filho, o resto não importa.

Essas memórias foram trazidas para a sala de aula e para um diálogo sobre a importância da educação que proporcionasse a independência e autonomia das meninas; sugestões de questionamentos estão em anexo. As/os estudantes conversaram sobre educação com mulheres que fazem parte de suas vidas e, como resultado, descobriram fatos que não imaginavam acontecer em nossos dias.

As narrativas biográficas possibilitaram conhecer e compreender as histórias e opressões vividas. Um fator de relevante importância foi a possibilidade de perceber que muitas das mulheres entrevistadas valorizavam a educação. A última questão, que sugere um conselho para a juventude, foi respondida praticamente por todas da mesma forma: “Estudaria para ter uma profissão!” (Estudante Ana).

Ouvir as mães, avós, irmãs e outras mulheres importantes na vida das/os educandos e educandas nos fez vivenciar momentos de minha vida. Por vezes, convivi com a sensação de indignação diante das situações descritas. Aquelas mulheres reconhecem na educação um fator importante para a independência, visto que, devido às dificuldades que tiveram, pouco estudaram, e disso sentem falta. “Enquanto em casa eram ensinadas a sempre cuidar da casa e dos irmãos” (Estudante Maria).

Uma das mães, quando questionada sobre como foi educada pelos seus pais, respondeu que eles haviam ensinado as funções necessárias para ser uma mulher do lar. Mais uma vez, identificamos a negação do direito à educação como causa de muitas opressões.

Juntas/os fizemos Filosofia à medida em que questionamos as opressões e nossos papéis na sociedade, na medida em que localizamos alguns conceitos e estes auxiliaram na compreensão das realidades existentes e com as quais nos deparamos.

Na etapa de produção textual, foi a vez das e dos estudantes escreverem um texto atualizando a reivindicação de Mary Wollstonecraft, com o objetivo de pontuarem os direitos que não são concretizados no dia a dia, bem como as ambições da maioria das meninas em busca de liberdade e da quebra de

estereótipos e preconceitos que levam ao machismo e à violência. Nesse contexto, enfatizamos a importância da educação nesse processo.

#### **REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES NA ATUALIDADE**

Ao longo dos anos foram reivindicados os direitos das mulheres, dentre esses direitos está a educação, algo fundamental para o desenvolvimento racional de nós mulheres; Em uma entrevista que fiz com uma entrevista que fiz com uma mulher que é inspiração para mim (minha irmã de 34 anos), segundo ela: em seu tempo a educação entre meninos e meninas era diferenciada, meninos eram livres para fazer o que quisessem, pelo fato de serem “meninos”, e as meninas deveriam ajudar em casa (limpar, cozinhar, cuidar dos irmãos, etc); ainda na adolescência, aos 13 anos de idade, ela engravidou de seu primeiro filho, julgada pelo padrasto (meu pai), ela foi morar com o namorado, enquanto estava grávida estudava e trabalhava, ela teve que amadurecer a ponto de ajudar a própria família (ela era apenas uma adolescente), uma mulher forte e independente que superou todas as dificuldades da época e que admiro muito.

Os tempos mudaram e hoje em dia muitas mulheres reivindicam a luta pelos direitos básicos de nós mulheres, porém a sociedade ainda bloqueia esse pensamento, onde mulheres podem (e devem) ser independentes e donas de si; muitas dessas mulheres foram oprimidas e ignoradas. Para continuar essa luta, reivindicamos para todas as mulheres, sejam elas brancas ou negras, ricas ou pobres, os direitos iguais à voz feminina, o direito à liberdade, o direito à educação, a independência.

Nós mulheres desejamos o nosso lugar na sociedade, no trabalho, em casa...desejamos ser livres e não mais silenciadas! Desejamos ser nós mesmas (Estudante Rose).

Na **SEQUÊNCIA DE AULAS 05: FILÓSOFAS - SOBRE VISIBILIZAR SILENCIAMENTOS** (ANEXO 1), as e os estudantes realizaram um seminário sobre as mulheres na filosofia, para que conhecessem um pouco de suas ideias, e produziram um texto sobre o que aprendemos com estas, partindo do pressuposto de que o que estudamos sobre elas nos ajuda a pensar em quem somos e em como devemos agir na nossa sociedade. O tema do direito à educação das mulheres acompanhava as reflexões de algumas pensadoras, as quais fizeram parte das aulas, como Chimamanda Ngozi, Nísia Floresta, Simone de Beauvoir. Lélia Gonzalez tratou do papel da mulher negra na sociedade brasileira. Através destes textos, verificamos o quanto as mulheres ainda necessitam quebrar certos padrões para o enfrentamento das violências.

Para finalizar esta sequência, como sugestão de trabalho, foi proposto aos estudantes a produção de um panfleto, para dar visibilidade às mulheres que os acompanharam durante parte do tempo na escola. Os trabalhos foram distribuídos

pelo ambiente escolar, espalhados por todos os cantos da escola.



**Figura 11** - Mural da escola com os panfletos sobre mulheres na filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

O diálogo e os círculos de conversas permearam este trabalho em sala de aula. Nesta atividade, referente a imagem acima, as/os adolescentes tentaram destacar a importância de lermos e de estudarmos as mulheres em sala de aula.

As atividades realizadas eram compartilhadas com a turma durante as aulas. Enquanto nos encaminhávamos para o encerramento de um longo caminho, que durou praticamente o ano todo, chegava o momento de compreender as nossas histórias, e verificar que as mulheres que estudamos, que fizeram parte de nossa pesquisa, ajudaram cada um e cada uma a sua maneira; as mães, avós e irmãs haviam fornecido lições de vida e luta. A resistência fazia parte do que elas haviam contado, sendo que somos diversas, mas a luta por direito é de todas. Com seus escritos, as pensadoras que nos acompanharam nesta caminhada foram fundamentais para pensar a respeito de “quem somos?”.

1. O que aprendi com as filólogas e com as mulheres (mães) que estudamos?

R= Todas as filólogas que estudamos são imigrantes, pois cada uma tem sua história de vida, mas todas lutaram por um único objetivo "reivindicar os direitos das mulheres", sejam elas negras, brancas, pardas, casadas, solteiras, divorciadas ou heterossexuais. Todas as mulheres nos ensinaram a ter resistência, com elas pude conhecer meus direitos enquanto mulher e que jamais devemos deixar de lutar contra a violência imposta pela sociedade. Conhecer meus direitos é um bem que ninguém jamais poderá me tirar, e que me impulsiona a lutar por meus direitos e lutar.

**Figura 12** - Atividade no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Como estratégias de investigação construídas com as e os estudantes, o uso do diálogo informal, do questionário, dos diários, das entrevistas, das produções de cartazes e de textos se relacionavam com as pensadoras e com suas histórias de vida, de modo que as e os estudantes foram se constituindo também como pesquisadores e pesquisadoras da realidade das mulheres de suas famílias, comunidades e do mundo.

Raúl Fonet-Betancourt (2009), em sua *Filosofia Intercultural*, convida a repensar nossas vivências, sendo estas de fundamental importância para uma avaliação crítica acerca das tradições de pensamento a que pertencemos, para que dialoguem com as culturas silenciadas em espaços hegemônicos. Somente assim é possível fazer um filosofar em que todas/os possam participar e se reconhecer. De acordo com o autor, a pesquisa é importante para reconhecer as culturas dos marginalizados, pois promove a troca de saberes, memórias e resistências, que também são formas de expressão do mundo e de suas contradições.

Portanto, é assim que tentamos construir uma filosofia: em um espaço criado a partir do diálogo e da comunicação, que, através da interculturalidade, permite um olhar atento e de acolhimento do outro, um lugar cujas vozes sejam escutadas, cujos conhecimentos sejam sentidos e vistos, em que se pense em descolonizar, no sentido de que precisamos reconhecer sujeitos que foram oprimidos por uma cultura hegemônica, colonial e patriarcal.

## 2. DIREITO À EDUCAÇÃO DAS MULHERES

### 2.1 A Filosofia Intercultural ensinando a transgredir

Quando falamos e estudamos a Filosofia, o destaque está nos filósofos. A Filosofia que conhecemos ainda se veste de uma perspectiva excludente e masculina, pois estudamos Filosofia ocidental-moderna, produzida hegemonicamente por homens e que se pretende universal. Sobre isso, trouxemos para as aulas de filosofia alguns questionamentos aos estudantes: As mulheres fizeram/fazem Filosofia? Existem filósofas?

A existência de Filosofias contra-hegemônicas que visam desconstruir, descolonizar e ampliar o olhar acerca dos excluídas, dos colonizados, dos fora da norma, acolhendo outras formas de pensar, ver e estar no mundo tem sido fonte de inspiração para nossas práticas de ensino de Filosofia, para que possamos lutar pela expressão livre do pensamento e pela liberdade de ser e estar no mundo. Como escreve Magali Mendes Menezes: “Falo então de filosofias que carregam, é claro, uma história de contextos, problemas, concepções teóricas tecidas por lutas, desejos, resistências, criação-circunstâncias” (MENEZES, 2015, p. 64).

Pensamos numa filosofia que faça parte de nossas vidas. Magali Mendes de Menezes, em seu texto “A Filosofia Feminista desde os olhares a filosofia intercultural: uma reflexão entre margens”, nos diz:

Gostaria de falar desde o que alguns autores chamam de pensamento fronteiriço, ou seja, aquele pensar que afirma o espaço onde o pensamento foi negado. Para tanto é preciso problematizar o espaço onde está localizada a fala, quem fala e o que se decide falar. Estes pontos delimitam as questões que gostaria de desenvolver aqui para analisar as contribuições das filosofias feministas e interculturais na experiência de outros modos de se pensar e fazer filosofia (MENEZES, 2015, p. 62).

A Filosofia Feminista desafia a ordem estabelecida e afirma as mulheres enquanto seres pensantes em diversos espaços em que foram anuladas. Juliana Pacheco, em “Mulheres e Filosofia”, escreve a respeito dos desafios do uso do termo “filósofas”, sinônimo de mudança e (des)construção do pensar que se mostra

tão necessário na nossa sociedade: “...Falar em filósofas é “destruir” toda uma tradição filosófica machista e misoginia, a qual silenciou e ocultou não só a presença das mulheres pensadoras, como a contribuição delas para a história da filosofia” (PACHECO, 2016, p. 09).

Durante uma aula, surgiu o tema silenciamento, e questionei as e os estudantes, agora como educadora, a respeito: “O silenciamento é uma opressão? E a opressão é violência?”

Volto no tempo e penso em quantas vezes escolhi ficar em silêncio, e no quanto a escolha me fez mal, pois fazia com que eu me sentisse inexistente em certos espaços, apesar de fazer parte deles. Penso que estudar filósofas é fazer o que é próprio da Filosofia: (des)construir.

A historiadora Michelle Perrot, no livro “Minha História das Mulheres”, descreve sobre o quanto suas presenças foram ocultadas: “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2013. p. 17). No que diz respeito à importância da memória, esta é sempre reconstruída em função das experiências da pessoa que expõe.

Colaboramos para invisibilidade e para colonialidade (QUIJANO, 2005), enquanto professoras e professores, quando não levamos para a sala de aula reflexões sobre o tema, quando resolvemos não falar sobre a temática porque desconhecemos nossa própria história, nossas filosofias, ou quando não acreditamos em uma educação transgressora e democrática.

A colonização, para além de apenas se efetivar na apropriação das culturas colonizadas, também, apagou esses grupos e suas formas de vida e de expressão de conhecimentos, minimizou a influência exercida sobre o outro, anulando suas vozes e, conseqüentemente, suas existências. Para Quijano (2005), esse é um movimento de controle muito além do que estamos acostumados a pensar:

como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento e da produção do conhecimento (QUIJANO, 2005, p. 121).

María Lugones (2008) nos auxilia na definição de colonialidade do poder,

enquanto:

la interseccionalidad entre raza, clase, género y sexualidad con el objetivo de entender la preocupante indiferencia que los hombres muestran hacia las violencias que sistemáticamente se infringen sobre las mujeres de color, es decir, mujeres no blancas víctimas de la colonialidad del poder e, inseparablemente, de la colonialidad del género (LUGONES, 2008, p. 73).

É necessário observar a interseccionalidade de raça, classe, gênero e sexualidade nos movimentos feministas, o que permite perceber que a mulher negra sofre mais do que as mulheres brancas diante disso. Portanto, a colonialidade está diretamente relacionada às questões de gênero e, neste sentido, atua sobre as mulheres, cujo grupo também foi violado durante o processo de colonização que ainda tem influência sobre a figura feminina.

Ensinar filosofia a partir de nosso contexto histórico e cultural significa atuar sobre a memória e ampliar nosso olhar. Lembro-me de ouvir minha mãe dizer que papai sempre quis um menino quando eu era criança, e as palavras soavam em meus ouvidos como se eu tivesse ocupado um lugar que não me pertencia. Minha mãe sempre me disse que queria que eu usasse saias e vestidos, ou brincasse de boneca, quando o meu interesse era jogar futebol, brincar de carrinho e brincadeiras que meninas “não brincavam”. Percebia-me como culpada por aquilo que meu pai sempre desejou, também queria muito que meus pais compreendessem que não havia nascido o tão desejado ser do sexo masculino do qual eles haviam tanto sonhado, mas que, sim, eu era uma mulher que podia tudo, que podia ser tão forte quanto qualquer homem.

Minha mãe não tinha muito tempo para dar atenção, ela era costureira, e falo isso com orgulho, trabalhava em casa até altas horas; ela levantava sempre muito cedo e odiava quando eu chegava perto para pedir alguma coisa (ela fazia o que podia). Ela sempre repetia que “não queria que eu fosse como ela”, e eu via a sua realidade o dia todo. Os dias iniciavam e terminavam e, além de cuidar de mim, ela ainda tinha que fazer todos os trabalhos domésticos sozinha. Também lembro das broncas que levava, pois, sempre inquieta, gostava de estar por perto, questionando tudo o que ela fazia. Por vezes, enquanto minha mãe atendia suas clientes, eu estava ao seu lado, mas, segundo ela, eu devia ser uma garota comportada, afinal,

era uma menina. Minha mãe costurava enquanto fazia o almoço, depois tratava de limpar a casa e me ensinar a fazer a mesmo. Sei que essa não é somente a minha história, mas a de tantas outras mulheres. Enquanto crescia, eu percebia que ser mulher parecia difícil, pois eram tantas cobranças! Era como se ser mulher me direcionasse a destinos que eu não queria para mim.

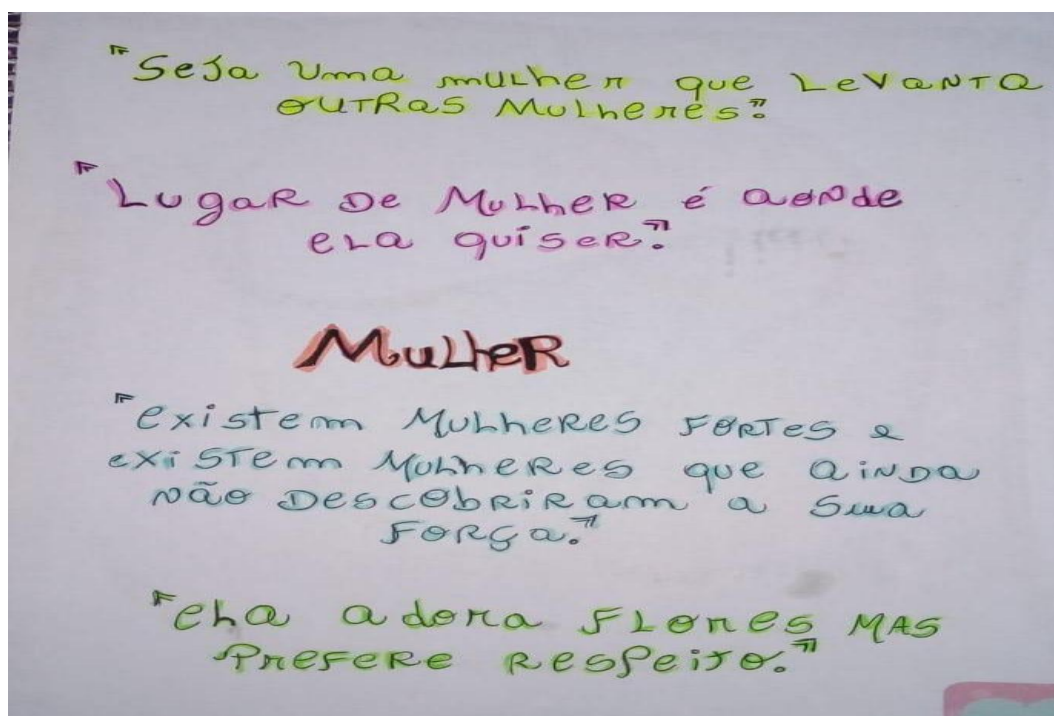


Figura 13 - Frases no diário de aprendizagens

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A condição de mulher, tal como minha memória de infância acima revelada, pode ser compreendida com contribuições de filósofas. Simone de Beauvoir, na obra "O Segundo Sexo", argumenta: "Não se nasce mulher, torna-se mulher" (1949/1975, p. 13), sugerindo que a mulher nunca é vista pelo que realmente é, mas pelos olhares dos outros, dos homens; afinal, não nascemos "as mulheres", cuja sociedade espera que se tornem boas mães e esposas, não que isso seja ruim, mas nossas essências estão para além destas funções que a sociedade patriarcal nos impõe e, a partir das quais, nos define. Podemos, sim, ser esposas e mães, desde que seja a nossa escolha e não algo como um destino do qual não podemos fugir. Essa "essência" que a cultura hegemônica diz que temos só serviu para que os

homens, ao longo da história, controlassem as mulheres, escrevessem por elas, tornando-as submissas e invisíveis para a sociedade.

Se, ainda hoje, ser mulher e escrever parece algo tão distante, imagine, então, no século XVIII, em que as mulheres não tinham direito de voz, em que pensadores brilhantes, como Jean-Jacques Rousseau, descrevem as funções de uma mulher da seguinte forma:

Toda a educação da mulher deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, torna-lhes a vida útil e agradável – São esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância (ROUSSEAU, 1992, p. 424).

As mulheres deveriam aprender a ser boas mães e esposas, era o que alguns filósofos teorizaram; essa é a lei da natureza, defendida por Rousseau. Reclusas ao mundo e distantes da liberdade, a mulher deveria ser ensinada desde muito pequena a gostar de cuidar da casa e se dedicar a isso com fervor. Para os pensadores iluministas, as mulheres não eram inferiores apenas fisicamente, mas intelectualmente.

Filósofos como Jean-Jacques Rousseau tratavam de escrever sobre as mulheres em suas obras, fato que podemos constatar na leitura de livros como Emílio, de Rousseau. A função principal da mulher é ser mãe, isso a faz ser o que ela é. Nas palavras de Rousseau:

A mulher é feita especialmente para agradar o homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos direta: seu mérito está na sua força; agrada já, pela simples razão de ser forte (...) Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo. Sua violência está nos seus encantos; é por eles que ela deve constrangê-lo a encontrar sua força e empregá-la. Daí nascem o ataque e a defesa, a ousadia de um sexo e a timidez do outro, finalmente a modéstia e pudor com que a natureza armou o fraco para escravizar o forte (ROUSSEAU, 1992, p. 426).

Alguns pensadores tentaram legitimar a inferioridade feminina a partir da sua própria natureza e entenderam a mulher como dependente do homem, uma vez que, este tem posse da faculdade da razão. As mulheres, por outro lado, fariam uso da

razão somente perante algumas necessidades do marido e dos filhos, em condições que seria útil o uso de suas virtudes, também devendo a mulher ser educada para esse fim. Enquanto isso, ser mãe e exercer as funções domésticas parecem ser exclusividade do gênero feminino. Quando mulheres optam por posições adversas ao pensamento descrito, são discriminadas pela sociedade.

Na obra “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, influenciada por ideias iluministas, Mary Wollstonecraft tece críticas a pensadores que reservavam para a mulher um lugar inferior na sociedade, pois elas não tinham acesso a uma educação baseada na racionalidade, o que as mantinha submissas e resignadas. Seu livro se torna um documento que fala por todas as mulheres, é a voz de mais uma filósofa e mulher que não se calou e que continuou a ser ouvida mesmo depois de muito tempo. Para Magali Menezes, há a necessidade de refletirmos a respeito:

Com isso quero pensar por que a Filosofia resiste tanto em problematizar a história de opressão vivida pelas mulheres, construindo um discurso de exclusão e muitas vezes, de desqualificação sistemática de mais da metade da espécie humana? Ou não será isto uma questão filosófica? A Filosofia (está escrita com letra maiúscula) ao negar essa discussão não estaria negando sua própria condição, seu movimento de re-flexão, de voltar-se sobre si mesma? (MENEZES, 2015, p. 124).

Foi enfrentando esse tipo de pensamento patriarcal e colonizador que as mulheres começaram a se organizar. As lutas feministas ocorreram em diversos momentos, contemplando diferentes reivindicações; essas conquistas têm sido chamadas de “ondas<sup>10</sup>”, que caracterizam momentos históricos de movimentos organizados que resultam em avanços na libertação das mulheres das opressões.

---

<sup>10</sup> Em geral, afirma-se que o ocidente vivenciou pelo menos três momentos de grande movimentação e articulação feminista não restritos a um único espaço geográfico e que poderiam ser chamados de ondas feministas, em uma perspectiva mais global. A primeira dessas ondas formou-se na segunda metade do século XIX, em diferentes países, impulsionando inúmeras demandas até o início da I Guerra Mundial, quando milhares de mulheres se viram obrigadas a lidar com a devastação e os problemas gerados pelos contextos da guerra. A segunda onda despontou em meados da década de 1960, intensificando-se na década de 1970 e espalhando-se por vários contextos sociais nas décadas seguintes. Quanto à terceira onda, há controvérsias sobre a sua periodização e caracterização. Essa controvérsia implica a existência ou não de uma quarta onda. De qualquer forma, no início do século XXI tornou-se perceptível, em vários pontos do globo, uma nova onda feminista, seja ela a terceira ou a quarta onda, e cujos efeitos e rumos ainda não são de todo conhecidos. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 11/02/2023.

Não quero ser cúmplice de um projeto de poder que visa a manutenção das opressões e das violências. Levando em consideração que tratamos aqui de mulheres, as quais, por muito tempo, viveram sob o domínio do patriarcado e ainda experimentam seus reflexos, somos chamadas a desconstruir e nutrir em prol da vida e da liberdade das mulheres, questionando as posições, os conteúdos que fazem parte das aulas e o papel do educador. Por essa razão, abraçamos a ideia de uma Filosofia Intercultural e do Ensino de Filosofia em Comunidade de Aprendizagens (hooks, 2012), questionando da prática à matriz de poder colonial e da colonialidade do saber (QUIJANO, 2005). A colonialidade faz referência à dimensão epistêmica da forma de conhecimento que parte de uma tradição europeia numa dimensão ontológica e que se reproduzem a partir das heranças coloniais.

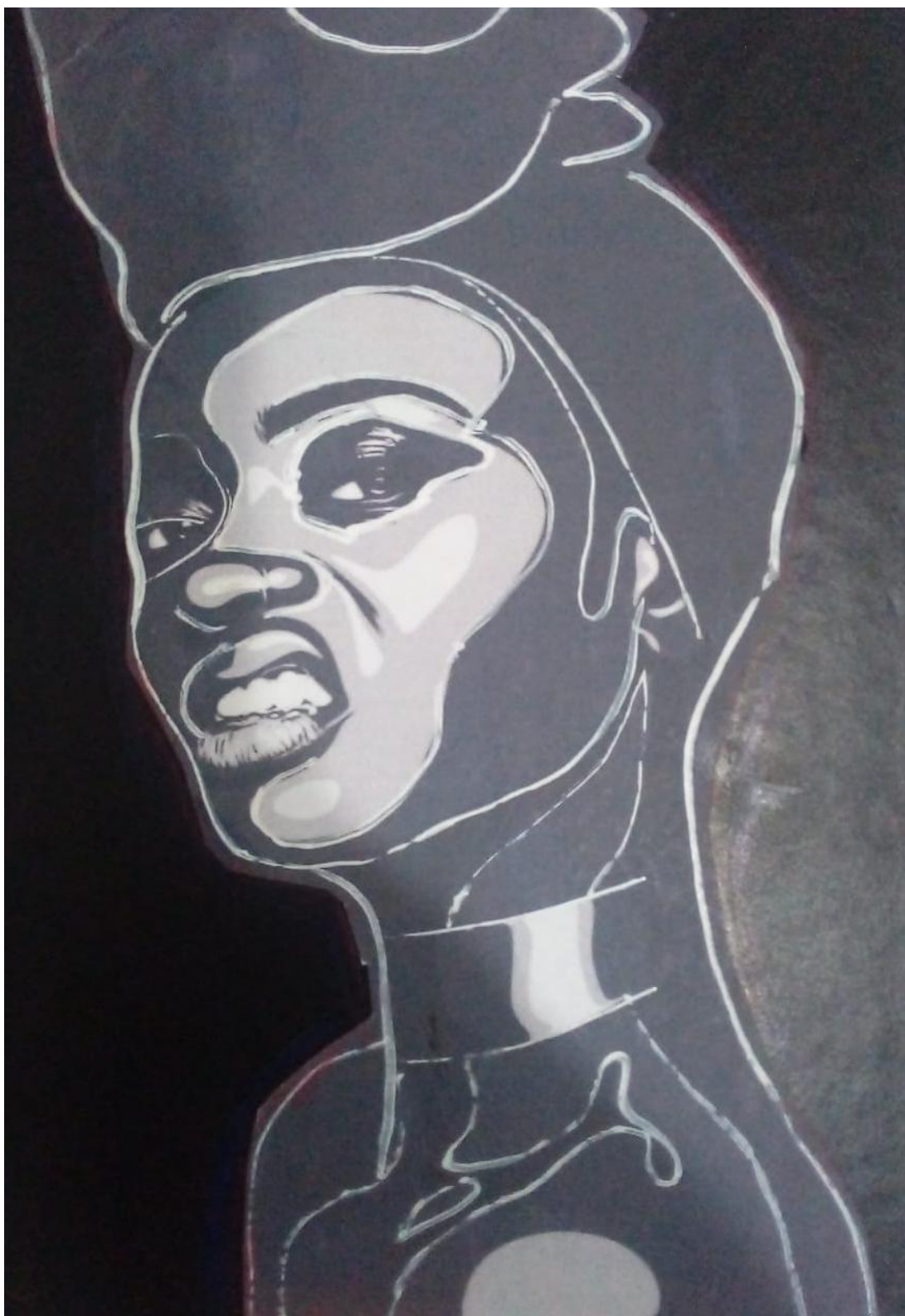
De acordo com bell hooks, a respeito da construção de uma educação como prática de liberdade, o processo de ensino-aprendizagem deve “mostrar práticas pedagógicas engajadas na criação de uma nova linguagem, na ruptura das fronteiras disciplinares, na descentralização da autoridade e na reescrita das áreas limítrofes institucionais e discursivas [...]” (hooks, 2013, p. 173).

A Interculturalidade proporciona a compreensão do outro, que se faz através do diálogo e da aproximação. As teóricas e os teóricos utilizados falam e escrevem com afeto, com proximidade e através da construção coletiva. Por isso é tão difícil escrever, por mais que tentemos definir, as definições não podem deixar de fora pessoas e anseios, por essa razão, a sensação de não contemplar todas/os está presente.

## **2.2 Porque é preciso falar em Feminismos**

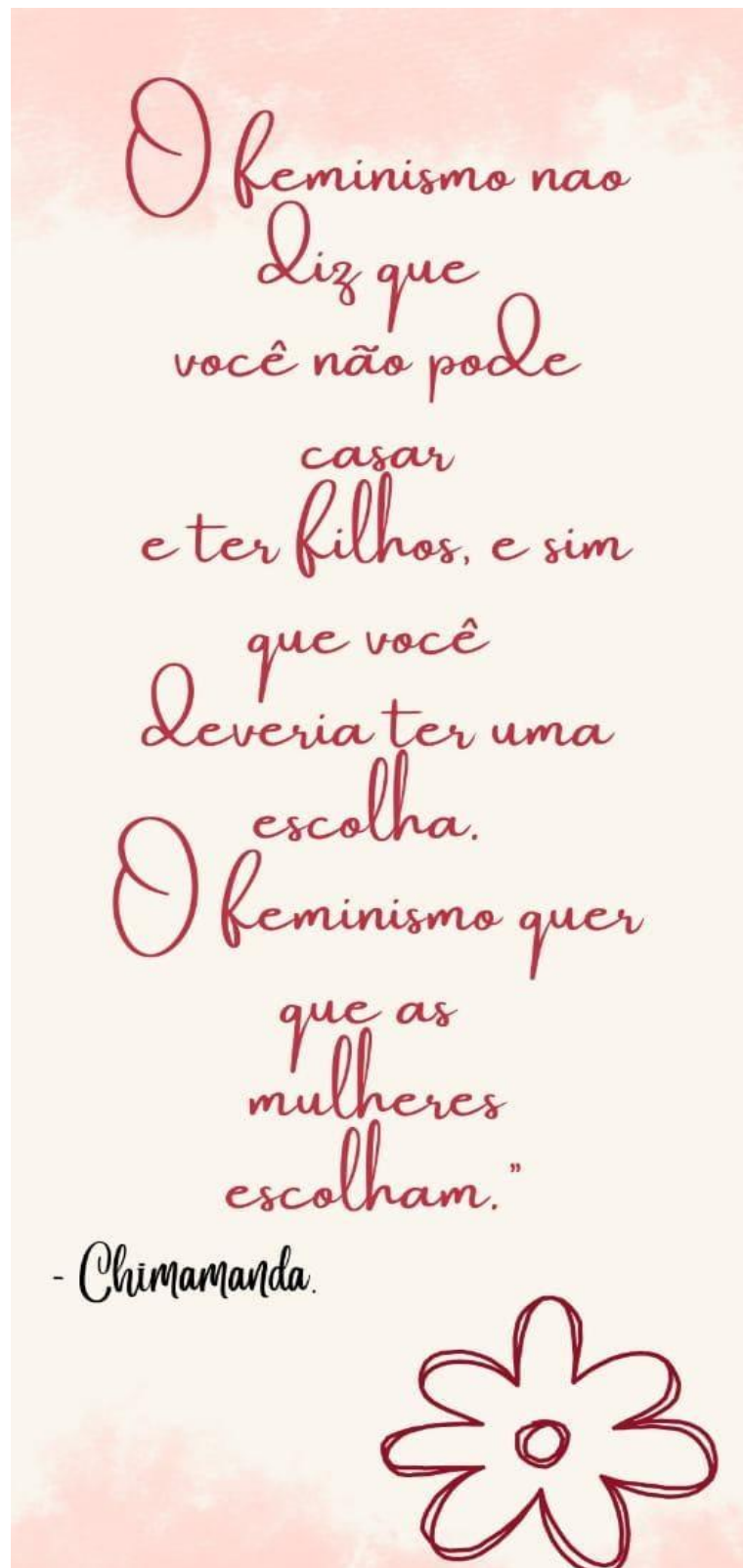
“Querido diário,

Acredito que vamos passar um bom tempo juntos, e eu espero aprender muito nessa jornada. Eu fiz essa capa com o intuito de mostrar a representatividade. Uma mulher, negra e forte! Normalmente sempre quando falamos em feminismo vem à mente a imagem de uma mulher branca, e acho que devemos abrir as portas para representar outras etnias” (Estudante Sonia).



**Figura 14** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa)



**Figura 15** – Recorte de um panfleto sobre as mulheres na Filosofia  
Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Não é possível falar em direitos das mulheres sem falar de feminismos. Heloísa Buarque de Hollanda, autora de “Pensamento feminista brasileiro, formação e contexto”, defende que a negação do termo e a falta de identificação da juventude atual e do reconhecimento das lutas e conquistas desse grupo é uma derrota desse movimento tão importante de resistência:

Mas se essas foram vitórias do movimento feminista, sua grande derrota foi ter permitido que um forte preconceito isolasse o termo, sem conseguir se impor com orgulho para a maioria das mulheres. A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não apenas promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal-amada, machona, feia, em total oposição à ideia do “feminino”. Provavelmente, por receio de serem rejeitadas ou de ficarem “malvistas”, muitas de nossas escritoras, intelectuais, e a brasileira de modo geral, passaram enfaticamente a recusar esse título. Talvez seja uma derrota do feminismo permitir que as novas gerações desconheçam a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras, a luta das mulheres do passado que, de peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos (HOLLANDA, 2019, “não paginado”).

Segundo a autora, trata-se de um movimento revolucionário que fez a resistência frente às questões básicas. É incrível quando percebemos que mulheres lutaram por coisas que hoje, para nós, são tão comuns e normais que parecem praticamente imperceptíveis; não conseguimos compreender a importância e a força do que conquistamos. Direitos básicos como o direito de estudar, ler e escrever, direito de poder escolher o que queremos ou quem queremos para nós, e até o direito à sensação de prazer foram conquistados ao longo de nossa história:

Se lembrarmos que o feminismo foi um movimento legítimo que atravessou várias décadas e transformou as relações entre homens e mulheres, torna-se inexplicável o porquê de sua desconsideração pelos formadores de opinião pública. Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais se tornaram parte integrante da sociedade, como o direito de a mulher frequentar a universidade, escolher sua profissão, receber salários iguais e candidatar-se ao que quiser (HOLLANDA, 2019, “não paginado”).

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, descreve, em sua obra “Sejam Todos Feministas”, que:

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (ADICHIE, 2014, p. 36-37).

O fato de o Movimento Feminista ter se destacado no século XIX não quer dizer que as mulheres anteriormente aceitaram suas condições de inferioridade. Elas resistiram, apenas não estavam organizadas em coletivos que reivindicassem seus direitos.

Dividir ou classificar a sequência de conquistas desse movimento, por vezes pode minimizá-lo, e não é o que pretendemos aqui, mas, sim, tentar compreender a organização das mulheres e a sequência da busca de direitos e reivindicações no decorrer da história. A partir da filósofa Mary Wollstonecraft (1792), em diálogo com outras filósofas/pensadoras que escreveram sobre o tema, verificamos que ela foi uma das primeiras mulheres a questionar a ordem natural das coisas e o papel da mulher na sociedade iluminista, reivindicando direitos que só foram conquistados muito tempo depois.

Feministas são mulheres que desconstruem os padrões e estereótipos que a sociedade nos impõe e, quando não o conseguem, pois a vida não é a mesma em oportunidades e dificuldades para todas as mulheres, devemos levar em consideração que há diversas maneiras de travar batalhas contra o patriarcado. As minhas armas, por exemplo, são o papel e a caneta. Feministas são mulheres que incentivam mulheres a ir além das funções estabelecidas pela nossa sociedade. É por essas razões que, neste texto, falamos de mulheres comuns, aquelas com as quais convivemos e que não encontramos nas bibliotecas das universidades ou escolas em que estudamos e/ou trabalhamos; mulheres que têm filhos e netos, algumas trabalham na roça, outras em supermercados ou lojas, são costureiras, diaristas, donas de casa... são Marias, Anas, Adrianas, Joelmas... mulheres que não conseguiram estudar, porque seus pais achavam que estudar não era pra elas, enfim, feministas para as/os estudantes eram essas mulheres guerreiras do cotidiano destes. Como relata uma de minhas estudantes, Marli: “Minha avó, admiro

muito ela, mas seu pai não deixou que ela estudasse, disse a ela que ela só precisava aprender a escrever seu nome, e nada mais.”

Sabemos que muitas dessas mulheres não tiveram escolhas em alguns momentos de suas vidas. As/os estudantes relataram a admiração que possuem pelas suas mães, grandes mulheres que lhes ensinaram muito. Abaixo, seguem relatos sobre as mulheres que alguns estudantes desenharam na capa de seus diários de aprendizagem.



**Figura 16** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano do EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

“O motivo para eu desenhar esta mulher na capa é porque ela é uma mulher muito especial e que eu amo muito, minha mãe. Uma mulher batalhadora que sofreu muito na vida já, e trabalhou muito para sustentar seus filhos. Se eu contar a história dela, dá para escrever um livro” (Estudante Juliana).

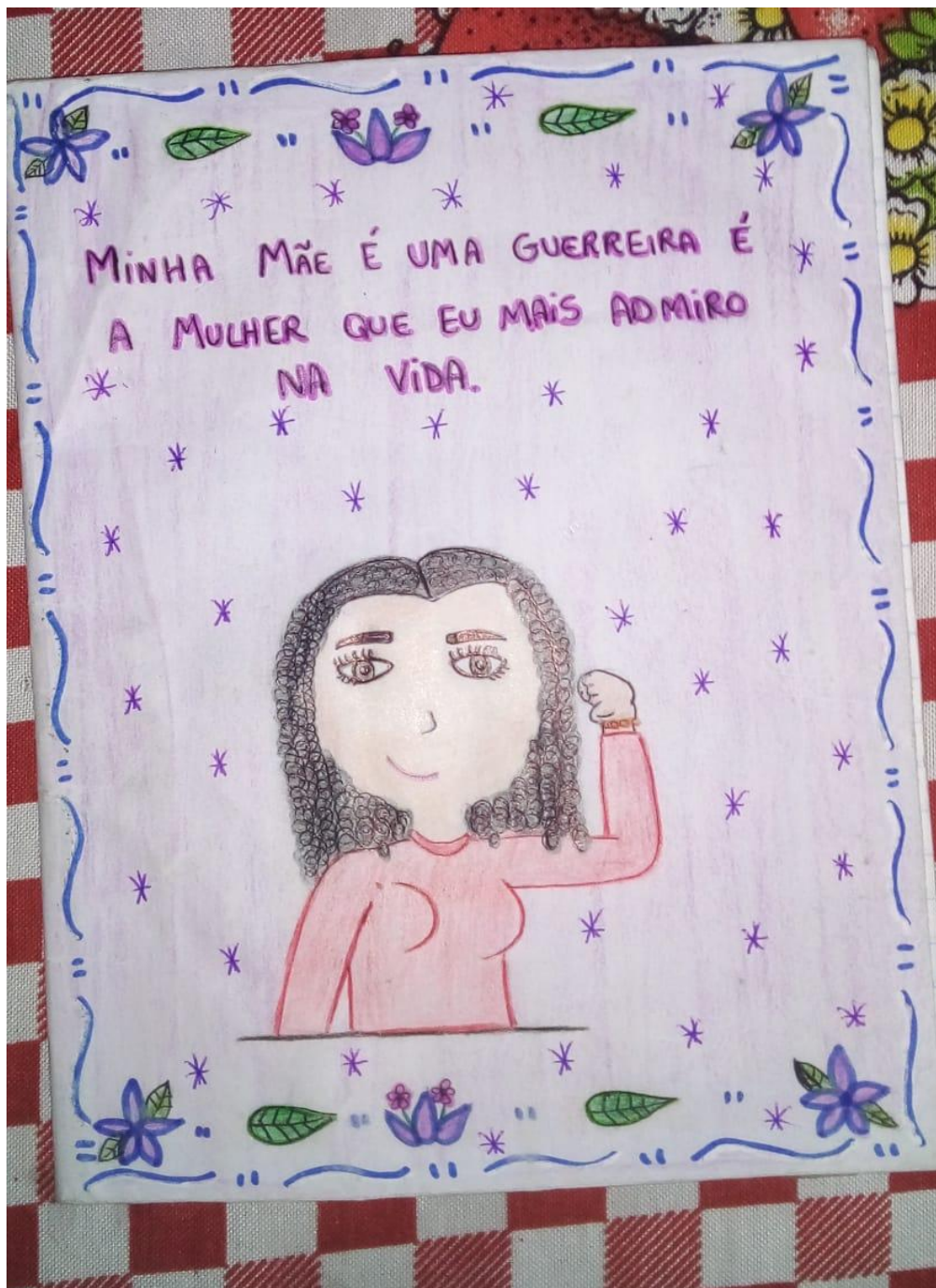


**Figura 17** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudante do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

“Minha mãe me inspira todos os dias, porque ela é a pessoa que mais torce por mim, ela me ensina tudo o que preciso para ser feliz” (Estudante Rose).

**Figura 18** – Capa de um diário de aprendizagem



Fonte: Estudante do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2011 (acervo da pesquisa)

“Eu admiro minha mãe porque ela é uma mulher guerreira que me apoia em tudo,

me ajuda nos momentos bons e ruins. Admiro ela por ser uma mulher trabalhadora, que sempre quer ver a família feliz. Admiro ela pela força e coragem que tem nos momentos difíceis” (Estudante Joelma).

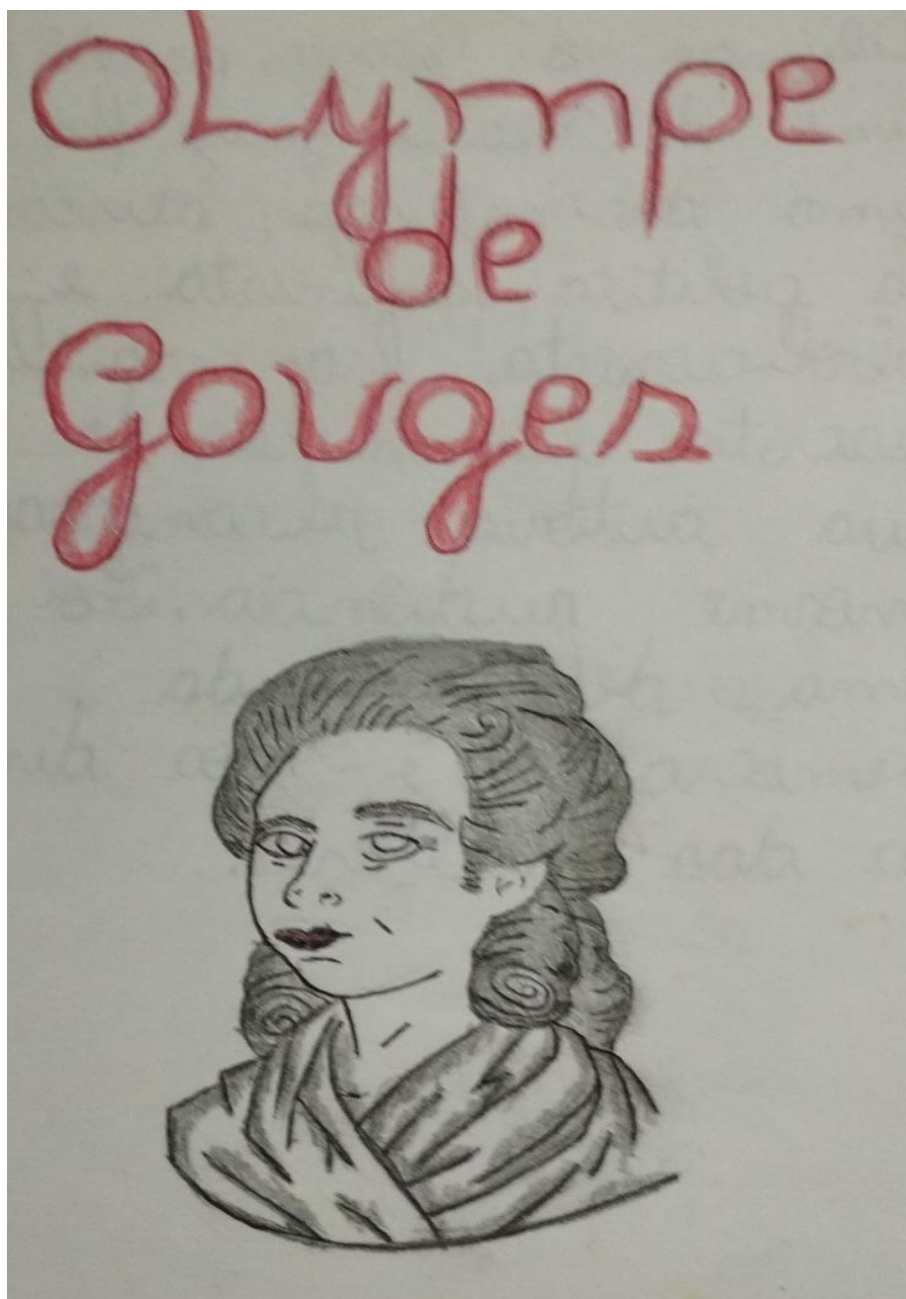
Feministas são essas mulheres, que nos incentivam e nos causam admiração, porque conhecemos suas lutas diárias; são reconhecidas pelos seus enfrentamentos e pela coragem que tiveram, mulheres que sofreram de muitas maneiras, afinal, como escutei uma certa vez “não é fácil ser mulher em um mundo machista”.

Ao mesmo tempo, essas mulheres não podiam estudar, porque deveriam auxiliar em suas casas, ou ajudar no sustento da família. Algumas criaram seus filhos sozinhas, deixaram de lado sonhos, foram violentadas, pois não puderam escolher outro caminho, tiveram que deixar de lado o que queriam para fazer o que era preciso; mulheres que conhecemos ao longo de nossas caminhadas, cheias de histórias e de memória, mulheres que nos inspiram, todos os dias, a seguir em frente e que são o grande incentivo desta escrita.

Nesta pesquisa, as pensadoras dialogam com nossas histórias, elas existem enquanto afirmam suas ideias e enquanto questionam a mentalidade predominante. Mary Wollstonecraft traz pensamentos que percorrem o tempo, que refletem e tem relação com várias escritoras.

Foi durante o período do Iluminismo que ganhou força a busca pelos direitos básicos do ser humano. Diante desse silenciamento que perpassa os mais diversos espaços, a legislação, as escolas e universidades, as mulheres travaram batalhas em diversos espaços, talvez muitas não foram reconhecidas.

Olympe de Gouges (pseudônimo de Marie Gouze), escritora, dramaturga, abolicionista, por exemplo, criou panfletos para expressar sua indignação com a sociedade da época, também escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, questionando a Declaração Francesa e a ausência das mulheres na Constituição e na participação política ativa. Por essas razões, foi guilhotinada.



**Figura 19** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Mulheres como Olympe de Gouges e, posteriormente, Mary Wollstonecraft (1759–1797), questionaram as funções das mulheres e a educação a que estavam submetidas, debatendo com os pensadores do período. A escritora e filósofa inglesa Mary Wollstonecraft escreveu sobre a educação e o papel das mulheres na sociedade, tecendo várias críticas ao modelo de educação que trata a mulher como diferente, ressaltando que a mulher deveria ter uma educação voltada para o

exercício de suas capacidades intelectuais. Sua história também reflete a de muitas mulheres, história de uma mulher apaixonada e sonhadora, que desafiou o seu tempo. As ideias da autora superaram as barreiras do silenciamento, barreiras criadas, por vezes, pelos próprios filósofos da época Iluminista. Mary Wollstonecraft se apaixonou por um homem e quando engravidou, foi abandonada pelo parceiro, que a deixou por outra mulher. Tornando-se mãe solo, precisou enfrentar as dificuldades de ser mãe e escritora, tendo que dividir a escrita com seus outros afazeres, próprios das mulheres de sua época.

A pensadora ficou conhecida por escrever a *Reivindicação pelos Direitos da Mulher*, em 1792, contestando a declaração que embasou a Revolução Francesa, pois percebera que as mulheres não estavam inseridas. Foi considerada a precursora do feminismo e reivindicou o direito das mulheres de poderem escolher seus destinos, anseio que somente poderia ser concretizado por meio de uma educação que priorizasse a capacidade intelectual das mulheres e contemplasse o direito de poderem ser elas mesmas, visto que as mulheres não podiam fazer nada por vontade própria, dependendo sempre da autorização dos homens a quem “pertenciam”.

Sua história foi marcada, desde cedo, pelo silenciamento. Aprendeu, ainda menina, o que as mulheres não deveriam fazer, e falar estava na lista das proibições. Ainda na infância, viu seu pai, preso ao vício do álcool, violentar sua mãe e perder todo o dinheiro da família. Apesar de tentar defendê-la, nas muitas vezes em que isso acontecia, sua mãe nunca demonstrou afeto. Mary Wollstonecraft se esforçava cuidando dos irmãos, mas não recebia da mãe nenhuma gratidão: “Por desobediências insignificantes, ela forçava Mary a ficar três a quatro horas sentada ao lado da lareira, ‘sem ousar dizer uma única palavra’. Já adulta, Mary escreveu que, se tivesse sido punida por fazer algo errado, ela teria aceitado” (apud GORDON, 2020, p. 36).

Em nosso momento atual, tanto tempo depois que Mary Wollstonecraft viveu, no escrito das/os estudantes que fizeram parte deste trabalho, percebemos o quanto ainda as funções das mulheres estão relegadas aos serviços domésticos e aos filhos, perdurando a visão de que mulheres devem obedecer e saber se comportar.

A estudante Sonia descreveu: “Desde pequena eu aprendi o que eu podia

falar, o jeito que devia me vestir, como eu deveria me comportar, o jeito que tinha que pensar. E tudo isso porque sou mulher.”

As e os estudantes descreveram, em seus diários de aprendizagens, que as mulheres deveriam ser obedientes, pois suas vidas ainda estão relacionadas às atividades domésticas. É espantoso pensar que não estamos falando do período iluminista, mas da atualidade.

Nas palavras da estudante Eva: “Na relação de meus avós, percebo que a mulher trabalha o dobro e recebe pouco; minha avó faz todo o serviço da casa e meu avô ainda reclama quando ela não faz.”

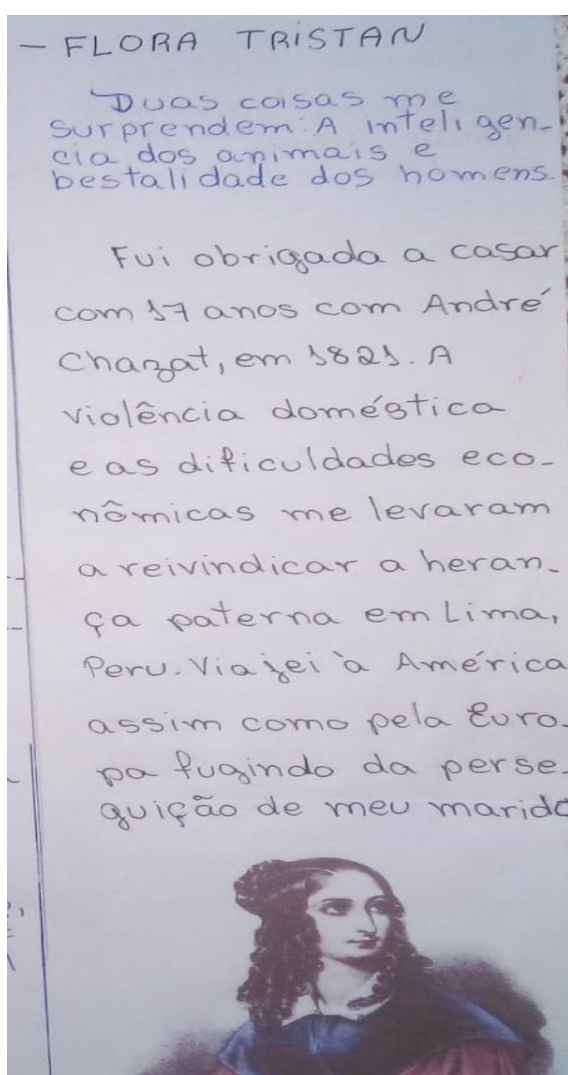
Muitas mulheres mencionadas nos registros das e dos estudantes tiveram que abandonar os estudos obrigadas pelos pais, como podemos verificar na declaração de Maria: “Meu avô proibiu a minha mãe de estudar, e ordenou que ela começasse a trabalhar com ele na fazenda.”

É possível constatar na vida e na obra de Mary Wollstonecraft o quanto do passado ainda está presente. Ela não desanimou e, quando foi à escola, não demorou para perceber que não teria o direito de aprender diversos assuntos, pois a educação das mulheres tinha em vista torná-las dependentes e submissas. A desigualdade de gênero a deixava angustiada e a ambição por liberdade guiava seus pensamentos. O sonho da escritora era estudar os mesmos temas estudados pelos meninos, mas cresceu cuidando da casa e da família, permanecendo nesse ambiente até virar dama de companhia. Mesmo diante das opressões de gênero, a luta pela tão sonhada independência continuava. Ela sofria na pele as consequências do machismo, em sua própria realidade familiar, a escritora acompanhou o trágico desfecho do casamento da irmã, que foi declarada louca pelo marido e sujeita a ser presa em um manicômio; injuriada, ela escreveu:

a esposa não tinha permissão para possuir nada... sendo a esposa uma propriedade do homem, tal como é seu cavalo, ou seu burro, ela não tem nada que possa chamar de seu. Sem proteção legal, as mulheres ficavam vulneráveis a toda sorte de abusos. O marido podia bater na esposa e declará-la insana. Se a mulher tentasse fugir, o marido tinha o direito de trazê-la de volta à força. Um homem podia privar a esposa de alimentos e mantê-la trancada em casa. Também podia impedi-la de procurar cuidados médicos ou de receber visitas que pudessem ajudar a aliviar o sofrimento. Para a maioria das mulheres, a morte e a deserção eram as únicas maneiras de fugir de um casamento infeliz (apud GORDON, 2020, p. 84-85).

A separação torna a mulher, em grande parte das vezes, a culpada pelo desfecho, sendo retratada como o lado frágil, a pessoa que não conseguirá viver sem a ajuda de um homem. Quando me separei, não faz muito tempo, parecia que nada fazia sentido e que, onde quer que eu estivesse, era como se não me reconhecesse em lugar nenhum. Hoje, busco me reconhecer de novo todos os dias.

Flora Tristan (1803-1844) escreveu a obra “Pérégrinations d’une pária”, que é um relato de uma viagem que realizou entre 1833 e 1834 pelo Peru, em busca do reconhecimento de sua família paterna.



**Figura 20** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Neste livro, a pensadora descreve a situação da mulher enquanto Pária:

mulher que foge do casamento, que vem de um país onde o divórcio não é aceito legalmente e onde seus direitos não são reconhecidos enquanto mulher. Filha de pai hispano-peruano, o coronel da Armada Espanhola Dom Mariano de Tristan y Moscoso, e de mãe francesa, Anne-Pierre Laisnay, foi considerada filha ilegítima por ser fruto de um matrimônio sem validade. Sem direito à herança, que buscou após a morte do pai, ela se reconhece enquanto uma Pária, uma mulher que escreveu quando apenas os homens eram reconhecidos como escritores. Para Flora Tristan:

Pária: até agora foram consideradas para nada nas sociedades humanas. (...). Qual o resultado disso? O padre, o legislador, o filósofo a trataram como verdadeira pária. A mulher, isto é, metade da humanidade, foi deixada fora da igreja, fora da lei, fora da sociedade <sup>11</sup> (TRISTÁN, 2015, p.14).

Flora Tristan perdeu o pai muito cedo. Quando a família passava por dificuldades, a mãe a obrigou a se casar aos 17 anos com um homem violento que a agredia e a humilhava. Casada e com três filhos, sofria com as agressões do marido. Visto que o divórcio era proibido, decidiu fugir e peregrinar pelo mundo. No entanto, o marido, achando-se seu dono, a perseguiu, tentando matá-la a tiros. Ainda assim, deixa os filhos com a mãe para peregrinar, escapando das perseguições. Enquanto pária, resistiu aos padrões impostos pela sociedade em que viveu e lutou pela emancipação feminina.

Mas afinal, o que é preciso para fazer parte dos padrões de nossa sociedade? Por quanto tempo nós, mulheres, teremos que ser definidas quando o que queremos é apenas poder ser quem realmente somos? E quem disse que não podemos gostar da solidão? E quem disse que não podemos ser felizes sem um casamento?

---

<sup>11</sup> TRISTÁN, FLORA. **União Operária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.



**Figura 21** - Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Até 1977, não era possível divorciar-se no Brasil. Sabemos que é alto o número de mulheres que não se separou por conta dos preconceitos sociais, condicionadas a aguentar uma relação que já não existia. Enquanto mulher separada, sinto na pele as angústias de Flora Tristan. A sociedade nos exclui e nos

diminui. Uma mulher separada é julgada e não vista com bons olhos pela sociedade, pois encontra-se fora dos padrões estabelecidos por uma sociedade ainda presa aos moldes patriarcais. Muitas de nós se sentem Párias em um contexto em que, ainda, a mulher é definida por ser mãe, esposa e pelos cuidados com a casa. Ainda sofremos com o machismo, mas concordamos com ele quando negamos às mulheres o direito de escolherem sobre aquilo que querem ser e o que desejam para suas vidas.

Mary Wollstonecraft clamou pelo reconhecimento intelectual de uma mulher através de sua própria escrita. Quando escreve, a autora está ciente de que está exercendo, em sua época, uma atividade propriamente masculina, expressando-se em um mundo patriarcal. Durante seis semanas, a escritora escreveu *As Reivindicações*, sua principal obra. As mulheres sempre escreveram sobre as mais diversas situações e condições, inclusive, faziam isso reclusas em suas próprias casas, sob os olhares opressores de seus maridos. Escondidas de tudo e de todos, eram extremamente sutis, a ponto de escreverem “debaixo do nariz” desses homens, em plena sala de estar. Diante de toda a movimentação, era no espaço mais comum e tumultuado da casa, onde as pessoas recebiam as visitas e viviam a maior parte do tempo, que elas escreviam seus romances. Assim, acontecia o processo de escrita de uma mulher! “Jane Austen escreveu assim até o fim de seus dias” (WOOLF, 1928, p.83).

Virginia Woolf Adeline Virginia Stephen, nasceu em 25 de janeiro de 1882 e se suicidou em 28 de março de 1941, em Londres. A escritora, pertencente ao modernismo britânico, deteve-se a questionar, principalmente, o papel das mulheres, a busca pelo reconhecimento delas e as condições para que as mulheres pudessem escrever ficção.

A escrita das mulheres foi e continua sendo uma forma de resistência. No período de Mary Wollstonecraft e Virginia Woolf, era incomum uma mulher escrever sua visão a respeito de suas próprias condições, de maneira que o comum consistia em escrever sobre suas sensibilidades, o que podemos verificar na escrita dos romances e das poesias. As escritoras mencionadas desafiaram o modelo vigente de escrita e utilizaram a literatura como espaço de crítica social.

Virginia Woolf era autodidata, fez o que estava ao seu alcance. Sozinha, lia

os livros dos seus irmãos, que estudavam em Cambridge. Mais tarde, casou-se, tendo o apoio do marido para escrever. Mulheres como Virginia escreviam sobre o que viam e para além do que seus olhares conseguiam enxergar. No entanto, como suas escritas podiam ser livres quando escreviam em prisões?

As mulheres precisavam emancipar-se financeiramente, contando com um espaço que pudessem chamar de seu, um espaço tranquilo onde produzissem suas escritas com liberdade: “As mulheres nunca dispõem de meia hora... que possam chamar de sua” (WOOLF, 1928, p.86). Que mulher possui esses privilégios? Penso na escritora e me vejo em tudo o que ela escreve. Neste mesmo instante em que escrevo, minha filha está a me questionar “Quando, mamãe, você vem brincar comigo?” Eu fico sem jeito, mas respondo que logo irei.

Nossos textos são escritos enquanto cuidamos dos filhos e dos afazeres de casa. E, para isso, ainda devemos abandonar o sentimento de culpa que nos persegue quando pensamos em nós. Percebemos que, no decorrer do tempo, muitas mulheres viveram por meio de suas escritas. Resistindo ao silenciamento do tempo, suas obras foram construções para além daquilo que viam e viviam, foram uma verdadeira fuga para alcançar a liberdade. Se existe uma escrita livre, lembremos que ela resistiu ao tempo para chegar até nós. A escrita não era livre, mas aspirava à liberdade que as mãos que rabiscam não possuíam e escreviam sobre o que queriam alcançar, e alcançaram as paisagens mais distantes. Escrever tratava-se de ir até onde a falta de liberdade não lhes permitia.

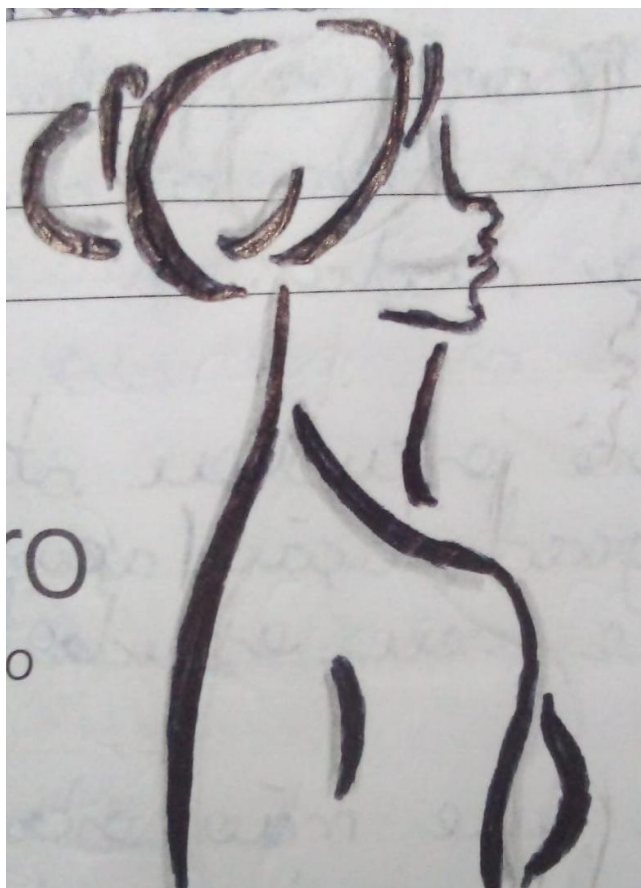
Virginia Woolf nos faz refletir acerca de um teto todo das mulheres. O teto nos diz muito sobre as condições que uma mulher deveria ter para se entregar à escrita. Não é apenas um espaço, visto que muitas mulheres escreveram aprisionadas entre quatro paredes ou sobre as vistas acirradas do machismo. Apesar da sala de estar permanecer sempre cheia de pessoas, era onde as mulheres encontrariam seu verdadeiro refúgio e teto: a liberdade de sermos nós mesmas e de fazer o que queremos.

Através de seus escritos, Mary Wollstonecraft reivindicou, no sentido mais profundo que essa palavra nos traz, o direito à educação das mulheres, o direito ao voto, à igualdade no casamento e, em particular, o direito de as mulheres casadas disporem de suas propriedades. Para a escritora, as mulheres eram:

Levadas por sua situação de dependência e suas ocupações domésticas a estar mais em sociedade, elas aprendem aos poucos e, como para elas, em geral, o aprendizado é algo secundário, não se dedicam a nenhuma disciplina com o ardor e a perseverança necessários para dar vigor às faculdades e clareza ao julgamento (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 43).

Sabemos que quando realizamos as atividades domésticas nem percebemos o tempo passar e, quando nos damos conta, estamos ocupadas todos os dias com as mesmas atividades que nunca terminam. Pelo contrário, se não interrompermos nossos afazeres para lermos um livro, por exemplo, nunca o faremos.

A história mostra que as mulheres lutaram por um espaço na literatura. Escrever não era considerado “coisa de mulher com opinião própria”. Coisa de mulher tinha que ser concordar com tudo que lhe fora imposto e ser meiga e amável no cumprimento de funções que ainda são romantizadas em nossa sociedade atual.



**Figura 22** – Desenho no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

As obras de Virginia Woolf sempre me atraíram, por tratarem de temas, que mesmo após tanto tempo, continuam necessários. A imagem acima, no desenho feito por um dos estudantes no seu diário, me lembra a escritora Virgínia Woolf; Penso que, talvez, suas obras fossem sobre as mulheres que, mesmo apesar dos obstáculos, escreviam; sobre matar os fantasmas que existiam e ainda assombram as mulheres e a escrita. É válido questionar: como escrever, enquanto se precisa cuidar dos filhos, ou limpar a casa? Assim, também escrevo agora, tentando afastar de mim a rotina cotidiana que me aprisiona.

Virginia Woolf escreve sobre matar o Anjo do Lar, afinal, ainda temos muitas funções; devemos matar o fantasma da mulher e seus atributos de esposa e mãe, que tanto nos impedem de fazer o queremos: “Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher” (WOOLF, 2020, p. 11).

Penso no quanto todas nós, mulheres que trabalham e estudam, têm que cuidar, sozinhas, da casa e dos filhos. Virginia Woolf descreve esse fantasma:

Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelentes nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias...seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros (WOOLF, 2020, p.11-12).

Mary Wollstonecraft, assim com Virginia Woolf, clamou por uma educação igualitária entre homens e mulheres, uma educação que tornasse as mulheres donas de seus destinos, seres independentes, capazes de pensar com autonomia: “Não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 89).

Pensar por si mesmas era o que a filósofa Mary Wollstonecraft reivindicava para as mulheres em pleno século das luzes, contrariando a ideia retrógrada de Rousseau em relação às mulheres. A autora trata, em sua obra, da necessidade do exercício do esclarecimento na formação das mulheres, pois vivenciava um período que relegou às mulheres apenas fragilidades e sensibilidades, ela associa às mulheres a racionalidade tão almejada:

É assim, por exemplo, que a demanda por educação tem por objetivo exclusivo permitir o livre desenvolvimento da mulher como ser racional, fortalecendo a virtude por meio do exercício da razão e tornando-a plenamente independente (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 14).

Para ela, essa falta de reconhecimento da igualdade da mulher se devia à disseminação das ideias dos pensadores iluministas e à construção cultural, a própria educação a que as mulheres estavam submetidas. A mulher deveria poder escolher e pensar por si, ser dona de suas escolhas e decisões. A autora defendeu a capacidade da mulher ser racional quando nem isso ela poderia ser. A educação produz mulheres submissas, sem autonomia alguma diante do mundo:

O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25).

Ainda hoje reivindicamos às mulheres os direitos de serem elas mesmas. Reivindicamos por espaços, por vozes, por leituras e escritas, por uma educação que também traga para a sala de aula suas angústias e vivências. Muitas mulheres não são valorizadas e se satisfazem com uma vida em que a família e as atividades da casa são suas principais funções; Apesar de trabalharem, as atividades domésticas são obrigações delas. Nas escritas das/os estudantes a respeito das mulheres que observaram, nas mulheres que fazem parte de suas vivências, transparece que ainda achamos normal que se destinam às mulheres a realização de todas as tarefas domésticas, além de cuidar da família:

Observei minha avó durante uma semana, ela tem 75 anos e faz a comida, lava a roupa, arruma a casa, cuida dos filhos e netos... (Estudante Lídia)  
Minha mãe segue uma rotina, ela acorda junto comigo e prepara o café, aí eu vou para a escola e quando volto, o almoço está pronto; depois limpa a casa, o trabalho acontece em meio a todas essas atividades, pois trabalha por telefone, numa empresa de transportes de cargas (Estudante Karine).

Durante a considerada primeira onda do Feminismo, período localizado do século XIX até meados do século XX, que corresponde principalmente a países

como França, Reino Unido, Canadá, Países Baixos e Estados Unidos, teve destaque a busca por direitos básicos como o voto, a participação política e vida pública, questionando a submissão que as mulheres viviam. Tendo em vista que o papel das mulheres estava voltado para o ambiente doméstico, as sufragistas ficaram conhecidas pela reivindicação do direito ao voto. Naquele contexto, o movimento sufragista e a luta pelo direito ao voto feminino foram pautas que deram início à primeira onda. No Brasil, Leolinda de Figueiredo Daltro e Bertha Lutz foram importantes para a conquista, que ocorreu em 1932, com o novo Código Eleitoral.

As mulheres negras sempre resistiram, mas não estavam contempladas naquele momento, de maneira que suas especificidades foram desconsideradas. As questões raciais somente ganharam destaque tempos depois. Não é novidade que o feminismo, inicialmente, privilegiava os interesses das classes feministas brancas estadunidenses e ativistas brancas inglesas e francesas. As feministas defendiam a ideia de que homens e mulheres eram iguais e que, por isso, deveriam ter as mesmas oportunidades com relação aos estudos, ao trabalho e à participação política. Foi durante esse período que a ex-escravizada e abolicionista americana Sojourner Truth discursou sobre o voto feminino e os direitos dos negros:

“[...] que o homem lá fala que as mulheres precisam de ajuda para subir na carruagem, para passar sobre as valas e para ter os melhores lugares [...] e eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! [...] Eu lavei e plantei e juntei os grãos no celeiro e nenhum homem conseguia passar na minha frente – e eu não sou uma mulher? Eu conseguiria trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando conseguia trabalho), e aguentar o chicote também – e eu não sou uma mulher? Pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendida para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu – e eu não sou uma mulher? (hooks, 2020, p. 253).

Esse acontecimento demonstrou a coragem de uma mulher negra ao erguer a voz e a cabeça, diante de mulheres e homens brancos, para ressaltar que também era mulher e que não era frágil como vinha sido definida por muito tempo. Romper o silêncio foi de fundamental importância para que, a partir desse momento, outras mulheres negras perdessem seus medos e se assumissem participantes dessa busca por direitos.

Uma mulher que escrevia desafiava toda a ordem estabelecida. É o que descreve Zahidé Muzart, quando afirma que:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (MUZART, IN DUARTE, 2003, p. 153).

No início do século XIX, mulheres brasileiras ousaram fazer as primeiras reivindicações. Aprender a ler e a escrever, atividades até então essencialmente masculinas, começaram a ser questionadas. As mulheres que passaram a escrever e pensar por si mal sabiam que lutavam por muitas de nós:

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções para educação de mulheres se restringiam a alguns poucos conventos que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas das prendas domésticas. Foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres, que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender os benefícios do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que defendia a ideia de que mulher não necessitava saber ler nem escrever. Segundo Zahidé Muzart, estava ali a gênese do feminismo no país. (...) no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente” (DUARTE, 2003, p.153).

Nísia Floresta, nome com o qual escreveu Dionísia Gonçalves Pinto, filósofa brasileira do século XIX, foi uma das primeiras mulheres a publicar textos em jornais. Podemos encontrar publicações dela no jornal O Espelho Das Brasileiras, jornal da idade de Recife, desde 1830. A escritora publicou, também, poesias, contos, novelas e ensaios em O Diário do Rio de Janeiro, O Liberal e O Brasil Ilustrado. Nísia Floresta, como era conhecida, criou o primeiro colégio apenas para meninas, visto que almejava para as mulheres uma educação que não as preparasse apenas para serem ótimas esposas e donas de casa. A escritora sentiu que as mulheres precisavam ser reconhecidas nesse espaço e para além dele, pois eram tão capazes e inteligentes quanto os homens. Ela mesma escreveu para suas alunas:

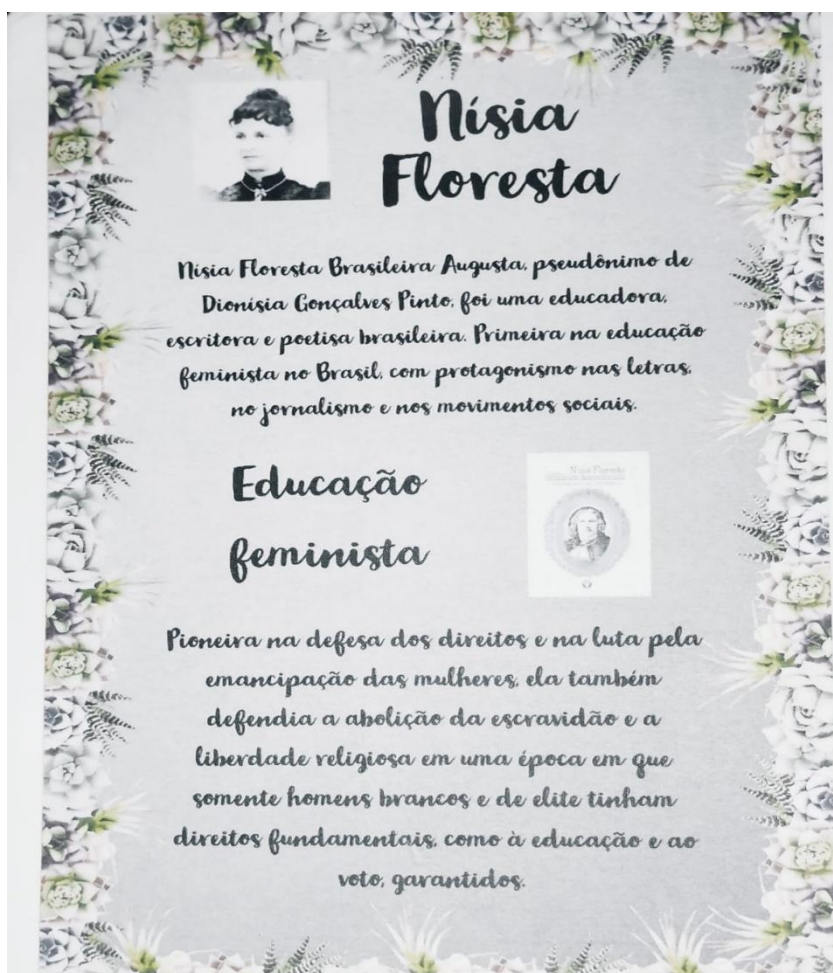
Aconselha-as a não se deixarem vencer pela lisonja e a se escudarem na modéstia. Sendo que, “são felizes aquelas alunas que, apoiadas pelos pais,

recebem os meios necessários para o cultivo do espírito e lições para aperfeiçoá-lo, podendo fazer bom uso da instrução de que tanto precisa o sexo feminino (MARGUTTI, 2019, p.35).

As mulheres acharam formas para escrever sobre seus desejos e sobre as injustiças sofridas, sendo a utilização de pseudônimos era uma maneira de lutar contra a opressão de gênero.

Enquanto, na Europa, as contestações tinham um tom de revolta, por aqui, as mulheres escreviam questionando, timidamente, seus papéis, de forma de, aos poucos, provocar uma mudança. Neste período, é válido enfatizar que os jornais femininos eram muitos e ressaltavam as “virtudes naturais” da mulher e a maternidade ocupava um espaço muito forte nas vidas femininas que, por vezes, acabava por ganhar mais destaque, não sobrando espaço para mais nada. Os homens eram aqueles que mais se sentiam no direito de escreverem sobre as mulheres, pois tentavam garantir que as mulheres permanecessem restritas aos espaços domésticos.

O livro “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens”, de Nísia Floresta, publicado em 1833, considerado uma tradução da obra Reivindicação dos Direitos da Mulher, de Mary Wollstonecraft, mostra-se como a primeira obra brasileira a tratar da busca dos direitos das mulheres para além dos espaços domésticos e da maternidade. Seus anseios traduzem a liberdade da mulher.



**Figura 23** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia  
 Fonte: Estudantes da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

As mulheres que estudamos, na sua maioria ativistas e feministas, nos levaram a questionar o feminismo e a perceber a importância deste movimento. Na obra “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, bell hooks convida não apenas mulheres como também homens a lutarem juntos pela igualdade e por uma sociedade mais justa. Posso dizer que foi através dessa escritora que passei a me identificar com o feminismo e com seus ideais de luta constante pela igualdade de gênero. Enquanto educadora, luto para que a escola seja um espaço de compartilhamento de conhecimento, um espaço onde todas e todos possam se reconhecer parte dele e, a partir disso, colaborar para a construção de um mundo melhor.

Carrego comigo a vontade de ensinar e de aprender, num movimento de mudança, no qual todas/os estamos modificando. Nas palavras da autora, o prazer

de ensinar é um ato de resistência, e, portanto, o amor deve ser para além de um sentimento, uma ação; educar com amor é um ato de coragem.

Os tempos não são fáceis, e a educação também é uma forma de resistirmos e lutarmos contra as opressões que tanto se manifestam em nossa sociedade. Pensar a educação enquanto prática de liberdade me faz consciente de que não podemos mudar o mundo, faz-me pensar na realidade que se faz presente na escola e que é ressaltada na sala de aula. Contudo, acredito numa educação que inclui, que busca dialogar com as realidades das/os estudantes, que objetiva enxergar as diferentes realidades e compreender-se enquanto parte delas, numa relação de constante diálogo e compreensão do outro. Penso que a aprendizagem só é possível a partir desses fatores.

No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de formas que libertam a nós e aos outros (hooks, 2013, p. 250).

Nísia Floresta deixa claro o quanto o estudo é importante para as mulheres. O apoio dos pais era fundamental para a evolução do espírito das mulheres, mas esse incentivo é o que falta a muitas mulheres. Em nossa realidade atual, muitas mulheres não são apoiadas pela família quando querem estudar, visto que a educação para a mulher não é considerada necessária. Nas palavras de uma estudante:

um dos maiores problemas enfrentados pelas mulheres, muitas destas, nossas mães e avós, foi o desincentivo à educação, que muitas vezes, acontecia dentro de suas casas, por parte de suas próprias famílias, colocando em suas cabeças que deveriam dar prioridade às atividades domésticas e se dedicar na busca de serem esposas perfeitas (Estudante Rose).

A segunda onda do feminismo começou na década de 1960 e durou até a década de 1980. Ela ocorreu pela primeira vez nos Estados Unidos e se espalhou para todo o mundo ocidental. As mulheres conquistaram direitos formalizados nas leis de muitos países, mas, na prática, ainda carecem da justiça e da igualdade pelas quais lutaram. Agora elas questionam seu papel como mulheres e a subordinação que sofrem. O modelo patriarcal vigente, em que as mulheres são

responsáveis pelos cuidados com os filhos e pela casa, as afasta cada vez mais da independência, do trabalho remunerado, dos estudos e de suas demandas.

Nesse período, o feminismo rebelde surgiu, no Brasil, como resultado da opressão das mulheres durante a Ditadura Militar. Ao tratar da opressão das mulheres, destacou-se a filósofa existencialista Simone de Beauvoir (1908-1986), uma mulher que fugiu das normas de seu tempo e compreende as mulheres como um processo em construção, e seu livro *O Segundo Sexo* tornou-se modelo para o movimento feminista.

Nas palavras de Kate Kirkpatrick, mulher que escreveu uma biografia sobre Simone de Beauvoir:

Ela havia visto a mãe sofrer devido a um relacionamento totalmente desigual com o pai. Quando criança, ela se recusara a ser tratada 'como menina', pois sabia que meninos e meninas eram iguais aos olhos de Deus. Desde o dia em que o atendente da livraria a assediara, ela sempre se sentira desconfortável na companhia de homens desconhecidos. Ela havia perdido Zaza, que morrera em consequência de discussões sobre o valor comparativo de dotes, propriedades e amor. Mantivera conversas com mulheres que ignoravam as funções e prazeres de seu próprio corpo. Visitara outros países, o que a fizera perceber que os costumes podem parecer necessidades só porque são comuns (KIRKPATRICK, 2020, p. 226).

**SIMONE DE BEAUVOIR**

SIMONE NASCEU EM 9 DE JANEIRO DE 1908 EM PARIS, NA FRANÇA. SEMPRE QUISSER ESCRITORA. ESTUDOU EM UMA ESCOLA CATÓLICA PARA MENINAS.

**O SEGUNDO SEXO SIMONE DE BEAUVOIR**

SIMONE TEM DIVERSOS LIVROS, MAS SEUS DOIS PRINCIPAIS LIVROS SÃO: "A CONVIDADA", É O PRIMEIRO ROMANCE PUBLICADO, EM 1943. TRATA-SE DE DE CONFLITOS DE UMA MULHER DE 30 ANOS, ENVOLVE QUESTÕES DE FILOSOFIA EXISTENCIAL... JÁ O "SEGUNDO SEXO", FALA SOBRE AS CONDIÇÕES DAS MULHERES NA SOCIEDADE, VOLTADO A EXPERIÊNCIA FEMININA...

SIMONE FOI UMA ESCRITORA FRANCESA, FILÓSOFA EXISTENCIALISTA, MEMORIALISTA E FEMENISTA. FOI CONSIDERADA UMA DAS MAIORES REPRESENTANTES DO EXISTENCIALISMO NA FRANÇA.

SIMONE DE BEAUVOIR É UMA MULHER MUITO IMPORTANTE, POIS CONTRIBUIU NO CAMPO DE ESTUDOS SOBRE FEMINISMO E A LUTA DA IGUALDADE DE GÊNERO.

UMA DE SUAS PRINCIPAIS FRASES: "NINGUÉM NASCE MULHER: TORNA-SE MULHER"

O PENSAMENTO DE SIMONE ERA: ENFATIZAR A LIBERDADE E A REFLEXÃO SOBRE A COLOCAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE. SIMONE POSSUÍA A HABILIDADE DE REFLETIR PROFUNDAMENTE SOBRE O COTIDIANO DA VIDA, OBSERVANDO AS FALHAS E INJUSTIÇAS SOCIAIS.

**Figura 24** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa)

O panfleto acima trata de informar dados importantes da filósofa, que pensando na condição de opressão das mulheres, verificou que a mulher é definida a partir do e pelo olhar masculino sendo vista como o segundo sexo. Nas palavras da filósofa: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele: ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 1975, p. 13).

Mary Wollstonecraft escreveu sobre problemas que Simone de Beauvoir

pontua quase duzentos anos depois. Para as escritoras, a mulher não era independente do homem, pois dependia dele para praticamente tudo.

São tão numerosas as questões que permeiam as violências que é impossível discuti-las em apenas um texto. Simone de Beauvoir e seu pensamento marcam os nossos desejos de independência, de liberdade, de poder de escolha, de direito ao respeito. Nas palavras da filósofa, há a reivindicação: “Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância” (BEAUVOIR, 1980).

O segundo momento de expressão de mulheres no Brasil surge por volta de 1870, e se caracteriza, principalmente, pelo espantoso número de jornais e revistas de feição nitidamente feminista, editados no Rio de Janeiro e em outros pontos do país. Talvez fosse o caso de considerá-lo, por isso, menos literário e mais jornalístico. Foi nessa época que começou-se a estudar as condições das mulheres, e, por isso, parece que, quando tratamos do feminismo, esquecemos todos os períodos e nos centramos nesse pela forte relação teórica.

A partir de 1990 se inicia a terceira onda do feminismo, ao questionar a visibilidade das mulheres brancas da classe média, houve uma ampliação das reivindicações. Mulheres não possuem um padrão, elas são diversas. Diante disso, o movimento Feminista deve compreender-se enquanto reivindicações de todas as mulheres, de todas as classes e cores. Na terceira fase feminista, além do combate aos preconceitos de classe e ao sexismo, o movimento negro se destaca, fazendo perceber que o feminismo é um movimento de diversidades.

Mulheres como Gloria Anzaldua, bell hooks, Audre Lorde, e diversas outras feministas negras, ganham destaque. Essas mulheres fazem da escrita feminina um ato político, e na escrita, elas se posicionam e, como forma de descolonizar a elas e o mundo, incentivam a escrita de outras mulheres.

Gloria Anzaldua foi uma escritora norte-americana da teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria *queer*. De acordo com a autora, no texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever

coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000).

Pautas antigas voltam a se destacar, intensificando, neste momento, questões voltadas ao acesso à educação, ao aborto seguro, ao divórcio e aos direitos mínimos de cidadania. Outras pautas seguiram sendo comuns à maioria: a luta contra a exploração, contra a violência física e psicológica, contra o feminicídio, contra a discriminação no trabalho, contra as jornadas duplas ou triplas, contra os privilégios masculinos. As reivindicações continuam, pois, ao longo do tempo, problemas relacionados às violências mantêm-se presentes na vida das mulheres e das filósofas.

No Brasil, no século XX, tem início uma luta feminista que reivindica o direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho para além das escolas, buscando a ocupação feminina de outros cargos profissionais.

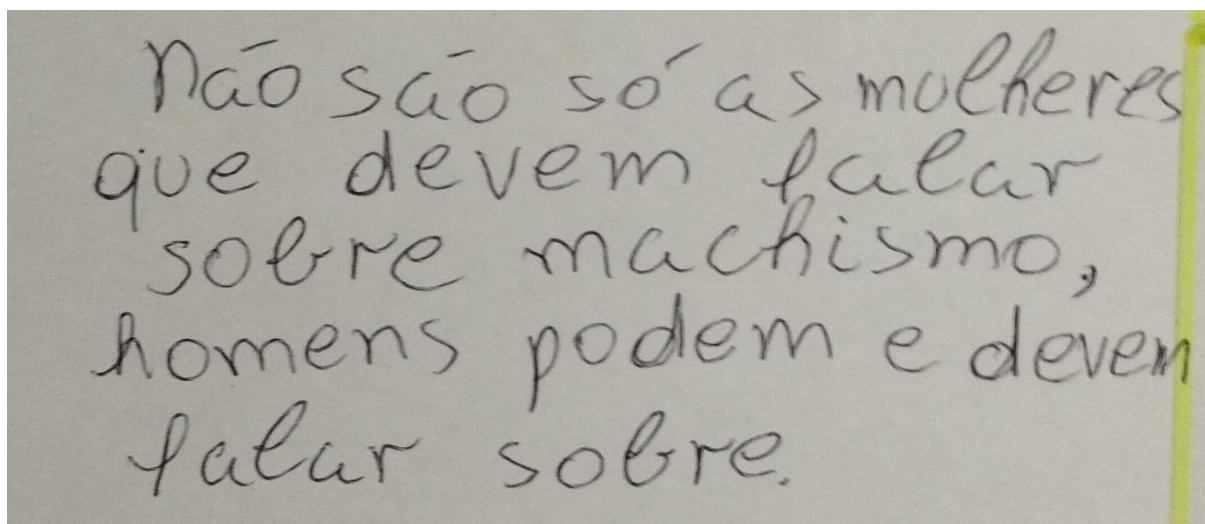
Em um quarto momento, no Brasil dos anos 1970, o movimento feminista deixou suas marcas, posicionando-se contra a ditadura militar e a favor da democracia, levantando questões ligadas à sexualidade, como o direito ao prazer sexual e ao aborto, e principalmente a liberdade de expressão. É em meio a esse contexto de luta que surge a pílula anticoncepcional, possibilitando às mulheres o direito do sexo por prazer, o direito sobre os seus próprios corpos.

### **2.3 Feminismos Negros**

O Feminismo, atualmente, contempla diversos segmentos, e o feminismo negro é um deles. Chamamos de feminismo negro o movimento social protagonizado por mulheres negras, construído com o objetivo de contemplar e reivindicar os seus direitos. No final da década de 1970, no Brasil, o movimento

feminista contemplava às questões hegemonicamente das mulheres brancas, de forma que as mulheres negras sofriam com a subordinação, pois, além de estarem submetidas às mulheres brancas, ainda não faziam parte das reivindicações do público masculino negro.

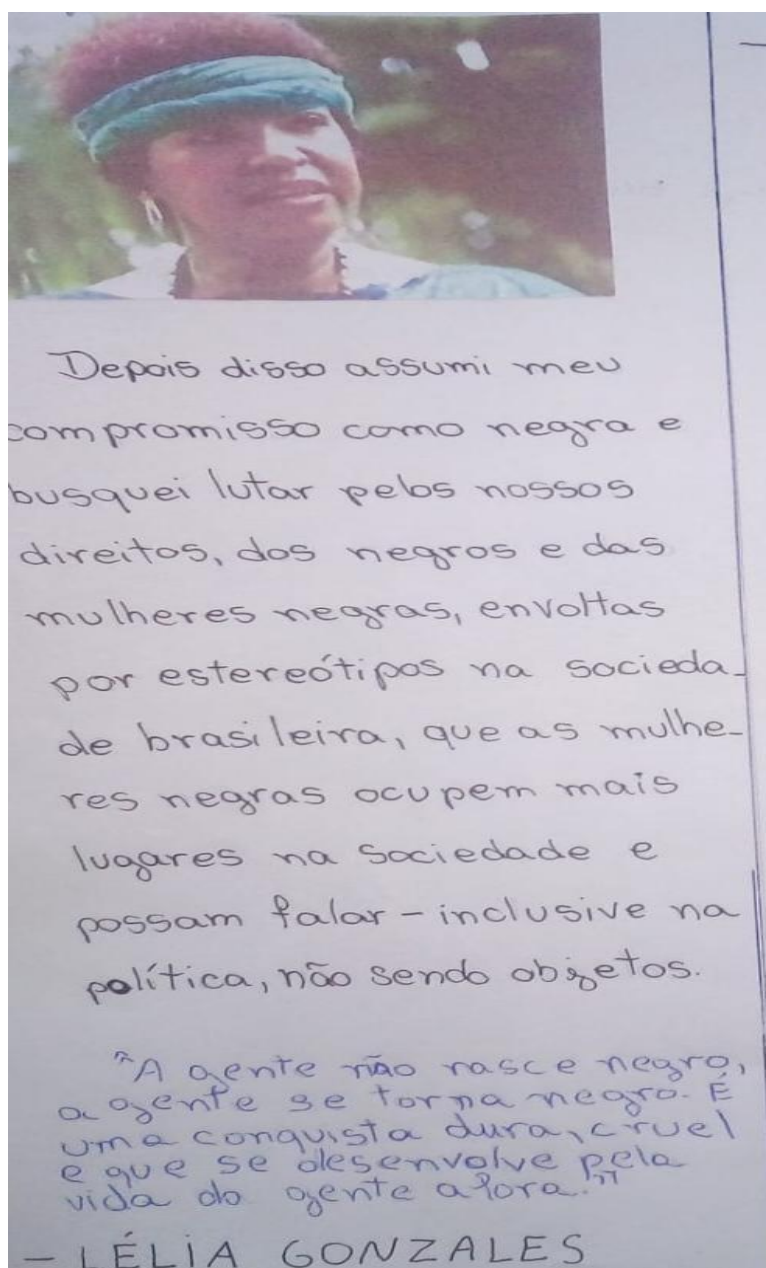
O movimento feminista, que deveria destacar as diferentes formas de discriminação e preconceito vivenciadas pelas mulheres, por vezes considera, incorretamente, que o sexismo supera o racismo e que todas passam pela mesma forma de opressão e subordinação perante os homens. bell hooks, nas suas obras, ao escrever sobre o feminismo, esclarece os objetivos do coletivo feminista enquanto um movimento contra o sexismo: movimento em que mulheres e homens devem lutar juntos para a criação de um mundo melhor, bem como, descreve um estudante no seu diário.



**Figura 25** – Frase no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A filósofa, pesquisadora e ativista do feminismo negro no Brasil, Djamila Ribeiro, sempre destaca a importância da existência de um movimento que trate, de forma específica, acerca dos preconceitos e discriminações que as mulheres negras passam. Para ela, existe uma sociedade na qual opera a supremacia branca, e o movimento feminista também acaba por fazer parte desse sistema, como podemos constatar nas reivindicações presentes na primeira onda feminista.



**Figura 26** - Recorte do panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

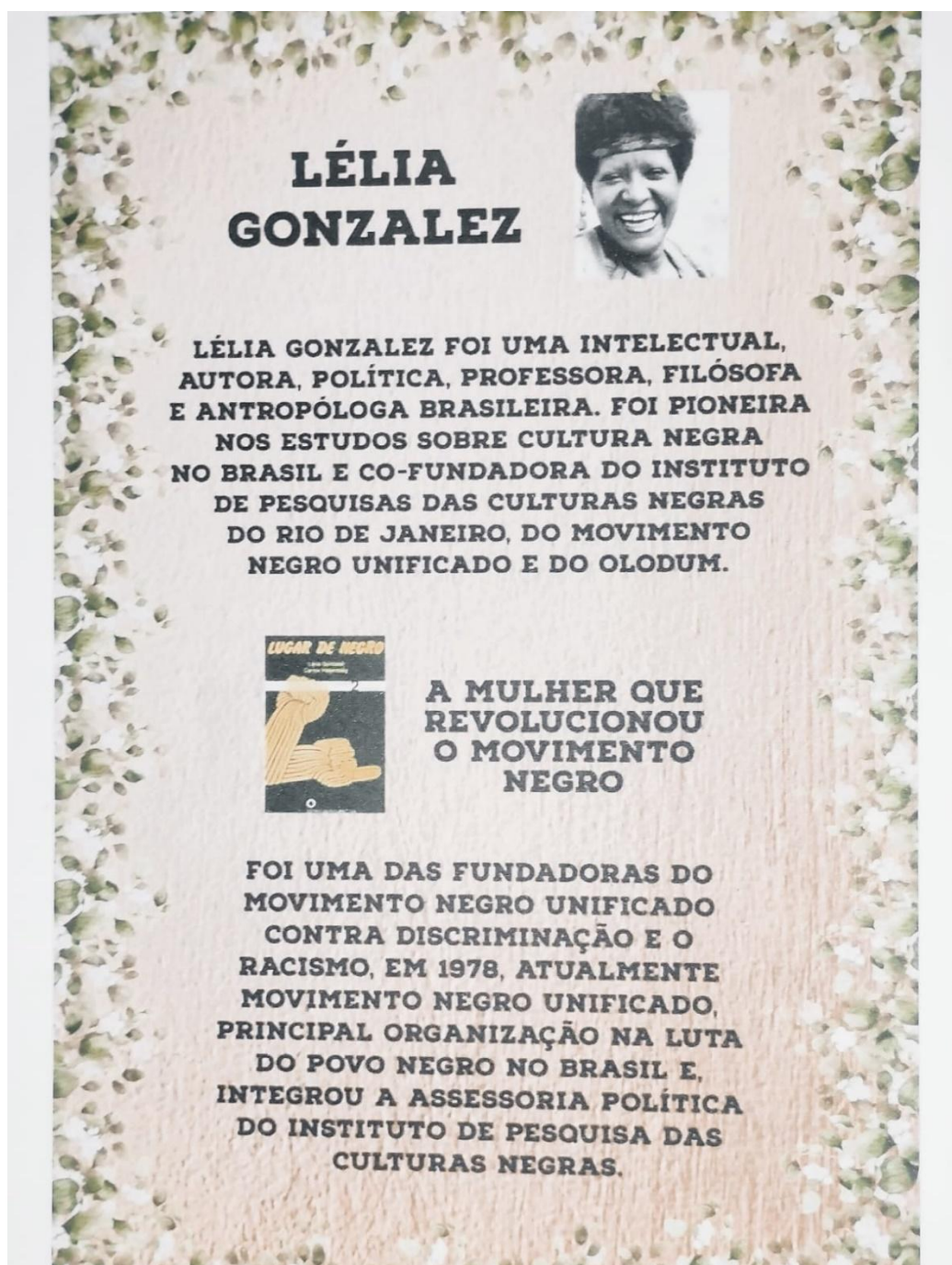
O diálogo que podemos estabelecer entre essas mulheres fortalece os objetivos e o real sentido do movimento feminista negro. Lélia Gonzalez, filósofa, antropóloga, professora, escritora, intelectual, militante/ativista do movimento negro e feminista brasileira, escreveu alguns livros e textos para revistas denunciando as opressões contra o povo negro e questionando o papel da mulher negra na sociedade brasileira.

Pensando no feminismo enquanto movimento que acolhe a todas as mulheres, é preciso admitir que nem sempre foi assim, pois já existiu um tempo em que as mulheres negras se entenderam fora desse movimento, uma vez que a prioridade estava nas mulheres brancas, desconsiderando o fato de que as opressões sofridas pelas mulheres brancas não eram as mesmas das mulheres negras. A esse respeito, Lélia Gonzalez pontua:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão [...] Enquanto empregada doméstica, sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da 'inferioridade' que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada, que ela, mais do que ninguém, tem que enfrentar (GONZALEZ, 2020, p. 58).

A estudante Maria relatou: “Em pleno século XXI, vivemos violentadas desumanamente, como se fossemos um pedaço de lixo. E sabe por que eu digo pedaço de lixo? Simplesmente por ter passado por isso.”

Lélia Gonzalez chegou a rejeitar suas origens. Seus traços negros, fortemente marcados, deram lugar a uma mulher de cabelos lisos e pele esbranquiçada pelas maquiagens utilizadas. Lélia não queria ser negra, pois viveu na pele o preconceito quando se apaixonou pelo homem que depois viria a ser seu marido, um homem de pele branca. A família dele foi cruel a tal ponto que ele não resistiu às pressões e ao preconceito e se suicidou. Depois disso, Lélia passou por um processo de enegrecimento, reconhecendo-se enquanto negra, assumindo sua identidade, travando, assim, uma luta que ultrapassou as barreiras da universidade. Lélia foi militante e, para além disso, suas batalhas foram travadas nas ruas e aos gritos. É importante destacar a sua importância para a representação do movimento negro, em destaque no panfleto abaixo.



**Figura 27** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Como escreve Djamilia Ribeiro, é preciso refletir sobre ser branco nessa sociedade. Enquanto mulher branca, não tenho como mensurar o quanto uma mulher negra sofre na pele o racismo, a violência, a história marcada pela violência contra o povo negro. É necessário tornar visível a figura do negro nos vários setores da sociedade, visto que a falta destes é uma característica do racismo estrutural.

Vivemos em uma sociedade racista e não podemos fugir disso, mas podemos colaborar e lutar contra o racismo. Segundo a filósofa, “falar é existir”, sendo assim, é importante que a mulher negra tenha um lugar de fala.

Ouvindo Grada Kilomba, sinto que ela descreve o que quero dizer quando escrevo. Nas palavras dela, é a nossa afirmação enquanto escritoras/es que nos tira deste projeto violento que foi a colonização:

Então, por que eu escrevo? Eu escrevo quase como uma obrigação, para me encontrar. Enquanto eu escrevo, eu não sou o ‘Outro’, mas o eu, não o objeto, mas o sujeito. Eu me torno a relatora, e não a relatada. Eu me torno a autora, e a autoridade da minha própria história. Eu me torno a absoluta oposição do que o projeto colonial havia predeterminado. Eu me torno eu.”<sup>12</sup>

Lélia Gonzalez, que também trabalhou como babá e empregada doméstica, fez a resistência em nome do povo negro nas ruas, quando denunciou e questionou a questão da democracia racial. Para Lélia:

Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violência, de manipulação sexual da escrava. Por isso existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é “mulher fácil”, de que é “boa de cama” (GONZALEZ, 2018, p. 110).

Lélia Gonzalez é figura importante na luta do feminismo negro, no Brasil e na América Latina, contra o racismo e o sexismo, marca de um passado histórico que nos persegue e que ainda é negado por muitos. Para ela, ser mulher negra e se reconhecer enquanto tal é um processo de abandonar padrões estéticos, que infantilizam e objetificam, e passar a se reconhecer enquanto sujeito: “A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo.”<sup>13</sup> Ainda hoje ser mulher é rejeitar padrões.

A escrita é o afrontamento ao projeto violento que foi a colonização,

<sup>12</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w&ab\\_channel=GradaKilomba](https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w&ab_channel=GradaKilomba)– [Enquanto eu escrevo](#) – (Grada Kilomba): “WHILE I WRITE” is the first draft of a three act video installation by the international artist Grada Kilomba, titled “THE DESIRE PROJECT”, presented at and commissioned by the 32. Biennial de São Paulo 2016, in Brazil.

<sup>13</sup> Trecho de um depoimento de Lélia de Almeida Gonzalez, publicado em 1988.

buscando desconstruir preconceitos, e, desta forma, resistir às situações confortáveis, por onde boa parte das pessoas pensam “estar tudo bem”. É justamente aí que brotam as raízes do sexismo, do machismo e do racismo.

Em nome dessas batalhas que travamos no cotidiano, a intelectual negra Grada Kilomba busca na escrita uma forma de desconstruir o colonialismo, colocando-se e reconhecendo-se como “sujeito”, visto que a mulher negra sofre na pele, além do machismo, o racismo.

Se para Enrique Dussel (1993) a colonização foi o encobrimento do outro, com a mulher negra isso é ainda maior, uma vez que dentro da sociedade capitalista ela é a outra do outro e da outra, a mulher branca. Basta olharmos ao nosso redor, quantas mulheres negras conhecemos em espaços de visibilidade social? Na academia? Na escrita? Em espaços políticos?

Para romper com esse ciclo marcado pelo pensamento colonizado, a autora Grada Kilomba deixa claro, desde o início, a motivação do seu livro, quando escreve: “este livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou” (KILOMBA, 2012, p.13). Grada Kilomba, por meio de sua escrita, busca descolonizar conhecimentos e dar visibilidade ao racismo cotidiano relatado por mulheres negras, num passado colonial onde as violências eram silenciosas.

Em sua análise a respeito da mulher negra, levando em conta um passado colonial e patriarcal que teima em marcar, a autora descreve como elas são visualizadas: “não sendo nem branca, nem homem, a mulher negra exerce a função de o ‘outro’ do outro” (KILOMBA, 2012, p. 12).

Relegadas à subalternidade, as mulheres negras eram descritas sob outros olhares, sendo assim, “o outro do outro”, não sendo reconhecidas pelas suas próprias palavras, pelo que realmente são. Grada rompe com essa ideia ao se identificar nessa escrita, ao tratar da mulher negra enquanto sujeito capaz de escrever sua visão da história. Em sua obra “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, trata da urgência de pensarmos o colonialismo, a alteridade, o racismo, o conhecimento e a linguagem. Sob esse viés, a escritora disserta acerca do significado da máscara utilizada no rosto dos negros e das negras que foram escravizadas/os:

A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do sujeito Negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem que ficar calado/a? O que poderia o sujeito Negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tampada? E o que o sujeito branco teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir. Ele/ela seria forçado/a a entrar numa confrontação desconfortável com as verdades do “Outro”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito desse dito “mantido em silêncio como segredo”. Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2016, p. 02).

A máscara tinha o intuito de castigar e principalmente silenciar esses grupos. E, hoje, quando tratamos do racismo e cobramos o direito de estudar de mulheres e homens negros, ainda existe resistência. Por que essas vozes geram incômodo? É simples: porque elas falam o que o sistema opressor não quer ouvir.

Na escrita de Grada Kilomba, percebemos a sua preocupação com a linguagem, pois ela está estritamente relacionada a uma questão de identidade, é preciso se identificar com a nossa linguagem. E isto, muitas vezes, não acontece. Na Língua Portuguesa, por exemplo, as palavras utilizadas em generalização ou comuns aos dois gêneros, como ocorre no substantivo *estudante*, favorecem a perpetuação das relações de poder e de violência, uma vez que privilegiam a forma de tratamento masculina. Quando, em um livro didático, lemos a respeito dos filósofos, é comum que nossa interpretação seja condicionada ao entendimento de que houve homens que fizeram filosofia, silenciando, assim, as mulheres filósofas. A mesma lógica pode ser estendida à utilização dos substantivos comuns aos dois gêneros. Por essa razão, é necessário refletir acerca da linguagem.



# GRADA

"Eu não sou discriminada porque eu sou diferente, eu me torno diferente através da discriminação."

# KILOMBA

"O feminismo é um movimento maravilhoso, mas excluiu muito a mulher não branca de todo o seu discurso. A mulher negra esteve muito ausente, como um tipo de vácuo entre discursos."

**"Racismo tem a ver não só com preconceito, mas também com a prática do preconceito, que só pode ser exercitada através do poder."**

**"Aqueles que propagam o racismo não experienciam o racismo. Pessoas que excluem, nominam e oprimem não podem ser, ao mesmo tempo, vítimas da opressão."**



**Figura 28** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A máscara da qual Grada nos fala, que silenciou o povo negro no passado, segue silenciando suas falas em todos os espaços. Enquanto educadoras/es devemos nos perguntar: como estudamos temas relacionados à cultura negra em sala de aula? Como as/os negras/os são contextualizadas/os nos conteúdos e nos livros didáticos?

Grada Kilomba carrega em suas palavras a angústia de viver, a importância de falar, de ser ouvida, de pertencer, de se reconhecer, de se ver enquanto sujeito.

A luta contra as opressões começa por admitirmos que elas existem. A romantização do racismo e a negação de nossa responsabilidade com a dívida histórica, que escravizou pessoas, faz parte do projeto de colonização que objetivava, justamente, silenciar o “outro”.

## **2.4 Atualidade da Reivindicação dos Direitos da Mulheres**

Negar às mulheres e meninas o direito à educação é uma realidade. Muitas mulheres ainda encontram dificuldades para estudar, porque, simplesmente, interrompem os estudos para trabalhar, cuidar da família e dos filhos. A sociedade não considera a mulher como intelectual, deixando de lado a importância da educação para sua independência.

Por muito tempo, no Brasil, mulheres não podiam ir à escola e sua educação era voltada principalmente para os afazeres domésticos. Como já mencionado, ser mulher é ser boa mãe, boa esposa e boa dona de casa, e a educação feminina se limitava a essas tarefas. Podemos destacar que, por meio do direito de aprender, de frequentar a escola e adquirir conhecimento, as mulheres podem lutar por mais direitos. Assim, esse direito é central na busca pela igualdade de gênero e na construção de uma sociedade mais justa para todos.

Durante a época do Brasil Colônia, as ordens religiosas foram projetadas para produzir elites masculinas brancas. As mulheres eram proibidas de estudar, pois a própria legislação declarava que as mulheres eram o sexo inferior. O sistema patriarcal prevaleceu no Brasil, de acordo com Mary del Priore, historiadora e a autora da obra “Histórias Íntimas – sexualidade e erotismo na história do Brasil”, na Colônia, Império e no início da República. A mulher era propriedade do marido assim como eram os escravos e as fazendas.

Nesse período, o convívio social estava regido pelas Ordenações Filipinas, que eram um código de leis que se aplicava a Portugal e seus territórios ultramarinos. Essas leis asseguravam ao marido o direito de matar a mulher caso suspeitasse de uma traição. No Brasil República, as leis continuaram a priorizar e refletir a superioridade masculina. Em 1916, o Código Civil declarava as mulheres casadas como “incapazes”; Afinal, elas nada podiam fazer sem que um homem

consentisse.

Em relação ao sistema patriarcal daquela época, pode-se dizer que muito pouco mudou hoje. O tempo passa, mas as mulheres continuam morrendo, continuam sendo assassinadas por seus maridos e companheiros, continuam sofrendo com diversas formas de violência. Muitas mulheres continuam vivendo dependentes de seus companheiros que, por vezes, não permitem que trabalhem e estudem. O silêncio é parte fundamental desta opressão, visto que estas mulheres não podem ou não possuem coragem para falar sobre o assunto.

Diariamente, infelizmente, nós mulheres sofremos com diversas opressões, que muitas vezes são justificadas como normal por homens, algumas delas são: - Olhares desconfortáveis nas ruas; - Palavras como por exemplo gostosa; dentre outras coisas (Estudante Margarete).

É preciso compreender as violências como tudo aquilo que afeta, de certa maneira, a liberdade de uma mulher, e para além de bater, e das marcas físicas que as pancadas podem causar, existem danos mais profundos, que afetam as mulheres de modo a não conseguirem mais se reconhecer, a perder o que são, e isso, por vezes, é considerado rotineiro.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública fez uma análise de dados para o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 sobre a violência de meninas e mulheres no Brasil. De acordo com esse relatório:

Os dados preliminares de violência letal contabilizam 1.319 mulheres vítimas de feminicídio no último ano, decréscimo de 2,4% no número de vítimas; e 56.098 estupros (incluindo vulneráveis), apenas do gênero feminino, crescimento de 3,7% em relação ao ano anterior.”<sup>14</sup>

Ainda de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, casos de violência contra a mulher aumentaram gradativamente durante a pandemia. Levando em conta que as violências ocorrem muitas vezes dentro da própria casa, na maior parte dos casos, as mulheres não recorreram aos meios legais:

---

<sup>14</sup> Os dados consideram a classificação dada pela Polícia Civil no momento do registro do boletim de ocorrência, mas após a investigação e conclusão do inquérito policial, é possível que casos então classificados apenas como homicídio doloso passem a incluir a qualificadora feminicídio, sendo posteriormente retificados nos sistemas de informação das polícias; dados presentes na página: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

De acordo com o levantamento, 1 em cada 4 mulheres brasileiras acima de 16 anos (24,4%), ou seja, cerca de 17 milhões de mulheres, afirmaram ter sofrido alguma forma de violência durante a pandemia do covid-19, especificamente nos últimos 12 meses. Ainda, 5 em cada 10 brasileiros (51,1%) apontaram ter presenciado algum tipo de violência contra a mulher no seu bairro ou comunidade durante o último ano. Quanto à atitude adotada em relação à agressão sofrida, cerca 12% dos casos foram noticiados às delegacias da mulher, 7% foram noticiados às delegacias comuns e em 7% dos casos a Polícia Militar foi acionada, sendo que em 32,8% das mulheres que não registraram ocorrência afirmaram ter resolvido sozinhas os conflitos, 16,8% julgaram não ser importante noticiar à polícia, 15,3% não quiseram envolver a polícia e 13,4% tiveram medo de represálias por parte do autor da violência.

A sociedade não está preparada para enfrentar essas situações e buscar alguma solução. Falar de violência contra a mulher é considerado um tabu em uma sociedade acostumada a romantizar violências. As violências ocorrem, na maioria das vezes, dentro de casa, mas também podem acontecer em outros espaços, manifestando-se de diversas maneiras.

No Brasil, as mulheres só puderam frequentar as escolas em 1827, com a Lei Geral, e frequentar a universidade em 1879, ainda assim, autorizadas pelo marido ou pelo pai. Além de não terem acesso a todas as matérias, exclusivas para os meninos, como a Geometria, eram obrigadas a aprender sobre as artes do lar e educadas em salas separadas. As classes mistas surgiram a partir de 1870, e foi nesse período que elas se destacaram na área do exercício do magistério, em razão de seus “atributos maternais”.

No ano de 1962, no Brasil, foi criado o Estatuto das mulheres casadas, que permitia que as mulheres pudessem trabalhar, receber herança e, no caso de separação, poderiam pedir a guarda dos filhos. Mas, como toda a lei, parece que essa também não funcionou, na prática, até a Constituição de 1988. Em 1979, garante-se a prática do futebol feminino, e só em 2002 não se casar virgem deixa de ser crime.

Em 2006, é sancionada a Lei Maria da Penha, que conta com 46 artigos e pretende criar meios para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Em 2015, foi aprovada a Lei do Femicídio, que previu o agravamento da pena e também deu maior visibilidade à violência doméstica.

De acordo com a pesquisa do G1<sup>15</sup>, “Santa Catarina registra 4 agressões por hora em 2021, segundo Secretaria de Estado de Segurança Pública”, foram cerca de 39 mil casos de agressão contra a mulher, e elas se agravaram ainda mais no período da pandemia.

O Observatório da Violência contra a Mulher, em dados coletados de janeiro a junho de 2022, relata que mais de 11 mil mulheres requereram medidas protetivas e já foram registrados 29 feminicídios em Santa Catarina. Os números alertam para a busca constante por um tratamento mais rígido a esse problema e pela necessidade de acolher as vítimas de violência doméstica e contra a mulher em razão do gênero e de promover a educação da sociedade.”<sup>16</sup>

A criação de uma legislação que preze pela vida das mulheres ainda não é o suficiente. Ao longo das décadas, a mulher sempre foi tratada como objeto e sempre esteve relegada aos papéis secundários. Se, por um lado, a mulher não tinha direito à educação como prioridade, por outro, a violência era legalmente permitida. Portanto, o caminho necessário para assegurar o cumprimento de todas as leis ainda é longo.

Segundo a estudante Marta: “A violência contra a mulher só irá acabar quando for ensinado a nossas crianças sobre a verdadeira igualdade, do contrário continuaremos criando...uma sociedade doente.”

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica:

A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção ‘transgressora’, porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional (BRASIL, 2013, p. 25).

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/04/04/sc-registra-media-de-4-agressoes-por-hora-em-2021-segundo-secretaria.ghtml> Acesso em 19/02/2023.

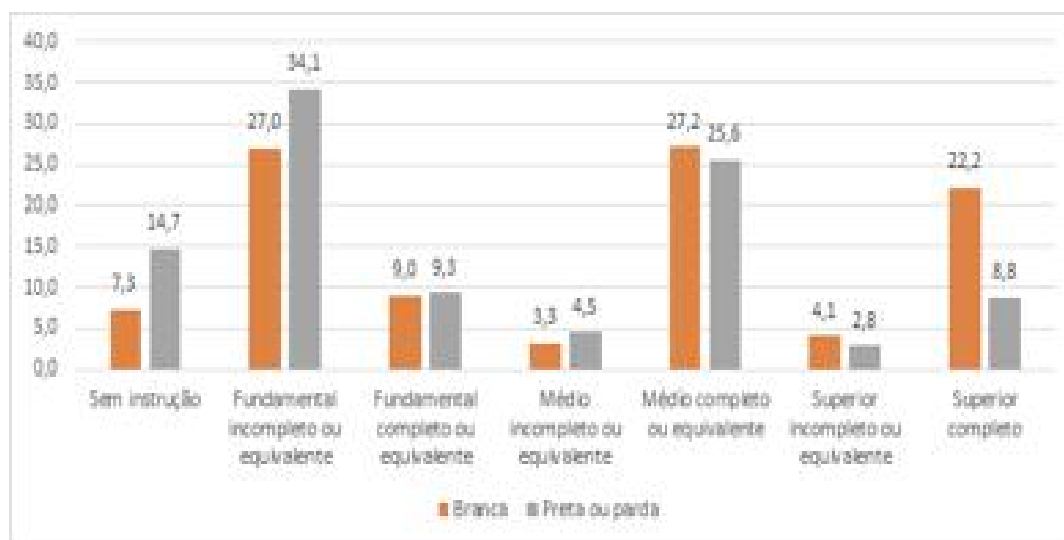
<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.juscatarina.com.br/2022/08/01/agosto-lilas-em-seis-meses-11-mil-mulheres-requereram-medidas-protetivas-em-santa-catarina/> Acesso em 19/02/2023.

De acordo com a pesquisa, a partir dos dados da PNAD – Educação, relativos ao ano de 2016, com relação às desigualdades:

No país, 11,2% da população de 25 anos ou mais não tinham [sic] instrução; 30,6% tinham [sic] o fundamental incompleto; 9,1% [sic] tinham fundamental completo; 3,9% [sic] tinham ensino médio incompleto; 26,3% tinham [sic] o ensino médio completo e 15,3% o superior completo (IBGE, 2016).<sup>17</sup>

Com relação à escolarização, os dados consideram a região, a raça e o gênero, sendo que, no Nordeste, 52,6% da população não completou o Ensino Fundamental; no Sudeste, 51,1% tinham Ensino Médio completo. Referente à realização do Ensino Superior, 22,2% das pessoas brancas, contra 8,8% das pretas ou pardas. Considerando o gênero, mulheres apresentaram níveis de instrução mais elevados (16,9%) que os homens (13,5%) (IBGE, 2016).

No que diz respeito à raça, com relação às desigualdades, fica claro que estes são excluídos, no decorrer do tempo, do ambiente de ensino:



**Gráfico 1-** Taxa de escolarização e raça

Fonte: IBGE, 2016.

O Projeto Político Pedagógico da escola, documento que permeia o trabalho e a vivência no ambiente escolar, chama a atenção e faz uma análise interessante

<sup>17</sup> Dados retirados do site: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/574949-no-brasil-51-da-populacao-de-25-anos-ou-mais-tinham-ate-o-ensino-fundamental-completo-em-2016>. Acesso em 12/12/2022.

de alguns gráficos, tratando da realidade social dos alunos do ano de 2018/19. Acerca dos alunos, encontramos nos gráficos a informação de que a maioria mora no próprio bairro onde se localiza a escola (93,33%). Referente à escolaridade das mães dos alunos, constatou-se: Analfabetas (2,14%), Fundamental Incompleto (30%), Fundamental Completo (32,86%), Ensino Médio (31,43%), Ensino Superior (16%) e Pós-Graduação (1,43%). Há, também, um gráfico que registra as profissões dos pais e das mães, mas apesar de não trazer números, nesse gráfico percebemos que mais de 50% das mães dos estudantes são do lar. Em menor número, temos, entre estas, empregadas domésticas, diaristas, professoras e outras profissões (cujo gráfico não identifica).

O diagnóstico da realidade escolar foi feito através de questionário aos pais/responsáveis dos alunos, sobre a situação Socioeconômica das Famílias. Através dele, podemos identificar as funções de algumas mães, sem esquecer de que as análises deste gráfico dizem respeito às mães de todos os estudantes da escola. Por essa razão, são dados que não vão apenas auxiliar na nossa pesquisa como também nos levar a conhecer a realidade das mulheres, das mães das e ds estudantes, os sujeitos de nossa pesquisa. (Esse trabalho se tornou um projeto e já consta no PPP da escola).

Podemos visualizar a “ausência” da mulher no espaço escolar, pois são poucas as mulheres que foram reconhecidas nessa trajetória do pensamento Filosófico, e, conseqüentemente, são poucas as filósofas e poucos os temas relacionados à discussão de gênero que aparecem nos livros didáticos, restringindo, desta forma, o conhecimento a respeito desse importante tema. O livro didático de Filosofia utilizado pela escola, traz a presença de diversas filósofas, contudo, ainda podemos dizer que, se comparado ao número de filósofos, estes com certeza são mais estudados que elas.

Ao analisar esses documentos, podemos refletir sobre a presença das mulheres nos espaços de produção do conhecimento. Mesmo quando as mulheres se mostram presentes, as suas presenças estão relegadas a ocupar determinados espaços.

Os dados observados, presentes no Projeto Político Pedagógico da Escola, revelam o baixo nível de escolaridade das mães das e dos estudantes, e, torna-se

relevante, neste trabalho, tratar dos direitos das mulheres na atualidade, visto que as mulheres estão relegadas ao trabalho doméstico, como aponta o gráfico referente à profissão da mãe das e dos estudantes. É de fundamental importância refletir e questionar o direito das mulheres e também das meninas à educação, à luz de seus próprios relatos, fazendo com que suas vivências sejam afirmadas, principalmente no que diz respeito à educação, aos estudos, às suas oportunidades e escolhas com relação às suas trajetórias de vida.

De acordo com o PPP da escola: “Em relação a escolaridade das mães dos alunos, constatou-se: Analfabetas (2,14%), Fundamental Incompleto (30%), Ensino Fundamental (32,86%), Ensino Médio (31,43%), Ensino Superior (16%) e Pós-Graduação (1,43%)”.



**Gráfico 2** – Profissões das mães

Fonte: Gráfico 5 do PPP da EEB Antonio Gonzaga

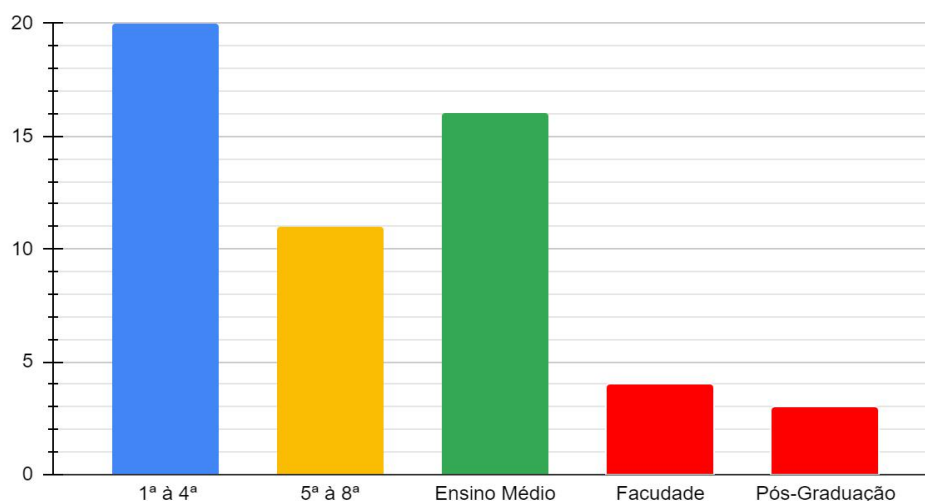
A respeito do gráfico acima, sobre as profissões das mães, nada constava no PPP em termos de porcentagens. O gráfico é referente ao grau de escolaridade destas mulheres, sendo uma maioria dona de casa e diarista. As dificuldades para estudar refletem no cotidiano dessas mulheres, a falta de incentivo permeia parte significativa desse processo, de suas histórias e memórias. Nas vozes dessas

mulheres, predominam seus empecilhos para seguir em frente suas vidas, a imagem das mulheres enquanto mães que precisam abandonar sonhos e a responsabilidade pelos serviços domésticos.

As turmas, através da pesquisa participante, verificaram a escolarização das mulheres que conviviam e as causas de estas abandonarem os estudos. Afinal, por que elas pararam de estudar? Essa é a questão principal do diálogo/contato que as/os estudantes estabeleceram com as mães (na sua maioria), avós, irmãs, dentre outras. Esta etapa de nossas aulas, cujo roteiro consta na Sequência 04 de atividades, enquanto proposta para coletar informações a respeito da negação do direito à educação, e, conseqüentemente, verificar a atualidade da obra da Filósofa Mary Wollstonecraft, foi realizada por 20 estudantes, que compunham a turma do 3º ano do Ensino Médio. Levando em conta que alguns estudantes desistiram, alguns foram transferidos, e outros estavam em casa, pois, devido à alguma comorbidade, realizavam tarefas diferenciadas com outro professor, e que, portanto, esses estudantes não participaram das atividades propostas na escola, a princípio, a aplicação desta pesquisa se deu apenas com esta turma, mas, posteriormente, a pedido das e dos estudantes, foi possível realizar parte das atividades também com as turmas dos segundos anos do Ensino Médio, sendo necessário privilegiar e restringir algumas atividades a estas turmas. Com base nas questões sugeridas, as/os estudantes poderiam desenvolver mais perguntas e dúvidas a respeito.

Criar os gráficos para sistematizar as informações que foram trazidas pelas e pelos estudantes permite visualizar os dados em números, deixando claro as situações das mulheres com quem estes conversaram a respeito da educação. A seguir, o gráfico sobre a escolaridade das mulheres.

### ESCOLARIDADE DAS MULHERES ENTREVISTADAS



**Gráfico 3** – Escolarização das mulheres

Fonte: Acervo da pesquisa

Com relação aos dados presentes no gráfico, podemos constatar que 20 das mulheres entrevistadas, sendo a maioria a própria mãe, estudaram da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental; 11 das entrevistadas fizeram entre 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental; 16 chegaram ao Ensino Médio, algumas não o completaram; 04 mulheres cursaram uma faculdade e 03 fizeram a pós-graduação. Quanto à negação dos direitos à Educação das mulheres e meninas, percebemos que a maioria destas mulheres não chegou às universidades, pois a maioria completou apenas o Ensino Fundamental 1, de 1ª a 4ª série. Esse gráfico confirma os números do gráfico presente no PPP da escola.

Constava entre as profissões destas mulheres: costureiras, cozinheiras, agricultoras, donas de casa, operadoras de máquina, diaristas e técnicas de enfermagem.



**Gráfico 4** – Motivos que levaram à desistência do estudo

Fonte: Acervo da pesquisa

Nos dados coletados, estão os principais motivos de evasão descritos pelas mulheres entrevistadas. É preciso esclarecer que essas mulheres puderam pontuar mais de um dos motivos presentes. Alguns fatores colaboraram para a desistência, outros, foram essenciais. A falta de incentivo à educação destas mulheres é fruto de uma sociedade com padrões patriarcais, que deixa de reconhecer a importância deste direito básico e essencial, que ainda propõe que mulheres “não são capazes de muitas coisas” e que “meninas não precisam estudar”. A falta de incentivo está associada a todos os itens, praticamente, mostrando que a própria família priorizava a educação baseada na apreensão das tarefas domésticas.

De acordo com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, no livro “Sejamos todos feministas”: “Ensine a ela que papéis de gênero são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa ‘porque você é menina’. ‘Porque você é menina’ nunca é razão para nada. Jamais” (2014, p. 21).

# A educação das crianças

Muitos dos problemas que hoje vemos em nossa sociedade, fazem parte da nossa educação. Para desconstruirmos todos esses pensamentos, precisamos primeiro mudar a educação das crianças, que serão o futuro, ensinando à elas que não existe diferença entre gênero e que o amor e o respeito devem prevalecer em suas vidas. Vamos testar seu conhecimento! Responda o que você sabe sobre a educação das crianças:

1) Meninos podem brincar e usar coisas consideradas apenas de meninas?


RESPOSTA

2) A educação das meninas deve ser diferente da dos meninos?

RESPOSTA

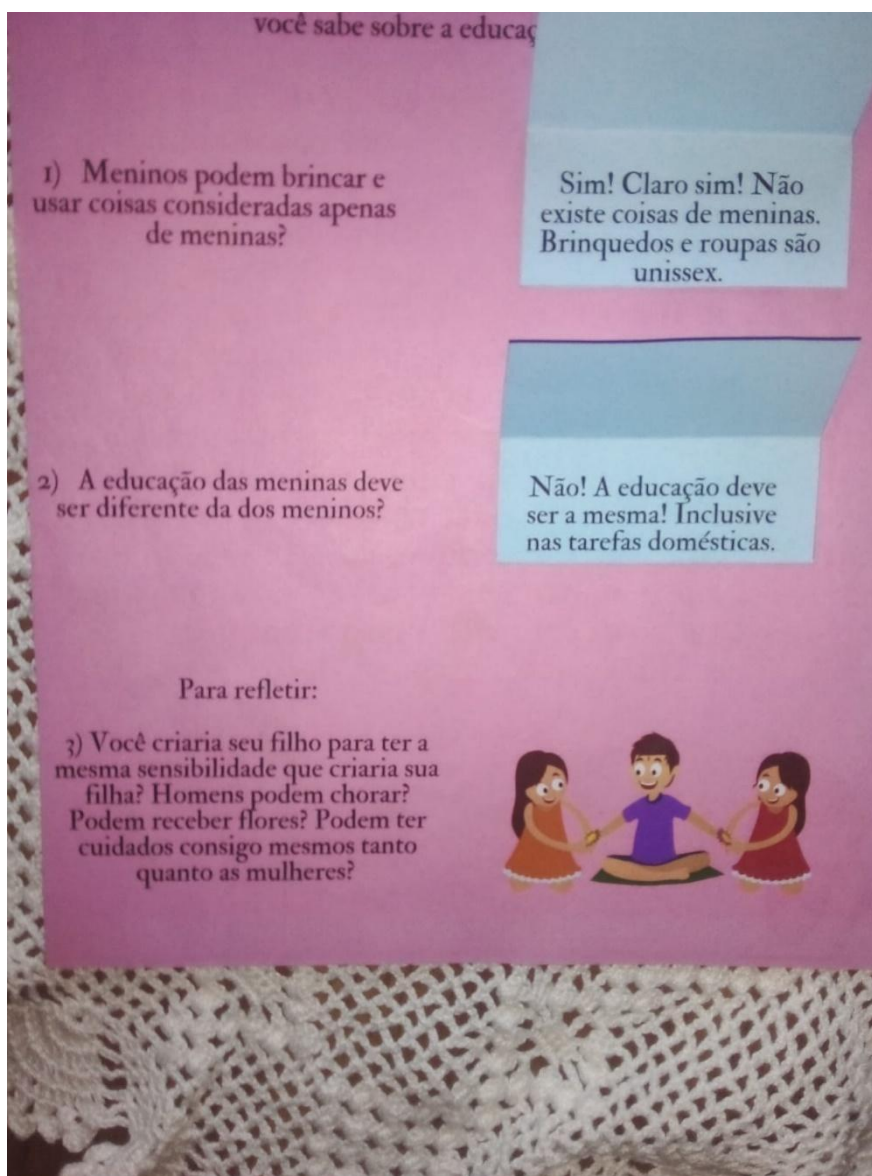
Para refletir:

3) Você criaria seu filho para ter a mesma sensibilidade que criaria sua filha? Homens podem chorar? Podem receber flores? Podem ter cuidados consigo mesmos tanto quanto as mulheres?



**Figura 29** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).



**Figura 30** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Para uma das mães entrevistada, uma das coisas mais absurdas que já ouvira na vida, por ser mulher, foi “que não poderia dirigir e nem trabalhar fora”, e que isso era muito visível quando “meus irmãos possuíam mais liberdade, apenas por ser homens, em alguns lugares eles podiam ir, eu não” (Estudante Alice).

A negação do direito à educação, tanto de mulheres quanto de meninas, está presente nas respostas das mulheres. Muitas dessas mães tiveram que abandonar os estudos por diversos fatores: seja para cuidar da família, seja porque

engravidaram, algumas, porque tiveram que trabalhar para ajudar no sustento da família, enquanto outras, ainda, porque seus próprios pais não permitiram que continuassem a estudar. A dificuldade em conciliar o estudo com o trabalho doméstico, os cuidados com a família e filhos, é visível:

Eu tinha 17 anos quando engravidei de meu primeiro filho; eu já trabalhava e havia sido aprovada no vestibular para o curso de História; o pai da criança era o amor da minha vida, eu amava ele, planejamos cuidar juntos de nosso filho; mas o tempo foi passando, e eu iniciei a faculdade, tive meu filho, e depois de dois anos estava grávida novamente...e o pai? ele estava com outra mulher...não vou contar o resto desta história...só posso dizer que terminei minha faculdade graças ao incentivo de meus pais, que cuidavam dos meus filhos para que eu pudesse estudar e trabalhar (Estudante Maria).

Nas respostas dos questionários, em 25,9% das respostas, as mulheres entrevistadas pelas/os estudantes relataram que pararam de estudar porque precisavam trabalhar, principalmente para ajudar as suas famílias. Segundo algumas destas mulheres:

A minha família era muito humilde, então, vira e mexe, tínhamos que trabalhar para sustentar a família. Então foram muitas as vezes que eu saí e voltei para o colégio (Estudante Sonia).

Comecei a trabalhar com 15 anos, trabalhava no serviço doméstico, recebia 150 por mês (Estudante Carla).

Não estudei mais, pois como somos vários irmãos, era preciso trabalhar para ajudar em casa (Estudante Cleusa).

Comecei a trabalhar aos 16 anos como faxineira em casa de família, para ajudar meus pais a comprar comida, porque éramos em oito pessoas na casa (Estudante Marta).

# A Educação das Mulheres



*Nísia Floresta foi a pioneira do feminismo e literatura de autoria feminina no país. Em 1838 ela fundou no Rio de Janeiro, um dos primeiros colégios exclusivos para meninas, o colégio Augusto. Pelo seu pioneirismo na fundação de um colégio para meninas, no nível dos melhores colégios masculinos da Corte, e sua produção literária foi colocada na posição de precursora das ideias feministas no Brasil, numa época em que a maioria das mulheres era analfabeta, Nísia era uma mulher erudita que lutava pelos direitos. Ela defendeu o direito à educação científica para mulheres, fundando a base das gerações de mulheres que hoje estão em escolas e universidades.*

*Atualmente, a presença das mulheres na educação brasileira é forte. Mas nem sempre foi assim. Quando foram criadas as primeiras escolas no Brasil pelos jesuítas durante o período colonial, elas eram somente para meninos e homens da elite. Após a independência do Brasil (1822), com uma lei de 1827, é reconhecido o direito das meninas na escola. Começaram a surgir escolas femininas que, além de serem separadas das masculinas, tinham características diferentes. Para as meninas, o foco era prepará-las para cuidar da casa e da família.*

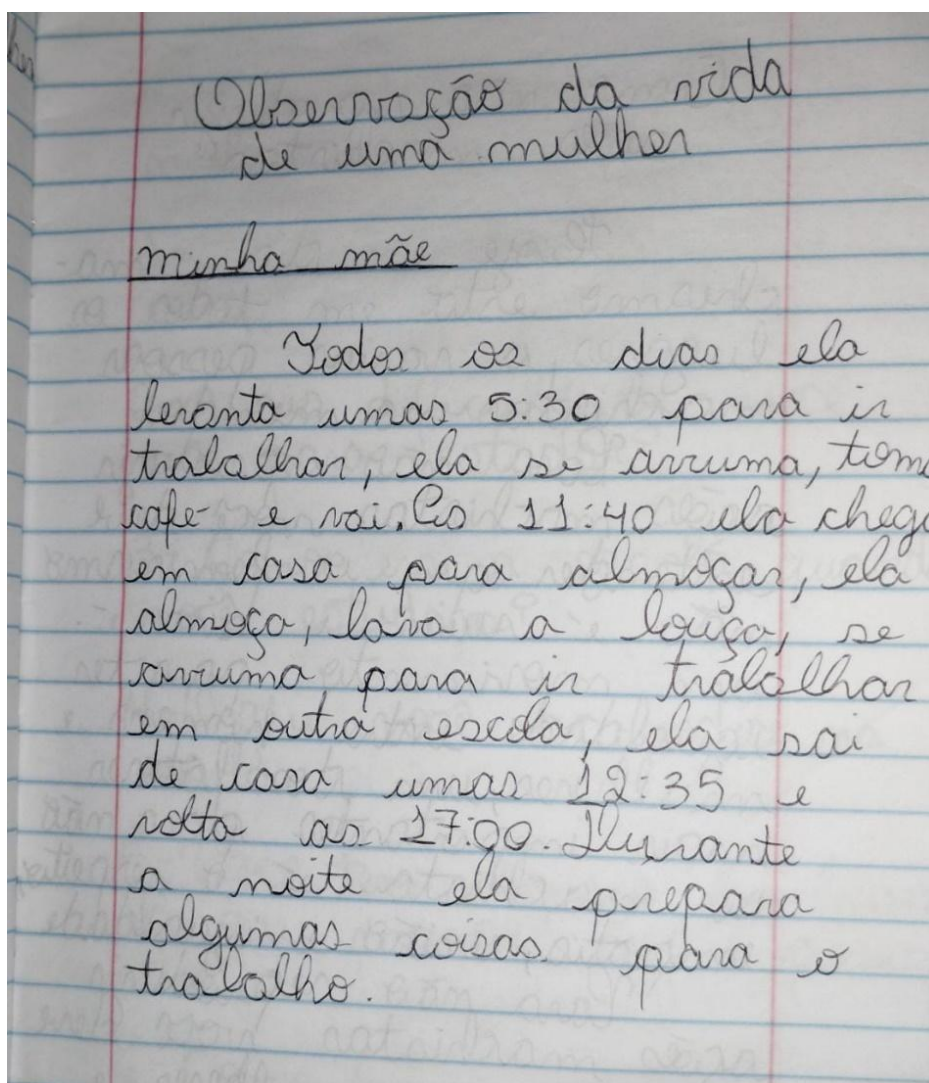


*Hoje, as meninas apresentam maior sucesso de trajetória escolar. Entre os adultos com mais de 25 anos, 49,5% das mulheres concluíram o ensino médio, contra 45% dos homens, de acordo com dados da Prad Continua 2018. No ensino superior, elas compõem 55% das matrículas de graduação. Na docência, a mesma coisa. De acordo com os dados do Censo da Educação Básica 2017, as mulheres formam 81% do professorado na educação básica brasileira. Ainda assim, nem tudo é um mar de rosas. Conforme as mulheres vão progredindo na carreira acadêmica, por exemplo, esse cenário muda. No Brasil, apenas um em cada quatro pesquisadores seniores são mulheres. A maternidade e a desigualdade na divisão das tarefas domésticas são alguns dos fatores que acabam por dificultar o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal das mulheres – mas não dos homens. É na educação básica que se concentra a maioria das mulheres profissionais da educação, especialmente na educação infantil. Nesse segmento, ainda se vê uma desvalorização das professoras, muitas vezes vistas apenas como cuidadoras, e não como educadoras.*

**Figura 30** – Panfleto sobre as mulheres da Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Durante o período de Pandemia, enquanto trabalhava em frente ao computador ou celular, onde as aulas aconteciam enquanto realizava, também, as atividades domésticas e enquanto minha filha me chamava para brincar e lhe dar atenção. A sala de aula invadiu o espaço privado e já não havia lugar demarcado, tudo se confundia.



**Figura 31** – Atividade de observação da rotina de uma mulher

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Com a volta ao sistema presencial me vi, de certa forma, voltando a delimitar esses espaços. O trabalho foi uma questão primordial. Afinal, as mulheres não têm a

questão da educação como algo primordial nas suas vidas, e a necessidade de trabalhar formalmente e também auxiliar em casa foram motivos que fizeram as mulheres pararem de estudar. Basta verificar a rotina de uma mulher observada por um/a estudante.

De acordo os dados da pesquisa participante, onde conseguimos estabelecer contato com as mulheres, em 20,7% das respostas, as mulheres relacionam o fato de terem parado de estudar à necessidade não apenas de ajudar a família, mas também de auxiliar no cuidado da casa, no trabalho do campo, no cuidado dos irmãos e nos serviços domésticos: “Porque eu precisava ajudar em casa.”

“Não, por conta de meus pais trabalharem na roça e eu precisar antes de tudo ajudar nos serviços da roça e domésticos” (Estudante Marilda).

A mãe da estudante Laura relatou que nunca teve incentivo para estudar, por conta de ter que ajudar os pais no trabalho da roça e nos serviços domésticos, tendo estudado até a 8ª série.

De acordo com o Ministério da Cidadania, mais ou menos 18% dos recém-nascidos no Brasil possuem mães com menos de 19 anos. São meninas que muitas vezes precisam abandonar a escola devido à gestação precoce, e acabam não dando sequência aos estudos para conseguir um emprego:

No tocante ao número de gravidez por faixa etária, no ano de 2020, os dados do Conecta SUS (2021) expressam que 94% acontece entre 15 a 19 anos, correspondendo a 21.676 mães adolescentes. Apesar da faixa etária de 10 a 14 anos expressar 6% do indicador de gravidez na adolescência, é com preocupação que se observam os números absolutos, 1.409 meninas.<sup>18</sup>

A gravidez é, com certeza, um dos fatos mais importantes da vida de uma mulher, mas vale aqui ressaltar que nem todas as mulheres têm esse desejo. Mulheres não podem ser definidas por essa função de ser mãe. Ser mãe não é algo simples, e temos que refletir aqui, sem romantizar, que a gravidez pode, sim, ser um empecilho quando ocorre cedo demais.

Muitas mulheres pararam de estudar, e dentre os motivos citados pelas mulheres que os alunos entrevistaram, sendo que a maioria dos estudantes

---

<sup>18</sup>Disponível em: <<https://www.saude.ma.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/INFORME-TECNICO-02-GRAVIDEZ-NA-ADOLESCENCIA.pdf>>

Acesso em 20 de janeiro de 2023.

entrevistou a própria mãe, a gravidez, em muitos casos precoce, foi um dos obstáculos para estudarem.

A estudante Maria relatou que sua mãe não tinha apoio da família para estudar, e teve que se virar sozinha, quando engravidou, tudo ficou mais difícil; ela ainda declara o quanto admira essa mulher que decidiu sair de casa para viver de maneira independente.

A mãe da estudante Ana relatou que teve que parar de estudar porque tinha que trabalhar, tendo dificuldades para ir até a escola em razão da distância, além de não ter os materiais dos quais precisava.

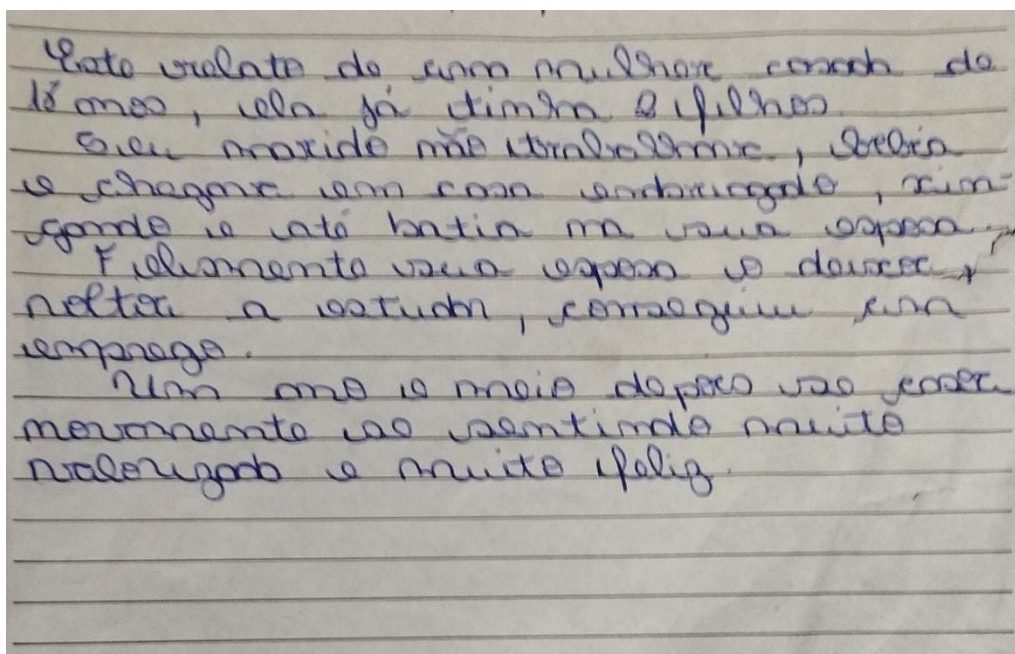
A aluna Sabrina descreve que sua mãe teve que estudar apenas até o 1º ano do Ensino Médio, porque teve uma criança, teve que parar para cuidar da filha, sendo que sua mãe lhe disse que era para parar de estudar e assumir as consequências disso. Ela ressalta, ainda, que se arrepende de não ter insistido para estudar, pois hoje não trabalharia tanto em serviço braçal e exaustivo e poderia trabalhar no que realmente gosta.

A gravidez precoce ainda é uma das principais causas das mulheres e adolescentes abandonarem os estudos, e se configura em 25,9% das respostas dadas durante o diálogo das/os estudantes com mulheres. A responsabilidade pelos filhos ainda é de responsabilidade das mulheres, afinal, homens não abandonam suas prioridades por causa de seus filhos. Nesses casos, o incentivo e a ajuda de familiares fazem a diferença. Sem auxílio, a dificuldade aumenta e é praticamente impossível que uma garota dê sequência aos seus estudos. Nas declarações coletadas pelos/as estudantes:

- a. Engravidei e tive que parar.
- b. Continuaría os estudos se não tivesse uma filha.
- c. Engravidou cedo.
- d. Porque eu tive uma criança e daí parei de estudar para cuidar da minha filha e meus pais falaram que era para parar e assumir as consequências.
- e. Engravidei e meus pais achavam que mulher deveria fazer os serviços domésticos (RESPOSTAS OBTIDAS NOS QUESTIONÁRIOS, ACERVO DA PESQUISA).

Diante destas declarações, há casos de mulheres que engravidaram e que cuidam sozinhas de seus filhos. Muitas das mulheres que fizeram parte desta pesquisa dos estudantes moravam no interior de nossa cidade, trabalhavam na roça,

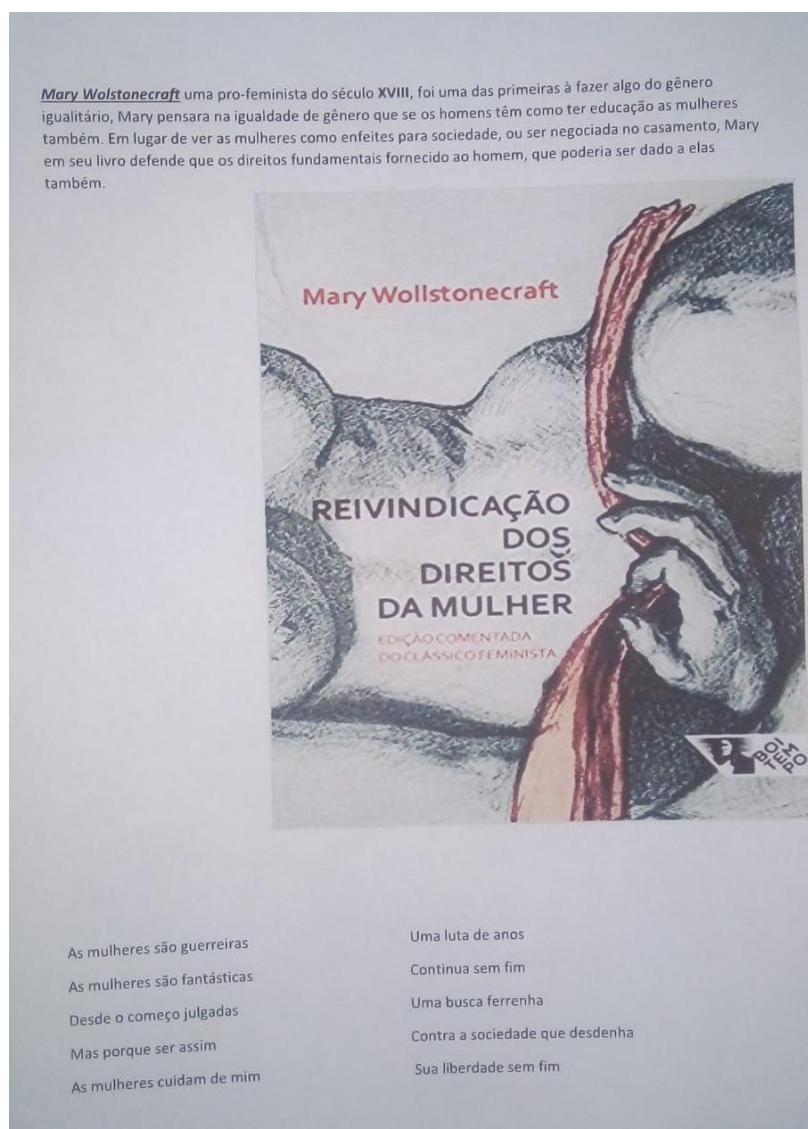
inclusive com a ajuda das/os filhas/os. A vida no campo e a distância não permitia que muitas estudassem; as escolas próximas não tinham mais do que o Ensino Fundamental e querer seguir os estudos requer muita vontade, incentivo e investimento.



**Figura 32** – Atividade de observação da rotina de uma mulher

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Ainda esperamos que as mulheres tenham histórias felizes como a relatada acima. Precisamos falar das opressões e das violências de forma a torná-las visíveis, tendo em vista que a escola não é um espaço harmonioso, mas, o espaço das contradições, dos debates e conflitos. Ao criar e produzir conhecimento, ocupamos este espaço e nos reconhecemos nele, e, sendo assim, negar que as opressões existem é contribuir para que as violências continuem a ocorrer. Contudo, sabemos que o silenciamento é parte de um sistema que nos aliena de muitas formas. A escola não pode colaborar com a cultura do silenciamento.



**Figura 33** – Panfleto das mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Os dados obtidos, através de pesquisa participante, trazem consigo a necessidade da discussão a respeito da atualidade da obra de Mary Wollstonecraft. Quando ouço uma mulher ou uma adolescente falando e contando das violências vivenciadas, sinto-me como que rasgando por dentro. Anseio todos os dias que as mulheres tenham o direito e a liberdade de serem elas mesmas, que possam escolher, mesmo que o sentimento que me perturba seja o de ter as mãos atadas e amarradas por um sistema que trata da violência justificando esse ato e culpabilizando a própria vítima.

A necessidade de conscientizar ou propor uma solução falou mais alto: ‘A violência contra a mulher só irá acabar quando for ensinado a nossas crianças sobre a verdadeira igualdade’ (Estudante Maria).

As/os estudantes, por meio de poesias descrevem o quanto o silêncio se traduz em uma violência; afinal, até quando os estereótipos a respeito da figura feminina prevalecerão?!

### **O silêncio cala**

O silêncio fere  
silêncio mata  
Não fique em silêncio

Não se cale  
Não se fira  
não se mate  
Pois você mulher  
é um tesouro precioso

### **E ATÉ QUANDO?**

Não posso usar roupa curta  
que sou puta!  
Meu jeito de ser  
Meu jeito de se vestir  
até quando vão exigir?!

Não posso andar na  
rua de blusa com decote  
que se duvidar,  
sou abusada até a morte  
Não quero me calar!  
pois até quando vou perguntar?!

E o medo de sair!  
medo de alguém me agredir!  
Não quero algo perfeito...  
Apenas um pouco de respeito!!!

Poesia produzida pelos estudantes do 3º ano do EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

### 3. ENSINO DE FILOSOFIA INTERCULTURAL EM COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

#### 3.1 Repensar a prática em sala de aula a partir da Interculturalidade

*“Eu vou aprender mais com vocês do que vocês comigo, mas espero que vocês aprendam mesmo é uns com os outros”<sup>19</sup>...*

Aqui, como na Filosofia, importam os caminhos construídos a partir de memórias, sensibilidades, afetos e sentimentos.

Muitas vezes, é difícil abandonar o que achamos e pensamos. O nosso conforto é sempre o lugar a partir do qual observamos a realidade, e mergulhar nas estranhezas é um grande desafio. De acordo com Magali Menezes, em seu texto “Nos Interstícios da Cultura: As Contribuições da Filosofia Intercultural”:

Problematizar significa sair da obviedade, ou seja, ao problematizarmos provocamos deslocamentos, olhamos para o que parece comum, buscando o estranhamento, a desconforto. Deixamos nossos lugares de certezas para adentrar mundos que nos exigem sensibilidade para estranhar e desconfortar. É a partir desta perspectiva que procuraremos discutir a questão da Interculturalidade no contexto da Educação.<sup>20</sup>

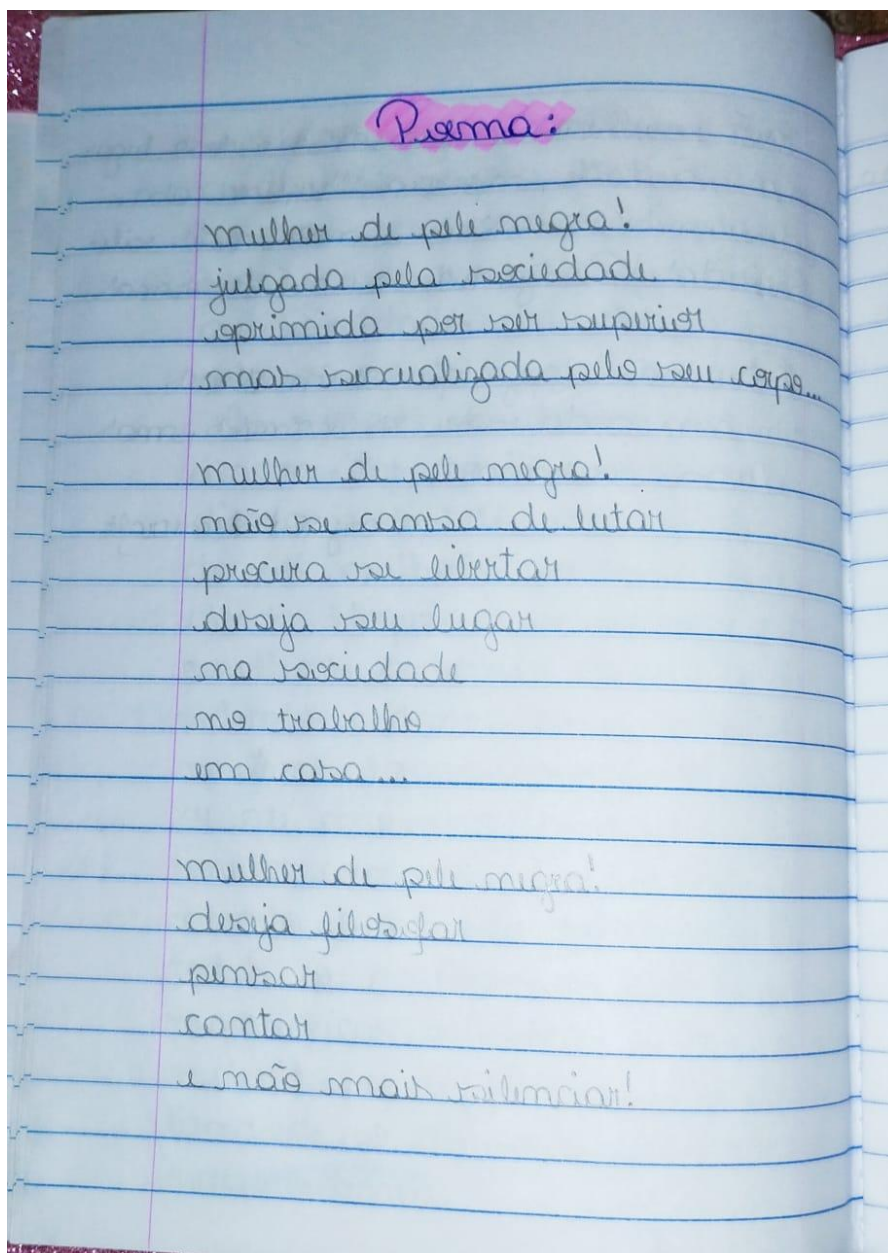
Este trabalho é um convite às novas maneiras de ensinar e aprender Filosofias, ele representa um processo que foi construído com base em um diálogo estabelecido com as e os estudantes a respeito da educação das mulheres e meninas, com o intuito de buscar uma prática e um diálogo com a Filosofia Intercultural que possibilite perceber outros olhares, que transgridem o paradigma de uma “educação bancária”. Trata-se de aprender uma Filosofia da práxis, a qual não fica apenas no campo teórico, mas seus conceitos são apreendidos diante de uma experiência cotidiana. Isso acontece à medida em que acolhemos outras formas de expressão do conhecimento produzidas pelas/os estudantes, como os desenhos, as

---

<sup>19</sup> Frase de Silvia Cusicanqui após iniciar as trocas na cátedra livre que oferece semestralmente na capital boliviana.

<sup>20</sup> Menezes, M. M. de. (2011). Nos interstícios da cultura: as contribuições da filosofia intercultural. *Educação*, 34(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/7410>. Acesso em: 15/02/2023.

colagens, as representações, os diários, as poesias, os panfletos, os quais declaram a luta travada contra os silenciamentos, como no poema abaixo, que traduz a indignação referente às opressões sofridas pelas mulheres negras e a tão sonhada busca por ser livre, visto que Filosofar é o oposto de silenciar!



**Figura 34** – Poesia no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A educação bancária se manifesta no ambiente escolar, na medida em que

os conteúdos, por vezes, são repassados como se as/os estudantes fossem depósitos, sem qualquer questionamento e consciência do que lhes é ensinado. Foi assim também durante minha vida escolar. Sem participar do processo, éramos como meros expectadores, em que o professor falava e demonstrava a sua autoridade, e, nós, em silêncio, aceitávamos tudo; eu me sentia, muitas vezes, inexistente naquele espaço.

Neste sentido, o educador Paulo Freire questiona a educação como reprodução de conhecimentos e propõe uma educação libertadora, em que o diálogo se faz presente e, acima de tudo, humaniza o ser humano:

O diálogo não é um produto histórico, é a própria “historicização”. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se a si mesmo num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesmo é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito (FREIRE, 1987, p. 16).

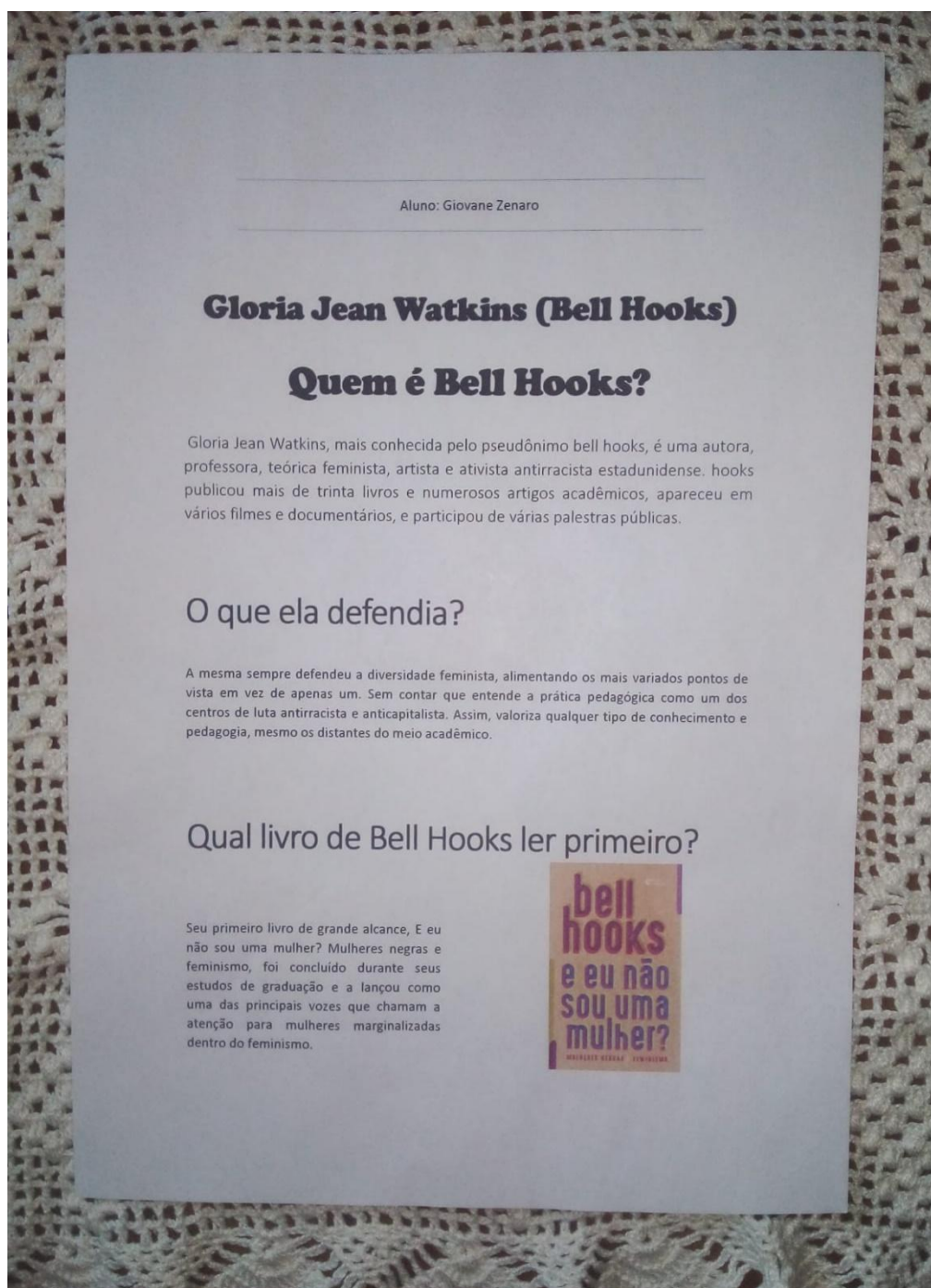
Tenho consciência de que ser educadora é estar em constante processo de reflexão acerca do seu papel na escola; é resistência, que se faz para além do chão da escola, onde se manifestam as opressões:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2011, p. 58).

Raúl Fernet-Betancourt desenvolve importantes considerações acerca de uma filosofia intercultural, argumentando que a sua definição é problemática porque as classificações fazem parte da cultura ocidental. O ensino de Filosofia continua sendo transmitido de modo a ressaltar uma filosofia canônica e ocidental, que se manifesta pela escrita e oralidade. Pensar em termos da prática de transgressão e descolonização é repensar as formas de expressão da educação e do conhecimento.

Nas escritas de bell hooks, abraçamos uma pedagogia em que não estamos

sozinhos, em que construímos juntos todo o percurso, de modo que percebemos a educação enquanto uma prática libertadora. Neste trabalho, tentamos formar uma “comunidade de aprendizagem”, em que o diálogo com as/os jovens foi o meio utilizado para que pudessem compartilhar seus saberes. As escritas dos diários me presenteavam com fatos de suas vidas, alguns angustiantes, que guardo apenas para mim. Nesses momentos, eu sabia que havíamos ultrapassado os muros da escola.



**Figura 35** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Percebo a importância de refletir sobre o meu papel enquanto mulher, afinal, afirmei isso durante todo este trabalho, e (re)pensar minha prática constantemente, o que impõe a necessidade de uma teoria que se manifesta na concretude da

realidade: “A prática não é teoria em si mesma, mas, sem ela, a teoria corre o risco de perder o tempo de aferir sua própria validade como também a possibilidade de se refazer. No fundo, teoria e prática, em suas relações, se precisam e se complementam” (FREIRE, 1991, p. 106).

Para Paulo Freire, não podemos desconsiderar o que o educador chama de “saber de experiência feito”. É impossível abandonar tudo o que sabemos, para destacar apenas o saber científico. O saber sensível do nosso cotidiano precisa ser aprimorado e levado para a sala de aula. Nesse processo em que educador e educando aprendem juntos com amor, educar é, acima de tudo, um processo de humanização, pois é na escola, enquanto sujeitos conscientes de suas histórias e vivências, que o conhecimento se constrói enquanto uma troca de saberes e experiências que nos transformam.

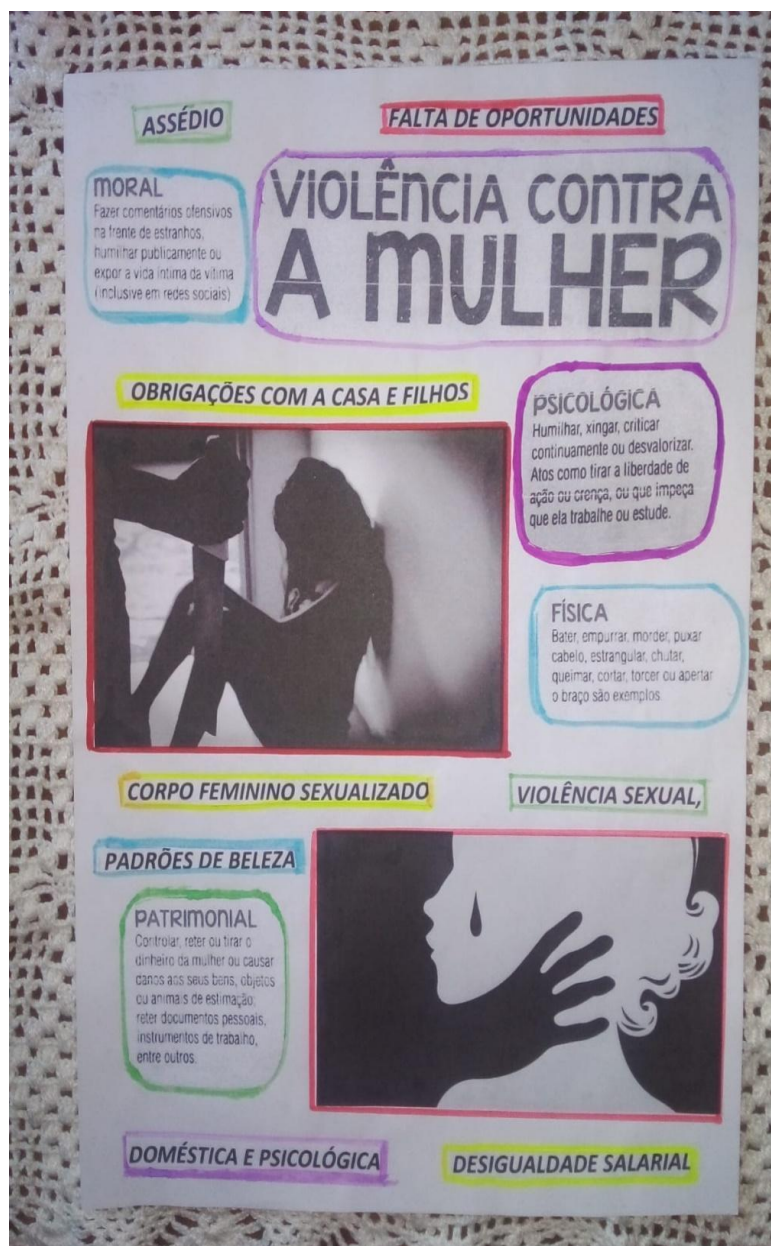
### **3.2 Silvia Cusicanqui: uma aprendizagem em comunidade escutando as mulheres através das imagens**

Ressaltamos que, nesse caminhar, manifesta-se um meio de expressão que vai além da escrita e da oralidade, filosofando por meio de imagens.

Para analisar essa prática, recorreremos à pensadora Silvia Cusicanqui, nascida em La Paz, em 9 de dezembro de 1949, mulher, feminista, ativista e socióloga boliviana, mais precisamente, uma “socióloga senti-pensante”, cujas análises remetem ao pensar com o coração. Nesse sentido, a autora faz parte de um grupo de pensadores que combinam coração e corpo, razão e sentimento, na produção de conhecimento e saberes que estão relacionados aos seus modos de vida. A pensadora contribuiu para uma interpretação que busca a superação dos aspectos da história de opressão vividos pelos povos andinos da América Latina.

Partindo da constatação, realizada por Silvia Cusicanqui, de que os sistemas coloniais encobriram saberes, violências e injustiças, sendo que ainda hoje o fazem, em detrimento da valorização do sistema de escrita, utilizamos as imagens como formas de expressão e resistência. As imagens falam por si e, sem precisar de uma explicação, permeiam os escritos das/os estudantes, demonstrando que é possível

refletir, questionar e olhar além das aparências e preconceitos. Mais do que isso, mostram que é possível fazer uma Filosofia que observa, pergunta e pensa sobre as imagens, e, portanto, mais próxima de tudo o que vivemos, permite a participação e a compreensão de todos.



**Figura 36** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Esse aprendizado nos permite fazer Filosofias de outra maneira, de forma a incluir todas e todos, e, desta maneira, descolonizamos os saberes escolares.

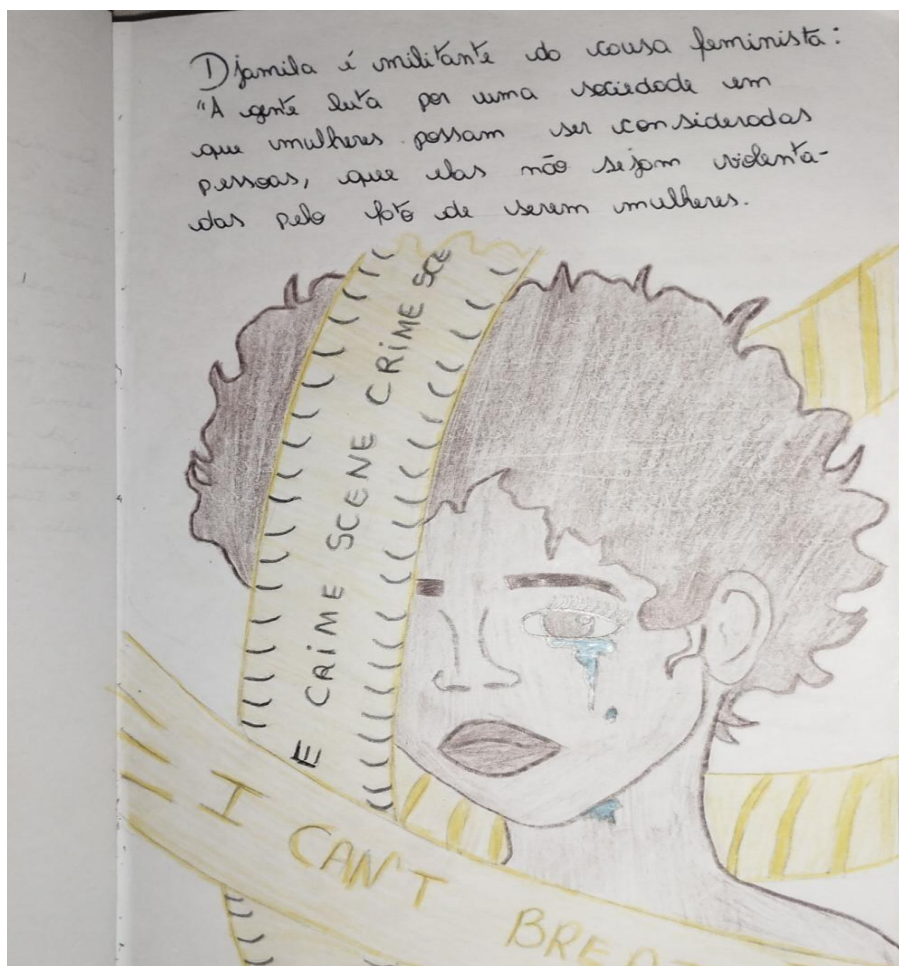
Diante disso, tratar das violências foi fundamental para visualizar que elas estão presentes, e que muitas vezes são naturalizadas no cotidiano. Propomos uma construção realizada a partir dos olhares que lançamos sobre a realidade, daquilo que pensamos, além das próprias visões, ver o outro sob outras perspectivas:

Para o pesquisador espanhol Gonzalo Abril, especialmente ao longo de suas últimas obras, esse quem tem um corpo, mas é antes de tudo um olhar (“mirada”, nas suas palavras), termo que, nas suas reflexões, designa uma visão modalizada e um dado cultural, pois é exercida a partir de saberes, pressupostos, conhecimentos prévios, ou seja: não apenas envolve condições perceptivas e sensomotoras (frequentemente o olhar exige movimento corporal: levantar ou baixar os olhos, girar etc.), também condições técnicas e estruturas simbólicas determinadas. Articulada a certas posições e deslocamentos do corpo no espaço, o olhar proporciona algumas das mais fundamentais configurações metafóricas (no sentido de Lakoff e Johnsson, 1986) que conformam nossas categorias epistêmicas, morais e afetivas: “olhar de frente” alude a uma disposição decidida frente à verdade ou frente à ameaça (contrariamente a “olhar para outro lado”); “olhar de cima para baixo”, a uma atitude de desprezo em relação aos outros; “fixar o olhar” a um limite perigoso da atenção ou da vigilância; “suspeitar” procede de *suspectare*, “olhar para baixo”, como atitude cognitiva e afetiva relacionada com a desconfiança ou o medo, etc. (Abril, 2007, pp. 42-43) ao olho, à visão, o olhar pode ser entendido como condição específica de percepção e consequentemente de entendimento do mundo. Rivera Cusicanqui propõe uma reflexão sobre as imagens a partir de uma prática coletiva e fortemente anticolonial que, menos do que organizar identidades numa possível hierarquia, ou ainda tomá-las como algo estável, busca produzir estranhamentos e refletir sobre as potências da diferença. Na sociologia da imagem, o/a observador/a olha a si mesmo e o entorno social onde aquele corpo está imerso como uma parte constituinte (CUSICANQUI, 2015).

Através da Sociologia da Imagem, busquei construir uma prática intercultural que transformasse a sala de aula, acolhendo expressões de conhecimentos para além da escrita. A socióloga Silvia Cusicanqui traz categorias novas como: Chuyma-aymara = coração, pulmão, fígado, ou vem das entranhas superiores, responsáveis pelo funcionamento e centro de construção do pensamento ontológico, e, a partir daí, nasce uma nova interpretação da realidade, como centro e ponto de partida da construção do pensamento. A teoria é uma experiência vivida. A desconstrução começa com uma teoria e prática que parte do coração e da vivência.

O processo de dominação colonial não se fez apenas por meio da violência física, mas também do ponto de vista epistêmico, através do processo de introdução de uma nova forma de pensamento que ignorava a existência de certos povos

colonizados. Chamamos esse processo de anulação dos sujeitos do conhecimento de epistemicídio. A universidade e as escolas fazem parte das instituições que reproduzem uma forma de pensar por onde perpassam práticas colonizadoras.



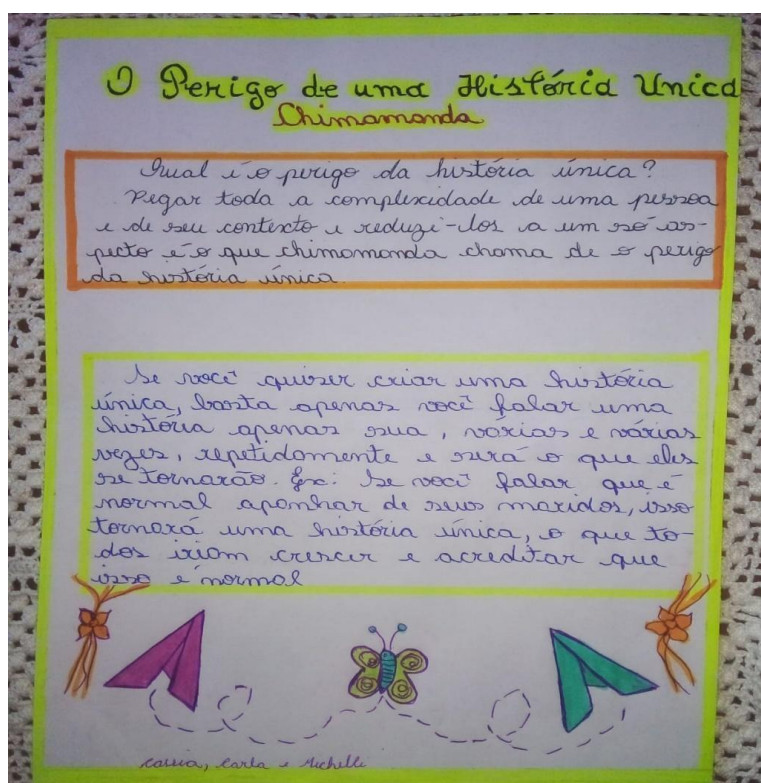
**Figura 37** – Desenho no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A sociologia da imagem permite descolonizar a própria consciência e superar o eurocentrismo ocidental, enquanto as práticas parecem estar tão demarcadas que ignoram o que está ao lado. Pesquisar a memória coletiva e a história - no caso da Sílvia, com relação aos povos andinos – permite reconhecer as resistências: “A possibilidade de uma profunda reforma cultural em nossa sociedade depende da descolonização de nossos gestos, de nossos atos e da linguagem com a qual

nomeamos o mundo.”<sup>21</sup>

A história não acontece de maneira linear, o que nos permite associar o que estamos vivenciando ao passado. Aprender com imagens faz aprender de uma forma diferente, faz prestar atenção aos detalhes que são esquecidos e passam despercebidos quando se aprende somente por meio dos textos. Reconhecer as várias histórias e seus múltiplos sujeitos faz parte desta análise, e que histórias únicas devem ser desconstruídas.



**Figura 38** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Com relação às epistemologias do povo indígena andino, lugar de onde fala a pesquisadora Silvia Cusicanqui, refere-se a uma cultura que ainda não é totalmente compreendida, pois reproduz os silêncios e as palavras parecem encobrir a realidade em vez de desvela. Contudo, os silêncios e as imagens nos dizem muito mais do que as palavras, reavivando as memórias, as quais ficam visíveis nas

<sup>21</sup> Historieta baseada no livro Ch'ixinakax Utiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores de Silvia Rivera Cusicanqui; Disponível em: <https://www.assis.unesp.br/Home/pesquisa/publicacoes/pensar-em-movimento.pdf>

imagens produzidas nas capas dos diários de aprendizagens.

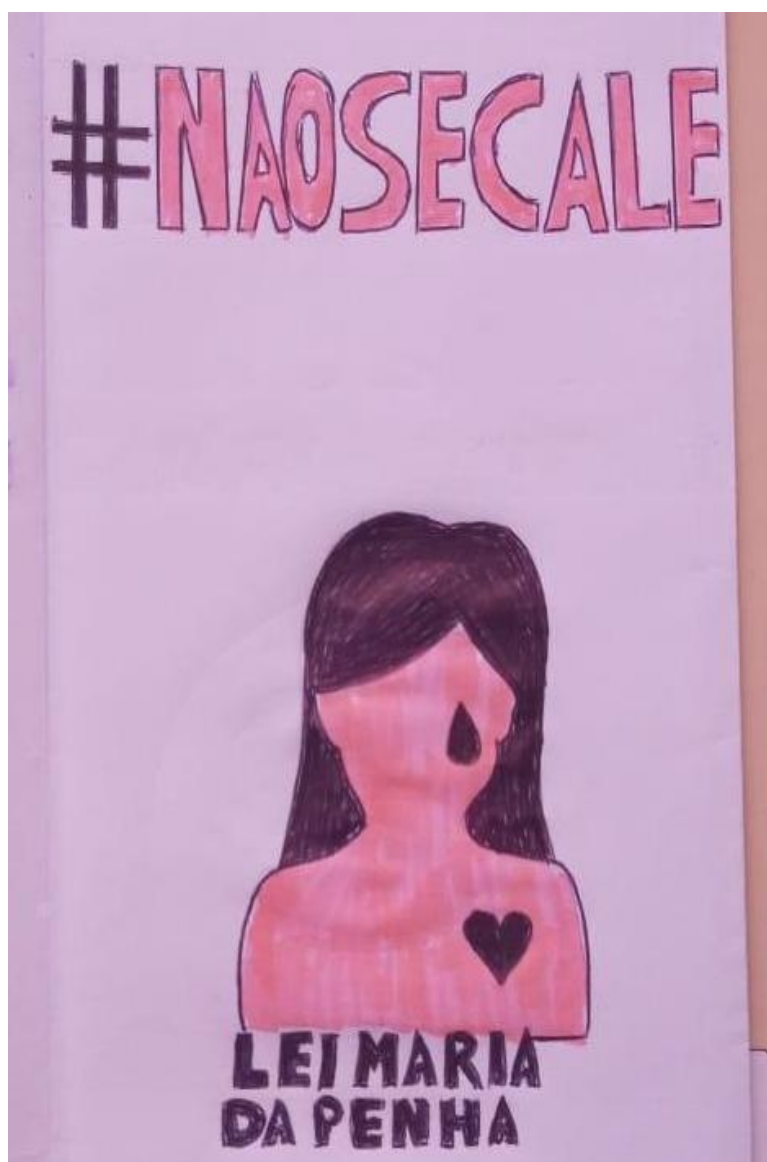


**Figura 39** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A escrita não dá conta de expressar os silêncios, enquanto os silêncios se manifestam nas imagens e para além destas formas de representações de realidade. A forma de expressão por imagens é o resultado deste processo de investigação, servindo como alegorias que nos comunicam os assuntos trabalhados em sala de

aula.



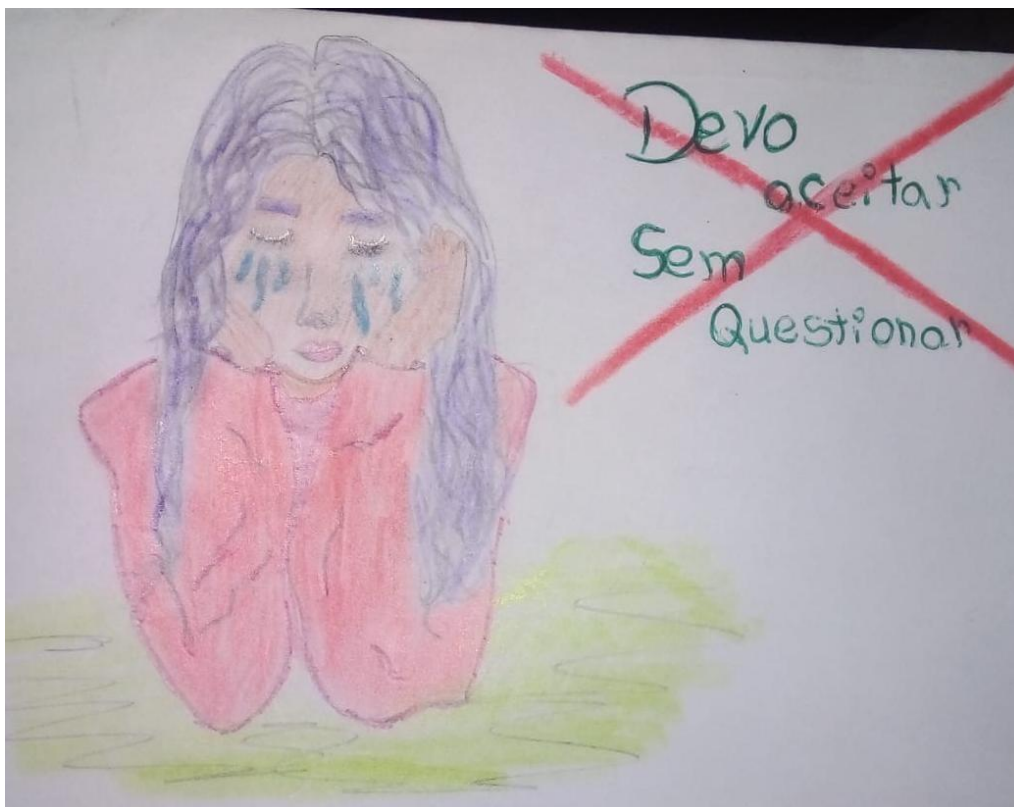
**Figura 40** – Folder sobre violência contra a mulher

Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Essas ações pedagógicas são significativas como tentativas anticoloniais. A partir daí, estabelece-se um caminho sem censura, por isso contêm episódios de fracasso, incoerência e contradição. Na cultura popular, imagens, esculturas, mitos e histórias são formas comuns de comunicação, porque fazem parte de uma trajetória já estabelecida.

Nesta construção, faz-se importante a busca de uma Filosofia que represente

a nossa própria genealogia e que supere o eurocentrismo e os aspectos de um sistema hegemônico colonial. Por meio das imagens, caminhamos na direção de contrapor o desequilíbrio ocasionado pela lógica do dominador. Por meio dessas alegorias e formas de expressão do conhecimento, estabelecemos mecanismos diferenciados de relações com o outro.



**Figura 41:** Recorte para destacar a imagem na capa do diário de aprendizagem  
Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

De acordo com a professora Giselle Moura Schnorr, em sua tese intitulada “A Filosofia Intercultural de Raúl Fernet-Betancourt: práxis dialógicas e reaprendizagem do pensar”, “a interculturalidade é um caminho para a transformação a filosofia, parafraseando o poeta, caminho que se faz ao caminhar” (SCHNORR,2015, p.140-141).

O diálogo interdisciplinar, aqui realizados com a socióloga Silvia Cusicanqui, proporciona o conhecimento e reconhecimento das outras expressões, no caso, as imagens produzidas, traduzem formas de pensar diversas e válidas para a compreensão da realidade e para o exercício de uma Filosofia que acolha não

apenas a diversidade feminina, mas que também compreenda as outras masculinidades. Tentamos fazer uma Filosofia que:

...se manifesta na práxis histórica, como pensar respectivo, de intervenção no mundo de forma comprometida que descentra a filosofia do filósofo profissional ao reconhecer como sujeito histórico de reflexão filosófica os/as marginalizados/as, as/os silenciadas/os, nos quais o fazer filosófico se compromete com a busca da libertação anulando as situações de opressão. Trata-se de um quefazer filosófico que precisa se abrir às áreas diversas de conhecimento, para outros saberes e outras culturas num diálogo interdisciplinar. (SCHNORR, 2015, p.90).

Busquei construir com as e os estudantes uma relação que os acolhesse em suas diferentes identidades, buscando uma maneira de olhar para o outro e se relacionar sem hierarquias, a partir do diálogo constante, o que oportunizou compreender essas formas plurais de se perceber no mundo. Não descartamos a importância da escrita, quando esta, de maneira muito livre, nos acompanhou nos diários, mas as alegorias acolhem diferentes formas de produzir conhecimentos.



**Figura 42** – Desenho feito no diário de aprendizagem

Fonte: Adaptação de atividades para o estudante do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Silvia Cusicanqui questiona se somos capazes de abrir espaços aos chamados outros, referindo-se aos indígenas. Eu penso: e quanto às mulheres?

Respondo: é o que tentamos fazer aqui, acabar com a lógica linear da história e observar os territórios e contextos das falas para romper com os silêncios, de modo a construir conhecimento de modo coletivo e enquanto sujeitos de suas histórias, como nos mostram as imagens a seguir.



**Figura 43** – Desenho de Estudantes

Fonte: estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).



**Figura 44** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).



**Figura 45** – Capa de um diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 3º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Raúl Fornet-Betancourt destaca o diálogo como fundamento da filosofia intercultural, através dele desconstruímos pensamentos preconceituosos presentes na nossa realidade e em nossa cultura.

:

[...] que el diálogo intercultural exige una consciéncia, um aprecio, uma auto estima de lo mejor de nosotros mismos de una cultura, porque ya hemos discernido nuestra propia cultura y hemos desenmarcarado, en cierta forma las manipulaciones dogmáticas de la imagen de una cultura (FORNET-BETANCOURT, 2004, p. 82).

A Interculturalidade possui aspectos matrilineares e se faz a partir do território em que o feminino é entendido como um processo que:

tece a trama da interculturalidade através de suas práticas [...] criadoras de linguagens e símbolos capazes de seduzir ao 'outro' e estabelecer pactos de reciprocidade e convivência entre diferentes” (2010a, p. 72, tradução livre<sup>22</sup>). O masculino, por sua vez, denota noções fixas de território e mapa, típicas de um “logocentrismo machista que desenha mapas e estabelece pertencimentos” (CUSICANQUI, 2010a, p. 72, tradução livre<sup>26</sup>). Essa é também a noção masculina a partir da qual o Estado “domestica a alteridade indígena, [...] certifica a condição étnica e a encerra em limites (jurídicos, geográficos) que minam suas potencialidades de autonomia e autogoverno (CUSICANQUI, 2018, p. 119, tradução livre).



**Figura 46** – Capa de um diário de aprendizagem

<sup>22</sup> No original: [...] descodifican en un praxis a la vez reflexiva y material, reactualizando el pasado a la par que abriendo el camino a lo nuevo.”

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

É necessária a busca de uma epistemologia própria, que supere as formas de dominação que se dão pela linguagem, para buscar novas formas de capturar a realidade e, através de outras linguagens, construir uma dimensão teórica mais ampla. É necessário pensar por meio da troca de sensibilidades e refletir com as mensagens próprias que nos habitam. Nesta escrita, enquanto Silvia Cusicanqui observa a realidade a partir da sua subjetividade e de seu território, nós, aqui o fazemos, produzimos a partir de onde a gente tem o pé no chão. As mulheres com as quais dialogamos são enunciadas e falam a partir de suas territorialidades, de onde vivem, do espaço de suas casas, espaço já descrito repetidamente nas análises realizadas nos capítulos anteriores, mas que as imagens nos mostram.

Dialogamos com as mulheres da vida das e dos estudantes, observando as imagens.



**Figura 47** – Desenho feito no diário de aprendizagem

Fonte: Atividade adaptada para um estudante do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Convertemos o Ensino de Filosofia, numa perspectiva Intercultural, para além dos instrumentos de dominação, tendo em vista que a imagem comunica mais rapidamente que as outras formas. Elas são a tradução daquilo que os jovens destacaram durante o processo. Descolonizamos, na medida em que não reconhecemos as diferenças de modo hierárquico, tendo as imagens como fonte de conhecimento, narrativa que comunica algo e não como algo banal e que necessita ser interpretado ou descrito.

**É feio falar palavrão**

"senta que nem mocinha "

Qual mulher nunca ouviu uma dessas frases de alguma pessoa próxima ou parente .sempre tem alguém para falar essas frases ou até mesmo uma mulher por que foi criada em casa assim .

O problema da questão de GÊNERO é que ela prescreve COMO DEVEMOS SER em vez de reconhecer COMO SOMOS!"

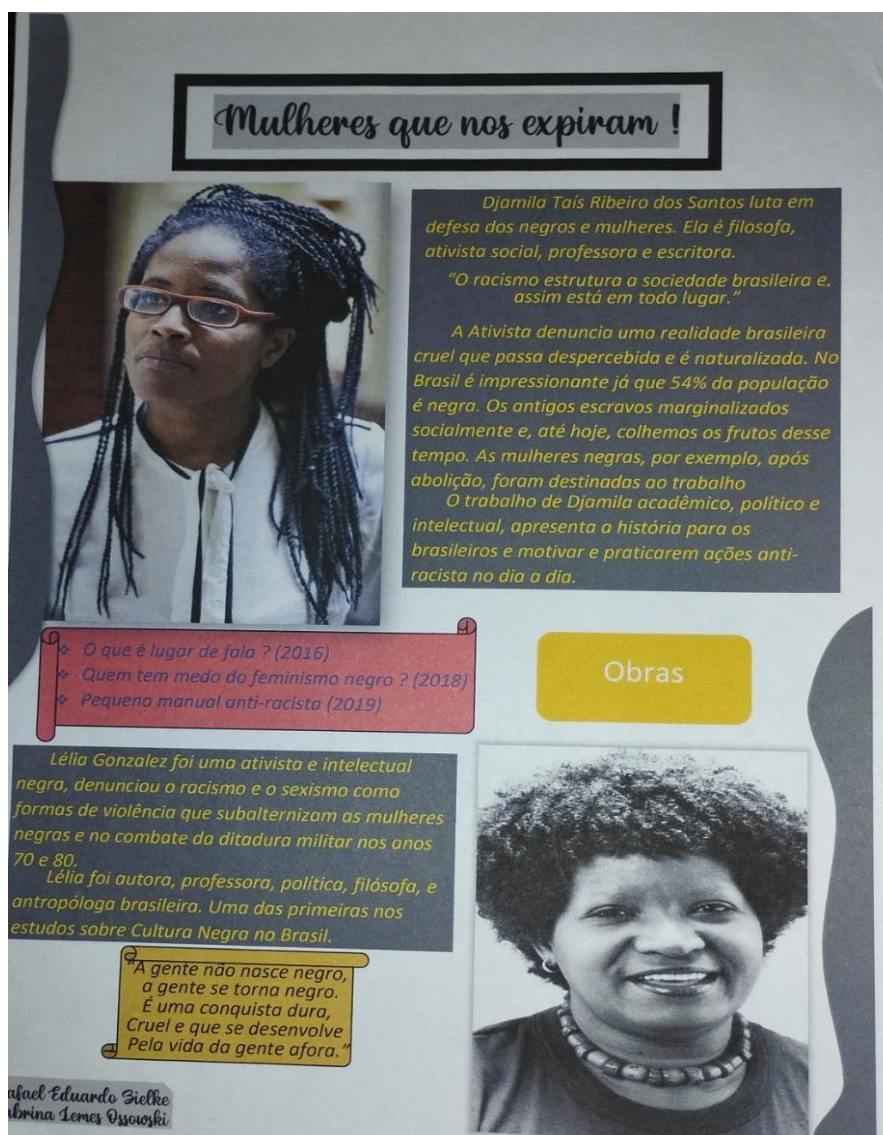
"Não se nasce mulher torna-se mulher"

**Figura 48** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Ser mulher faz parte de uma construção histórica e social e é na interculturalidade que se estabelece um diálogo com o outro. O outro sempre tem algo a me dizer, tocando as sensibilidades, a partir de suas histórias de vida, de seus sentimentos e das suas memórias. Partindo do tempo e espaço de quem fala, construímos o conhecimento de uma maneira inusitada. De acordo com Fornet-Betancourt:

[...] Y me parece que no se trata de repetir ideas aprendidas porque lo decisivo para el mundo intercultural que queremos, y debemos, construir, es precisamente superar lo aprendido el la educación de la cultura hegemónica para aprender de nuevo em y con la gente, es decir, trabajando con la gente, compartiendo sus miedos y preocupaciones, asimismo sus esperanzas y sus muchas iniciativas en favor de una vida digna, justa y, por tanto de convivencia (FORNET-BETANCOURT, 2004, p. 85).



**Figura 49** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A observação e a sensibilidade para olhar de outra forma as ações, as pessoas, as relações, as cenas que perpassam ao nosso redor, nos proporcionam um olhar mais atencioso sobre o outro, que sabemos, por muitas vezes foi a mulher.

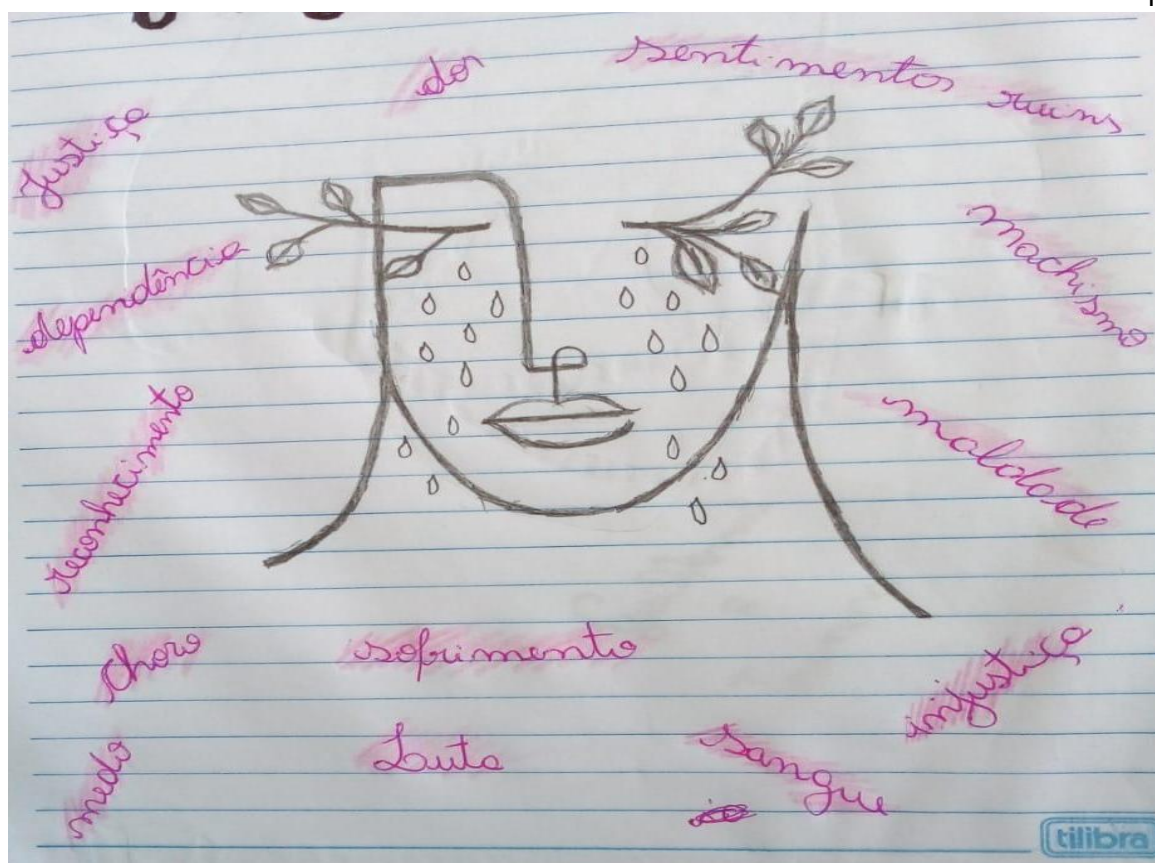
Ao mesmo tempo, não conseguimos nos distanciar de nossa história, e, portanto, de um modelo colonial de apreensão do conhecimento. Quando não levamos, enquanto educadoras e educadores, os indígenas, as negras e negros e as mulheres para as escolas, estamos mantendo vigente uma lógica colonial de ensino que distancia os sujeitos deste ambiente, que faz com que esses mesmos sujeitos não se sintam parte do processo escolar.



**Figura 50** – Panfleto sobre as mulheres na Filosofia

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

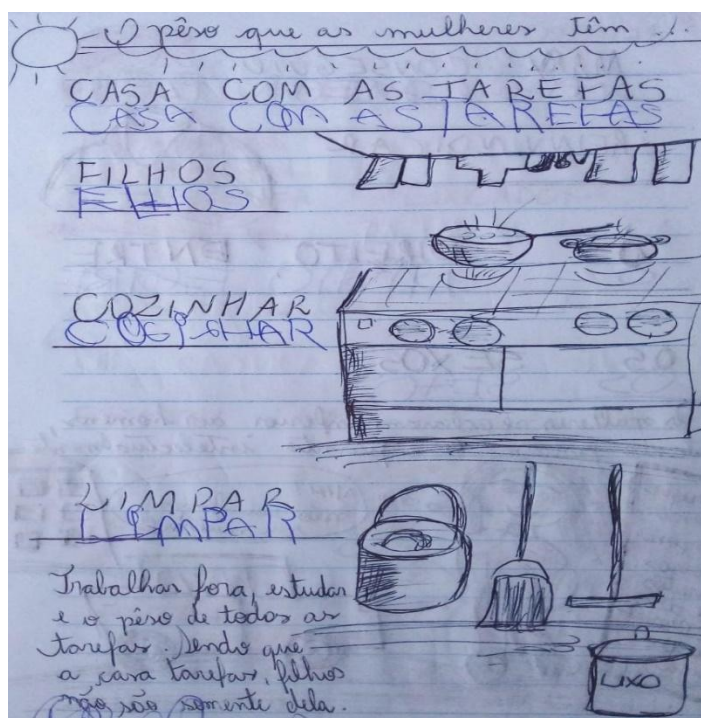
Silvia Cusicanqui analisou a iconografia colonial e percebeu o ordenamento do papel das mulheres em determinados espaços como uma reprodução da lógica de colonização. A mesma lógica de colonização vai sendo reproduzida dentro dos livros didáticos e adentrando aos espaços da sala de aula, legitimando a dominação.



**Figura 51** – Desenho no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

O olhar como categoria epistêmica se faz de modo que tentemos nos colocar nas cenas observadas, ir além daquilo que pensamos. Quando detalhamos, aguçamos nossas sensibilidades e vemos além, percebemos quem é esse “outro” que teve por tanto tempo um referencial a uma história e a um passado colonial, em que as mulheres tinham por funções essenciais o cuidado com a família, com a casa e com o marido. Essas eram as bases de uma sociedade patriarcal. A partir da observação das mulheres de suas vidas, temos uma compreensão do cotidiano vivido por elas dentro e fora de suas casas.



**Figura 52** – Desenho feito no diário de aprendizagem

Fonte: Atividade adaptada para um estudante do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa)

Sílvia Cusicanqui, no que tange a uma sociologia das imagens, se faz presente nesse trabalho, de modo que as imagens produzidas pelas/os educandas/os nos trazem para perto de suas realidades e problematizam esse colonialismo. Essa autora nos lança uma definição dessa sociologia:

está orientada sobretudo ao registro (fotográfico, videográfico, filmico) das sociedades que estuda para mostrá-las a um público urbano e acadêmico. Ou seja, é antes uma prática de representação. A sociologia da imagem, ao contrário, considera todas as práticas de representação como seu foco de atenção: se dirige a totalidade do mundo visual, desde a publicidade, a fotografia, a imprensa, o arquivo de imagens, a arte pictórica, o desenho e o tecido, além de outras representações mais coletivas como a estrutura do espaço urbano e os rastros históricos que se fazem visíveis (CUSICANQUI, 2015, pp. 21-22).

À medida em que prestamos atenção às imagens produzidas e trazidas pelas e pelos estudantes, entendemos que estes registros fazem parte do que consideramos importante.

Essa maneira de controlar, disciplinar, oprimir e violentar perpassou a educação por muito tempo, a escola ainda é o espaço da reprodução, da negação e do silenciamento de vários grupos; é onde as práticas tradicionais e coloniais ainda se fazem presentes.

Na sua obra “Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la história andina”, Silvia Cusicanqui propõe a sociologia da imagem como um deslocamento vital, história política e experimentação pedagógica, enredados na questão da descolonização da insubordinação como prática (CUSICANQUI, 2015, p. 81).

É neste sentido que, aqui, as imagens são textos que comunicam, por si, uma prática descolonizadora, capaz de nos fazer tomar consciência de que as mulheres devem ocupar seus lugares de fala. As imagens partem de suas histórias e das suas angústias, questionando, assim, as formas de classificar dominantes. Ademais, as imagens atingem a todos de diferentes maneiras, da mesma forma em que faz a pessoa que as observa se reconhecer, pensando e expressando o vivido, e problematizar aquilo que vê e sente, de uma nova perspectiva. Ainda tenho a impressão de que, enquanto analisamos algo, estamos o fazendo de nossa perspectiva, no caso a minha perspectiva é a de uma mulher branca. De acordo com a socióloga: “o observador olha para si mesmo no meio social onde costuma se desenvolver” (CUSICANQUI, 2015, p. 21).

Busca-se desconstruir, percebendo o diferente e não apenas aquilo que vemos todos os dias, e esse processo passa a ser natural, pois percebemos que nisso também há algo de incomum. A socióloga, diante de uma crítica direcionada à escrita acadêmica, defende que o observador participa do acontecido e as imagens são representações de algo que, por vezes, até cai na rotina.

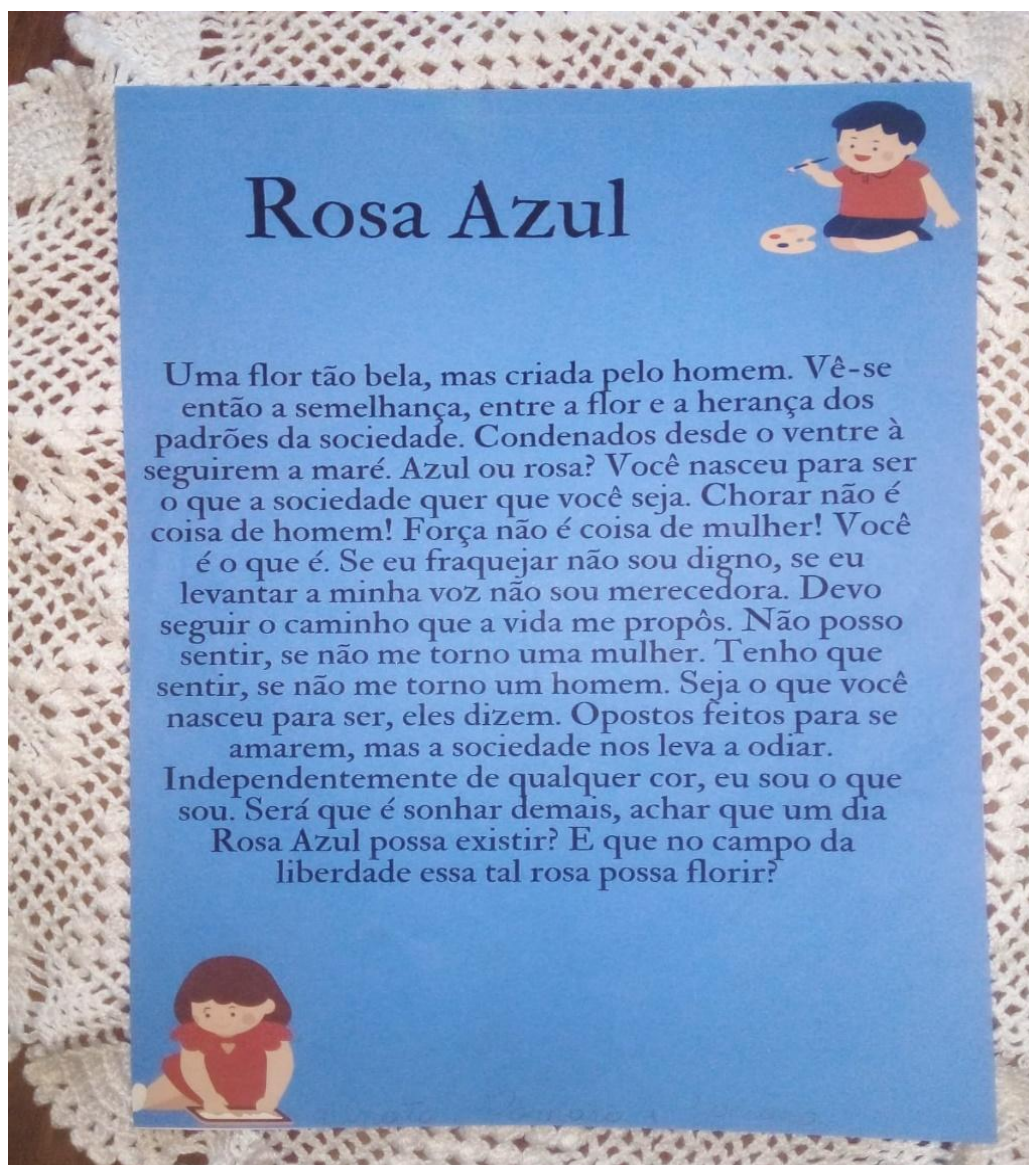
Toda a forma de expressão é reconhecida enquanto dialogada coletivamente. Cada um é participante ativo de um processo de compreender o mundo e se compreender nele. Nesse sentido, poder falar aquilo que se pensa é fundamental, poder ser o que se realmente é e quer vir a ser é fundamental: “Visualizar não é o mesmo que escrever com palavras o que foi visto. Mas ao mesmo tempo, para comunicar, o olhar muitas vezes requer uma transição através da palavra e da escrita (CUSICANQUI, 2015, p. 22).

Descolonizar o nosso olhar sobre as coisas e pessoas permite nos libertar

daquilo que apenas a linguagem poderia fazer, nos permite transformar e modificar, fazer diferente, isto é, aprender, e, para além disso, relembrar e tornar vivas as memórias, tendo em vista que as imagens estão relacionadas às vivências, não esquecendo que somos parte de um sistema e de uma construção histórico- social.

Descolonizar tem a ver com reconhecer que outros saberes são importantes na busca pelo conhecimento, e que este pode ser construído a partir de outros tipos de linguagens, não apenas por meio da escrita formal e acadêmica. Descolonizar tem relação com um saber que não anula vozes, mas que as valoriza, que considera e inclui. Descolonizar é considerar que saberes têm história, memória e consciência, que professores não são os detentores do conhecimento. Na escola, o espaço deve ser de reconhecimento das identidades e da diversidade de sujeitos que ali convivem. Uma pesquisa tem diversos olhares e todos eles devem ser problematizados. Descolonizar trata-se de ver que a filosofia foi produzida por clássicos, mas que outros sujeitos fizeram e fazem filosofias todos os dias, lançando olhares sobre a filosofia feminista ou cotidiana e sobre as suas realidades. Valorizar tudo isso é descolonizar, é lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Quando começamos a questionar a naturalidade das coisas ao nosso redor, começamos a pensar de maneira diferente. É preciso desconstruir nossos pensamentos e nossas visões, pensar que o mundo pode ser livre de preconceitos, sonhar com um mundo em que a educação não privilegie pessoas, gêneros e classes, buscar por uma realidade em que homens possam ser sensíveis sem ser estereotipados porque choram, uma realidade em que mulheres possam sonhar que, um dia, Rosa Azul possa existir.



**Figura 53** – Poema “Rosa Azul”

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

Não precisamos escrever sobre as imagens, elas gritam, muitas vezes, as injustiças vividas pelas mulheres que nos deram as mãos e nos acompanham, como Mary Wollstonecraft, que teorizou uma educação que buscava tornar as mulheres seres independentes, seres racionais, com capacidade para fazer o que quisessem. É relevante lembrar que, em diversas situações, a mulher ainda é tida como incapaz. A filósofa valoriza a educação como elemento fundamental nesse processo, mas isso não significa que as mulheres não são sensíveis, o são, mas também são fortes. Na época, Mary Wollstonecraft já estava indignada com as designações de

referência que as mulheres possuíam e a dependência que possuíam do sexo masculino. Para a escritora, a educação era a única possibilidade de mudar alguma coisa. Para nós, também, a educação deve ser e deve se fazer como uma nova maneira de expressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cheguei até aqui com a impressão de algo inacabado e com um grande aperto no peito. Escrever essas considerações carrega a sensação de que esse processo, iniciado em 2020, continua, pois estamos em constante formação, afinal, uma aprendizagem que não toca corações e não causa estranheza não faz sentido. Neste momento, penso em tudo o que vivemos juntos, eu, as e os estudantes; e, para além disso, penso no quanto escrever foi trabalhoso. Ao mesmo tempo em que amo escrever, senti que estava aprisionada. Escrever estas conclusões me aflige, porque somos “processo”, seres que se constroem no cotidiano. Reviver esta caminhada faz perceber o quanto mudei diante deste processo formativo como educadora, para pensar uma prática que convide ao ensino de Filosofia Intercultural e livre.

Foi andando por esses caminhos de descolonização que me desconstruí, me costurei diariamente, me emocionei, escutei sempre com afeto aqueles que me acompanhavam e, juntos, tecemos esta dissertação.

Mal havíamos iniciado as aulas e a pandemia levou nossas certezas embora. Em meio a tantas mudanças, nos transformamos e encontramos maneiras de estar perto. Aprendemos sobre a importância do reconhecimento das mulheres e filósofas trabalhadas em sala de aula, num diálogo constante com as e os estudantes, numa perspectiva teórico-metodológica e epistêmica que traçou encaminhamentos que acolheram a diversidade dos sujeitos numa visão contra colonial e intercultural. Foi assim que, quando os efeitos da pandemia pareciam ter diminuído, voltamos para a escola.

Esperançar e resistir era preciso neste momento, e seguem como lemas para a realização desta dissertação. Por isso, educar para a liberdade, em tempos como esses, é necessário. Segundo Paulo Freire: “Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...” (FREIRE, 1992, s. p.).

Foi esperançando e tentando fazer de uma maneira diferente que, ao escrever como uma mulher, que carrega a sensibilidade, sentimentos, sonhos de

dias melhores, nesta escrita, nunca desisti. Acredito numa educação que se estabeleça a partir do diálogo e do afeto, e entendemos que este processo é também uma forma de resistências aos padrões hegemônicos que permeiam o ensino, de modo que a escrita ainda se configura como um. Assim, aqui nesta escrita, procuramos utilizar uma linguagem que inclui as mulheres, como uma maneira de contestar a escrita comumente utilizada.

“Ensinar e aprender em comunidade”, conceito utilizado por bell hooks, transformou nossas aulas, e, com isso, o “outro ou a outra” não era mais estranho. Aprendemos uns com os outros, a partir da identificação dos silenciamentos e das opressões que as mulheres sofreram no decorrer da história e também da História da Filosofia. Identificamos o quanto as violências e a negação de direitos básicos permeavam nossos diálogos, a partir do questionamento a respeito da atualidade da obra de Mary Wollstonecraft, autora que esteve presente no decorrer de toda esta escrita.

Para além das possíveis respostas que obtivemos dialogando com as mulheres que as e os estudantes observaram, este caminho nos trouxe mais dúvidas do que constatações. O que realizamos deixou marcas e não podíamos deixar de lado a diversidade de autoras com as quais tivemos contato durante esse percurso. Por essa razão, o capítulo II relata as discussões em sala de aula e apresenta alguns dos trabalhos produzidos pelas e pelos estudantes, com o intuito de dar visibilidade a estas mulheres, cuja escrita, atravessa nossas vivências no que tange a uma educação enquanto prática descolonial. Fizemos mais do que conhecer a vida destas, nos aproximamos e percebemos que muito temos em comum. Espalhamos, por meio dos panfletos, as vozes destas mulheres pelo espaço da escola.

O presente trabalho foi possível por conta da metodologia participante, dialógica e com narrativas autobiográficas, e, para além destas, nos escritos e nas imagens criados pelas e pelos estudantes, dos diários de aprendizagens, os quais acompanharam o desenvolvimento das aulas. Olhamos para novas maneiras de compreender que as histórias não são únicas, que cada uma e um de nós possui uma história diferente, mas a sociedade ainda faz com que as mulheres sejam compreendidas a partir das tarefas que lhes foram impostas como a maternidade, o

casamento e os cuidados com a casa.

Por meio dos diálogos dos círculos de conversas nos aproximamos, neste período de pandemia que nos fez sofrer juntos, sem qualquer contato físico. A distância também nos fez refletir acerca do quanto ainda temos que lutar e nos conscientizou dos inúmeros problemas e dificuldades que tínhamos pela frente.

Enquanto educadora, construí-me, em constante diálogo com as mulheres, e aprendi com elas e com as filósofas. Muitas das filósofas nos reforçam a ideia de que precisamos, primeiramente, ter poder sobre nós mesmas, e que tudo isso depende de uma educação que deve ser direcionada para a racionalidade. As mulheres foram, e talvez ainda sejam educadas para serem submissas e não independentes, ao contrário dos homens.

Silvia Cusicanqui e a sociologia da imagem são uma possibilidade para análise das imagens presentes nas produções das/os estudantes, uma reflexão a respeito da Filosofia. Filosofar por meio das imagens faz desconstruir certos estereótipos e nos leva a pensar uma nova maneira de fazer filosofias. As linguagens tornam a reflexão possível a partir de nossos olhares e de nossas observações das realidades próximas a nós. Na análise das imagens, verificamos, nas histórias, memórias, experiências e sensibilidades, caminhos possíveis para desafiar e fazer uma Filosofia que nos permite sonhar juntos, a partir de nosso próprio território que, por vezes, é a nossa própria casa.

É a minha casa, local que me encontro neste momento, o espaço onde escrevi esta dissertação no tempo que me restava: durante a madrugada. Em outros momentos meu local de escrita foi a escola, espaço de convívio e construção de aprendizados que levamos pra sempre.

Diante disso, percebemos que as imagens nos contam muito mais do que os escritos, pois elas apresentam formas de expressão de conhecimento das e dos estudantes, elas quebraram o silêncio e com elas dialogamos, ou, simplesmente, observamos. De uma forma ou de outra, de imediato somos pegos pensando a respeito dos significados das imagens.

Para mim, importam os silêncios e o não dito, porque neles há muito sobre o que aprender. Todas as palavras desta pesquisa não darão conta de explicar tudo o que vivenciamos nesse tempo e, por isso, a conclusão não encerra com estas

reflexões.

Não encerramos por aqui. A história, as memórias e as batalhas diárias das meninas e das mulheres continuam.



**Figura 54** – Desenho no diário de aprendizagem

Fonte: Estudantes do 2º ano da EEB Antonio Gonzaga, 2021 (acervo da pesquisa).

A seguir, um trecho de um texto de uma estudante sobre o aprendizado com as filósofas:

Sou uma pessoa crítica e realista, graças aos meus estudos com embasamento nas mulheres, eu comecei a pensar onde é o meu lugar numa sociedade branca e patriarcal.

Quando criança, meu sonho era ser mãe, mas fui crescendo e fui mudando minha forma de pensar, passei a criticar situações de machismo e racismo, mesmo sem ter certeza do que defendia, eu defendia. Eu sei quem eu sou

hoje, demorei para me descobrir e me reinventar, mesmo com tantos preconceitos e críticas por eu ser uma menina de 13 anos e que já não aceitava mais ser mandada e rotulada como uma menina que obrigatoriamente teria que ser uma dona de casa quando mais velha.

Eu não estou nem aí para esse tipo de opinião, sou o desgosto de uma família que queria que eu me casasse e que fosse menos bocuda, e que respeitasse esse tipo de opinião da minha família e de desconhecidos, porque quando ouço algo que não gosto ou acho errado eu questiono.

Simone de Beauvoir é uma grande mulher, eu admiro a garra de defender algo que ela acreditava, pena que defendia umas ideias de um feminismo branco, onde infelizmente não me encaixo!

Lélia Gonzalez foi uma figura importante para o feminismo negro. Ela diz que o feminismo tem que ser para todos, me vi em seus pensamentos e posicionamentos; ela não se aceitava como negra, mas com o tempo viu que a sua beleza negra é única; assim, eu também não me aceitava negra, cabelo enrolado e armado, meu nariz achatado, meus lábios grandes e meu corpo.

Com tanta inspiração, força e muitas feridas marcadas em mim pelo preconceito, aprendi a me amar e defender aquilo que eu acredito acima de tudo e todos (Escrita de uma estudante, 2022).

Por isso, continuo minha caminhada. Sigamos lutando contra as opressões e permitindo que mais meninas e mulheres sigam conosco!

**ANEXOS**

**ANEXO 1****FILOSOFIA E GÊNERO:**

Lilium Beatris Kingerski

Estudar a relação entre Gênero e Filosofia é um desafio, tendo em vista que os materiais aos quais temos acesso nas escolas - o livro didático e os demais documentos que embasam o trabalho pedagógico e em sala de aula- não trazem temáticas relacionadas, ou ainda trazem de maneira escassa. A presença da mulher na Filosofia faz parte de um estudo recente, apesar desta sempre fazer parte desse espaço de maneira invisibilizada; pensar uma Filosofia Feminista, tendo em vista que o que percebemos nesta área faz parte de um conhecimento construído por homens, pois ainda são poucas as mulheres estudadas nas escolas, é (des)construir e democratizar o conhecimento.

A Filosofia que conhecemos ainda trata da realidade a partir de uma perspectiva predominantemente masculina, vivemos uma Filosofia produzida por homens, feita de maneira universal e colonial durante séculos, sem ser questionada; percebemos que a Filosofia é feita pelo homem, europeu e branco. As bases da Filosofia que aprendemos possui raízes na Grécia Antiga, a sua origem nos é transmitida como se fosse algo impossível de ser questionado; desta forma, também acontece com o Ensino de Filosofia, que por vezes se mostra como tradicional, negando as necessidades de romper as barreiras da Filosofia vista como europeia.

Renato Nogueira escreveu sobre o quanto a Filosofia é construída sobre os parâmetros europeus, a Filosofia nascida na Grécia detém a universalidade do conhecimento, além de ser escrita por homens brancos, o que propõe a visão de uma Filosofia que se pretende única, cujos os outros países apenas tentam imitar, enquanto que, por exemplo, na África, há indícios de textos que tratam das angústias humanas que são anteriores textos gregos; O autor questiona esses argumentos, afinal por que temos que pensar uma Filosofia grega, machista, sexista, e além de tudo, dogmática, sendo ela mesma um pensamento livre que deve combater os preconceitos e os estereótipos de Gênero presentes em nossa sociedade? Não devemos desconsiderar essa filosofia clássica, mas devemos sim, pensar que ela não é única; essa não pode ser considerada como a única verdade que reproduzimos durante séculos.

Enquanto essa colonialidade de pensamentos nos faz ver o mundo com vendas nos olhos, pensar a Filosofia e o seu Ensino ainda é, um desafio constante que oscila entre a sensibilidade e a racionalidade, de superação do senso comum, e dos preconceitos presentes em nossa sociedade, o desconhecido sempre causa uma certa apreensão; Pensar Filosofia é pensar liberdade de expressão, é superar estereótipos, é pensar uma Filosofia da qual todos devem se sentir parte participantes, em se tratando da Filosofia presente na escola, que essa ela se apresenta como um conhecimento que faz parte de nossas vidas.

Para além disso, podemos refletir sobre o Ensino de Filosofia, e pensar que existem Filosofias, e elas devem ser levadas para as salas de aula; Na obra "Metodologia do ensino de filosofia", para Gallo (2014, p. 39) "Ora, se são múltiplas as filosofias, se são variados os estilos do filosofar, múltiplas e variadas são também as perspectivas do ensinar a filosofia e o filosofar", diante disso, podemos

dizer que a Filosofia não pode ser ensinada a partir de parâmetros de universalidade, pois não existe uma filosofia, mas Filosofias, que devem contemplar os mais variados sujeitos, os quais devem se sentir parte do processo do aprender, tendo em vista que este se renova a cada dia. Aqui pontuamos a necessidade do tema referente às mulheres, pois conhecer as mulheres que fizeram filosofia, as Filósofas, nos ajuda a descolonizar pensamentos, a pensar a Filosofia sobre um outro olhar, que não apenas o masculino, que não um olhar acostumado, mas um olhar que pressupõe estranhamento, que propõe um novo caminho a ser investigado.

O tema em questão se configura como um tema atual, visto que trataremos das mulheres na Filosofia, quando os escritos de Mary Wollstonecraft representam angústias que estão presentes na nossa sociedade; ainda hoje as mulheres não têm seus direitos garantidos e, apesar do tempo ter passado, o preconceito, a violência e o machismo continuam cada vez mais presentes em nosso mundo, e manter as mulheres no silêncio faz parte do processo de opressão desse sistema hegemônico do qual fazemos parte.

Quando começamos a pesquisar sobre esse campo silencioso de estudos, percebemos que as filósofas sempre existiram, mas são silenciadas, não escutamos suas vozes, quando quem fala por elas são homens.

O que atravessa essa análise são reflexões sobre o papel das mulheres e suas lutas por um lugar em nossa sociedade, discutir o que perpassa pelas “beiradas” do que chamamos de Filosofia, um espaço que se constituiu e que vem marcando um espaço em construção, do qual podemos ter a pretensão de chamar de uma Filosofia Feminista, filosofia escrita por mulheres, uma escrita por muito tempo negada, uma filosofia dentre as filosofias existentes; Como afirma Magali Mendes de Menezes:

Gostaria de falar desde o que alguns autores chamam de pensamento fronteiro, ou seja, aquele pensar que afirma o espaço onde o pensamento foi negado. Para tanto é preciso problematizar o espaço onde está localizada a fala, quem fala e o que se decide falar. Estes pontos delimitam as questões que gostaria de desenvolver aqui para analisar as contribuições das filosofias feministas e interculturais na experiência de outros modos de se pensar e fazer filosofia. (2015; p.62)

Visto que o uso da palavra “Filósofa” é por si quebrar barreiras, trata-se de descolonizar pensamentos, de conhecer não apenas a existência de uma filosofia, mas estabelecer “filosofias”, é tentar quebrar com os pressupostos de existência de uma Filosofia universal, que tem muitos anos de existência e que exclui pensamentos e vivências de indígenas, negros e mulheres, de mulheres negras.

Esse projeto tem a pretensão de contribuir para o reconhecimento da figura feminina, mostrando, através do estudo da obra de Mary, que a história da Filosofia tem sim filósofas, o que perpassa as discussões de Gênero; Pretende-se aqui, abordar as questões pertinentes ao debate sobre a mulher de forma que possamos visualizar o quanto esse assunto extremamente atual está excluído dos currículos escolares, e por vezes é evitado pelo próprio professor.

**PROJETO: MULHERES NA FILOSOFIA**

Diante desse silenciamento que predomina no que se refere às mulheres enquanto produtoras de conhecimento, pretendo aqui dar visibilidade à presença da mulher na Filosofia, diante do diálogo em plena construção do que poderíamos chamar de Filosofia Feminista, tratando de uma Filósofa, em pleno contato com a Revolução Francesa, assim como com pensadores Iluministas, como Jean-Jacques Rousseau. As reflexões traduzidas pela sua obra principal “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, publicada em 1792, e escrita sobre influência da Revolução Francesa e do Iluminismo, ainda nos fazem pensar e questionar a posição da mulher em qualquer tempo, e a luta desta para ser reconhecida na sociedade. Diante da importância e da atualidade desse tema, questionamos sobre quais as contribuições de Mary Wollstonecraft para a reflexão sobre a mulher ?

Mary reivindica - como sugere o próprio nome de sua obra- um novo lugar para a mulher na sociedade, e para que exista essa igualdade entre homens e mulheres é necessário que as mulheres sejam educadas pelas vias da razão: “Para se tornar respeitável, o exercício do entendimento é necessário, não há outro fundamento para a independência de caráter; eu quero explicitamente dizer que elas devem apenas se curvar para a autoridade da razão” (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 81).

É Pensando nessa grande mulher, que buscou denunciar a maneira como a mulher era tratada na sua época, questionando pensadores que reproduziam essas ideias, propomos aqui que a mulher na filosofia e suas lutas sejam pensadas no ambiente escolar, já que é perceptível que o tema está de certa forma, esquecido nesse ambiente; buscamos que não apenas Mary, mas que outras filósofas possam ser lembradas, e que a partir da ausência que existe desse tema na escola, também possamos refletir sobre a necessidade dele para a formação de uma sociedade melhor através do ensino de Filosofia.

**Turma:** 3ª01

**Disciplina:** Filosofia

**Tema:** Silenciamento, lutas e Direitos das Mulheres na Filosofia em Mary Wollstonecraft

**Objetivos:**

- Compreender a importância do debate de Gênero na escola, do papel da mulher na sociedade e a luta por seus direitos ao longo do tempo, tornando visível a presença da mulher na Filosofia;
- Contextualizar a obra de Mary Wollstonecraft como filósofa, e a sua importância para a mulher e a luta pelos direitos feministas na história da Filosofia;
- Identificar as lutas para o reconhecimento da igualdade entre os gêneros e para, além disso, as transformações do papel da mulher na sociedade atual;

**ESTRATÉGIA: A PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO**

Fez-se necessário refletir sobre novas estratégias para realizar o presente trabalho, levar em conta todas as transformações desse período; as aulas iniciaram com o ensino híbrido, os alunos em revezamento da turma na escola, a aula era repetida por duas semanas. Para coletar dados a respeito das/os estudantes, realizamos um questionário semi-estruturado. Esta primeira etapa do nosso trabalho, foi de coleta de dados, para compreendermos melhor, a respeito das/os estudantes com quem iríamos realizar essa caminhada. E para além disso, sensibilizar as e os estudantes, foi de extrema importância para a realização desta análise.

Questionário a ser realizado antes de iniciar as aulas sobre o assunto:

**PROFESSORA: LILIAM BEATRIS**

**DISCIPLINA FILOSOFIA**

**SÉRIE: \_\_\_\_\_ TURMA \_\_\_\_\_**

**DATA: \_\_\_\_\_**

**Querido estudante, querida estudante:**

Estou cursando na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) um Curso de Mestrado em Ensino de Filosofia (PROF-FILO) e meu objetivo é desenvolver aulas de Filosofia relacionadas ao Direito à Educação, contemplando algumas Mulheres Filósofas. **Escolhi sua turma para construir comigo esta aprendizagem!** Para planejar nossas atividades, gostaria de conhecer melhor você. Peço que acolha as questões a seguir como uma escuta carinhosa dando início a uma construção coletiva.

**1.NOME COMPLETO:** \_\_\_\_\_

**2. SEXO**            ( ) MASCULINO    ( ) FEMININO

**3. IDADE:** \_\_\_\_\_

**4.CIDADE EM QUE NASCEU:** \_\_\_\_\_

**5. QUANTAS PESSOAS RESIDEM NA SUA CASA INCLUINDO VOCÊ?** \_\_\_\_\_

**6. COM QUEM VOCÊ MORA? (SE O CASO, MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA):**

PAIS  MÃE  PAI  AVÓS  IRMÃOS  TIOS

OUTRO DESCREVA: \_\_\_\_\_

**7. QUAL ESCOLARIDADE DE SUA MÃE:**

NÃO FOI À ESCOLA  1ª A 4ª SÉRIE  5ª A 8ª SÉRIE

ENSINO MÉDIO  ENSINO SUPERIOR  NÃO SEI

**8. QUAL ESCOLARIDADE DE SEU PAI**

NÃO FOI À ESCOLA  1ª A 4ª SÉRIE  5ª A 8ª SÉRIE

ENSINO MÉDIO  ENSINO SUPERIOR  NÃO SEI

**Se sua resposta as questões anteriores foi NÃO SEI, explique:**

---

---

---

**9. PROFISSÃO DO PAI:** \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

**10. PROFISSÃO DA MÃE:** \_\_\_\_\_

**11. HÁ QUANTO TEMPO ESTUDA NA ESCOLA ANTÔNIO GONZAGA?**

---

**12. O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA?**

---

---

---

---

**13. O QUE VOCÊ NÃO GOSTA NA ESCOLA?**

---

---

---

---

**14. LEIA TEXTO A SEGUIR E CONTINUE A HISTÓRIA:**

**“DESDE QUE NASCI APRENDI MUITAS COISAS NA FAMÍLIA, NA RUA, NA ESCOLA E EM OUTROS LUGARES. DENTRE AS COISAS QUE APRENDI AS MAIS IMPORTANTES FORAM**

---

---

---

---

---

**15. PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR OU UMA BOA PROFESSORA É:**

---

---

---

**16. PARA VOCÊ UM BOM ESTUDANTE OU UMA BOA ESTUDANTE É?**

---

---

---

**17. VOCÊ ENCONTRA DIFICULDADES PARA ESTUDAR?**

( ) SIM ( ) NÃO ( ) ÀS VEZES

**EXPLIQUE SUA RESPOSTA ANTERIOR:**

---

---

**18. QUAL A IMPORTÂNCIA DO ENSINO MÉDIO PARA VOCÊ?**

---

---

---

**19. NESTE CONTEXTO DE PANDEMIA POR COVID 19, COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO AOS ESTUDOS E A SEU FUTURO?**

---

---

---

---

---

**20 NO CASO DE RETORNO DAS ATIVIDADE ESCOLARES PARA O MODO ONLINE (REMOTO), VOCÊ PRETENDE SEGUIR ESTUDANDO:**

SIM     NÃO     TALVEZ

EXPLIQUE SUA RESPOSTA:

---

---

**21. NO CASO DE AULAS DE FILOSOFIA ONLINE (REMOTAS) COMO VOCÊ PODE PARTICIPAR?**

VIA GOOGLE MEET     VIA GRUPO DE WHATSAPP

BUSCANDO ATIVIDADES IMPRESSAS NA ESCOLA

NÃO TENHO COMO PARTICIPAR. Porque:

---

---

**22. QUANTO AO ACESSO A APARELHO CELULAR COM ACESSO A INTERNET?**

TENHO UM APARELHO DE USO INDIVIDUAL

NÃO POSSUO APARELHO DE CELULAR

ACESSO INFORMAÇÕES DA ESCOLA EM CELULAR DE FAMILIAR

**23. VOCÊ TEM ACESSO A INTERNET EM SUA CASA:**

VIA RÁDIO     VIA FIBRA ÓTICA     DADOS MÓVEIS/ OPERADORA

NÃO TENHO ACESSO

**24. VOCÊ POSSUI COMPUTADOR COM ACESSO A INTERNET PARA ESTUDAR?**

SIM     NÃO     ÀS VEZES. EXPLIQUE:

---

---

---

**25. SE TIVER, QUAL NÚMERO DE TELEFONE?**

---

Se não for seu identifique de quem é este.

## SEQUÊNCIA 01: DIÁRIOS DE APRENDIZAGENS

Os diários de aprendizagem são instrumentos utilizados para aproximar o educador das e dos estudantes; através destes, foi possível estreitar os laços com a vivência das estudantes e conhecê-los mais a cada atividade realizada. No decorrer das aulas, foram realizadas diversas atividades nestes diários.

Sugestões: A começar pela capa, que deve ser construída pelas/os estudantes, tendo em vistas as mulheres que inspiram suas vidas (elas podem fazer alusão às suas mães, ou mulheres de suas famílias, mulheres que admiram, mulheres famosas ou ainda à temas que fazem parte da vida das mulheres.

Após isso, eles/as podem escrever um texto a respeito das capas que criaram.

As atividades a seguir, podem ser realizadas nos diários; não esquecer de orientá-los a sempre colocar a data e o tema antes de escreverem.

O diário de registros se realiza como um instrumento de (trans) formação das relações de ensinar e de aprender e resgate de memórias e vivências: *Precisamos exercitar nossa capacidade de observar, registrando o que observamos. Mas registrar não se esgota no puro ato de fixar com pormenores o observado tal qual para nós se deu. Significa também arriscarmos a fazer observações críticas e avaliativas a que não devemos, contudo, emprestar ares de certeza (Freire, 1993, p.68).*

### **Atividade 1:**

Texto : **Silenciamento das Mulheres** (texto adaptado da obra de Michelle Perrot- A minha história das Mulheres)

O silêncio rompido...

Escrever sobre mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? Por que sentimos falta das mulheres na História? E na Filosofia? As mulheres ficaram muito tempo fora de diversos espaços, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. As mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Entre os gregos, é a desordem. Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio", diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em

transgressão. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. Até mesmo o corpo das mulheres amedronta. É preferível que esteja coberto de véus. Os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são "grandes", "grandes homens". As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros. "As mulheres e as crianças", "primeiro", ou ao lado, ou para fora, dependendo do caso: a expressão clássica traduz essa globalização. Lévi-Strauss descreve uma aldeia depois da partida dos homens para caçar: não havia mais ninguém, diz ele, exceto as mulheres e as crianças. Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. É uma razão de silêncio: *o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. A atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos. O discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas, ou no caso das Filósofas, as mulheres fizeram Filosofia? Por que não tratamos das Filósofas nas salas de aula?

## Texto 2:

### **Sobre Silêncio e Silenciamentos: Perguntas!**

Disseram: para filosofar é preciso o silêncio.

Me pergunto: quem tem direito ao silêncio?

Silêncio é privilégio de alguns.

Então, a filosofia é para quem?

Quem tem direito a filosofar?

Silêncio é direito de poucos.

Silenciamentos não, estes são imposições!

Silenciamentos são dores, feridas abertas.

Silenciamentos são filosofias não ouvidas, não estudadas.

Silenciamento é grito que não se escuta.

É dor, fome, medo, injustiça!

O que fazemos com nossos gritos silenciados?

Como se pensa, aos gritos?

Não penso? Não faço filosofia!

Filosofia é escrita lógica... racional?

Escrevo na bagunça. Escrita bagunçada!

Escrita sem filosofia?

Mais uma vez: quem tem direito a filosofar?

(Eliane Camargo, 25/11/20)

### **Perguntas para debater com a turma:**

Quais as mulheres que vocês estudaram na escola?

Por que não levamos mulheres para nossos estudantes lerem?

O que nós enquanto educadores e educadoras temos feito para lutar contra as opressões?

## Avaliação Diagnóstica

### “ESTUDAMOS MULHERES NA ESCOLA???”

#### ATIVIDADE:

Produza um texto dissertativo onde vocês narrem memórias sobre quais mulheres leram e/ou estudaram na escola, tentem lembrar de seus nomes, o que aprenderam sobre elas, em quais áreas de conhecimento vocês estudaram elas, se estudaram; qual é a opinião de vocês referente ao estudo sobre as mulheres no ambiente escolar (elas estão sendo estudadas? Por que acha que isso acontece?). Desenvolva um texto a respeito de suas percepções a respeito das questões propostas anteriormente.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

#### ATIVIDADE 2:

Assista ao vídeo antes da leitura:

[https://www.youtube.com/watch?v=dKSdDQqkmlM&t=284s&ab\\_channel=ONUBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=dKSdDQqkmlM&t=284s&ab_channel=ONUBrasil)  
[ONUBrasil](#)

#### Questão para reflexão:

- 1- Quanto à educação de meninos e meninas, o que podemos perceber no vídeo?
- 2- Existem diferenças quanto a maneira como são educados e educadas?

## SEQUÊNCIA 02: AS MULHERES NA HISTÓRIA E OS DIREITOS DAS MULHERES

Nesta aula, tentamos compreender as funções das mulheres desde a pré-história

até a atualidade, além das conquistas, também percebemos as opressões vividas. Para isso foram criados slides.

Leitura de texto e conversa sobre as questões propostas no final do texto.

### **Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo**

A luta das mulheres por equidade e respeito na sociedade data de séculos atrás. Desde as bruxas perseguidas na idade média, até as sufragistas que foram às ruas para conquistar o direito ao voto, é impossível separar os períodos importantes da humanidade das conquistas feministas que acompanharam o passar dos anos.

O combate à estrutura patriarcal é sim muito mais discutido hoje em dia. E esta questão, por si só, quando paramos para pensar em todo o processo que nos trouxe até aqui, já é um problema. Obviamente não pela discussão – que além de necessária é um direito das mulheres – mas sim pela demora que ocorreu até que mulheres tivessem liberdade para falar abertamente sobre suas vontades, necessidades e escolhas.

Para ilustrar a trajetória das feministas até os dias de hoje, nós buscamos marcos importantes na garantia dos direitos das mulheres ao longo da história. Esperamos que a lembrança de cada uma destas conquistas feministas no Brasil fortaleça ainda mais as suas razões para acreditar e defender o feminismo nos dias de hoje:

1827 – Meninas são liberadas para frequentarem a escola

Quando paramos para refletir que hoje em dia as mulheres brasileiras são a maioria no que se refere ao acesso à formação superior – 25% das mulheres no País ingressam nas universidades, enquanto o número de homens é apenas 18% (segundo relatório [Education of Glance](#) 2019, divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), não imaginamos que o acesso à educação básica por muito tempo foi negado às meninas. Foi apenas em 1827, a partir da Lei Geral – promulgada em 15 de outubro – é que mulheres foram autorizadas a ingressar nos colégios e estudassem além da escola primária.

1832 – A obra “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens” é publicado

Se falar sobre as conquistas do feminismo hoje em dia ainda é um desafio e gera burburinhos entre pessoas que não simpatizam com a ruptura social que o movimento representa, imagina só como foi fazer isto lá em 1832? A autora Nísia Floresta desafiou as tradições e costumes da sociedade ao publicar seu livro Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens. Ela foi a primeira mulher brasileira a denunciar em uma publicação o mito da superioridade do homem e de defender as mulheres como pessoas inteligentes e merecedoras de respeito igualitário.

Seu livro é considerado o pioneiro do feminismo brasileiro por reforçar que a mulher é tão capaz quanto qualquer homem de assumir cargos de liderança ou desempenharem quaisquer atividades na sociedade.

1879 – Mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades

Se a possibilidade de ingressar em espaços de educação fundamental já foi tardio para as mulheres, o acesso às faculdades demorou ainda mais. Somente em 1879 é que as portas das universidades foram abertas à presença feminina. Mas isso não impediu que o machismo estrutural da sociedade ainda oprimisse as mulheres que queriam estudar e realizarem seus objetivos, o preconceito ainda foi um mal muito presente na vida das jovens estudantes daquela época.

1910 – O primeiro partido político feminino é criado

Quando falamos nas conquistas feministas, muito rapidamente pensamos nas leis de acesso que garantem às mulheres espaços de equidade social em relação aos homens. Muitas dessas determinações legais são fruto da presença e pressões que as mulheres feministas dedicaram ao cenário político. Mas, mesmo que a Proclamação da República no Brasil tenha ocorrido em 1889, foi apenas 20 anos depois, em 1910, que nasceu o Partido Republicano Feminino, com

o ferramenta de defesa do direito ao voto e emancipação das mulheres na sociedade.

1932 – Mulheres conquistam o direito ao voto; Em 1932, o sufrágio feminino foi garantido pelo primeiro Código Eleitoral brasileiro: uma vitória da luta das mulheres que, desde a Constituinte de 1891, pleiteavam o direito ao voto. Essa conquista só foi possível após a organização de movimentos feministas no início do século XX, que atuaram intensa e exaustivamente no movimento sufragista, influenciados, sobretudo, pela luta das mulheres nos EUA e na Europa por direitos políticos.

1962 – É criado o Estatuto da Mulher Casada

Em 27 de agosto, a Lei nº 4.212/1962 permitiu que mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar. A partir de então, elas também passariam a ter direito à herança e a chance de pedir a guarda dos filhos em casos de separação. No mesmo ano, a pílula anticoncepcional chegou ao Brasil. Apesar de ser um método contraceptivo bastante polêmico, por influenciar os hormônios femininos, não dá para negar que o medicamento trouxe autonomia à mulher e iniciou uma discussão importantíssima sobre os direitos reprodutivos e a liberdade sexual feminina.

1974 – Mulheres conquistam o direito de portarem um cartão de crédito

Imagine só. Cartão de crédito, que hoje está presente na vida da maioria das pessoas, por muito tempo foi um direito exclusivo dos homens. Até 1974, os bancos queriam ditar como as mulheres gastavam o próprio dinheiro. Mulheres solteiras ou divorciadas que solicitassem um cartão de crédito ou empréstimo eram obrigadas a levar um homem para assinar o contrato.

A mulher não tinha liberdade de escolha e era vista como objeto que pertencia ao pai ou ao marido, sem voz ativa alguma. Somente em 1974 foi aprovada a “Lei de Igualdade de Oportunidade de Crédito”, para que clientes não fossem mais discriminados baseados no gênero ou estado civil.

1977 – A Lei do Divórcio é aprovada

Até o dia 26 de dezembro de 1977, as mulheres permaneciam legalmente presas aos casamentos, mesmo que fossem infelizes em seu dia a dia. Somente a partir da Lei nº 6.515/1977 é que o divórcio tornou-se uma opção legal no Brasil. Porém, é importante ressaltar que anos após a validação da lei, as mulheres divorciadas permaneciam vistas com maus olhos pela sociedade. Esta pressão social fez muitas mulheres optarem por casamentos infelizes e abusivos em vez de pedirem o divórcio.

1979 – Mulheres garantem o direito à prática do futebol

“PÉ DE MULHER NÃO FOI FEITO PRA SE METER EM CHUTEIRAS!”. Sim, essa era a manchete de um jornal em 1941.

No Decreto da Era Vargas, estava claro: as mulheres não podiam praticar esportes incompatíveis com as “condições de sua natureza”. O argumento era de que a prática feria a chamada “natureza feminina” e com isso, de 1941 até 1979, foi eliminada qualquer chance de atletas mulheres praticarem esportes. Apesar da proibição, as mulheres nunca pararam de jogar futebol. Sempre desafiaram a “essência feminina” e ocupavam campos de várzea e locais em que o Estado não chega.

Após quatro décadas, a regulamentação do futebol feminino veio em 1983, mas devemos lembrar o quanto a proibição trouxe reflexos negativos no esporte até hoje, como o pouco incentivo ao futebol feminino e a falta de patrocinadores.

1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher

A Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM) surge em São Paulo e, logo depois, outras unidades começam a ser implantadas em outros estados. Essas delegacias especializadas da Polícia Civil realizam, essencialmente, ações de proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres.

1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens

Foi apenas na Constituição de 1988 que as mulheres passaram a ser vistas pela legislação brasileira como iguais aos homens. Somente após as pressões da pauta feminista, aliada com outros movimentos populares que ganharam as avenidas na luta pela democracia, é que conseguimos vencer uma realidade opressora e fomos incluídas legalmente como cidadãs com os mesmos direitos e deveres dos homens – pelo menos na Constituição.

2002 – “Falta da virgindade” deixa de ser crime

Imagine só, apenas no início do século XXI é que o Código Civil brasileiro extinguiu o artigo que permitia que um homem solicitasse a anulação do seu casamento caso descobrisse que a esposa não era virgem antes do matrimônio. Até este momento, a não virgindade feminina era julgada como um crime e uma justificativa aceitável para divórcios.

2006 – É sancionada a Lei Maria da Penha

Maria da Penha, a farmacêutica que deu seu nome à lei, precisou ser vítima de duas tentativas de homicídio e lutar por quase 20 anos para que, finalmente, conseguisse colocar seu ex-marido criminoso atrás das grades. Definitivamente, essa é uma das conquistas do feminismo mais importantes para as mulheres brasileiras. A Lei nº 11.340/2002 foi sancionada para combater a violência contra a mulher.

2015 – É aprovada a Lei do Femicídio

No dia 9 de março de 2015, a Constituição Federal reconheceu a partir da Lei nº 13.104 o feminicídio como um crime de homicídio.

2018 – A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime

Ser mulher ainda – e infelizmente – é motivo para vivenciar situações de assédio e violência no dia a dia, no ônibus, em aplicativos de carros particulares ou numa simples ida ao mercado. A ocorrência deste tipo de prática contra as mulheres é tanta que a pauta feminista precisou incluir em suas ações a defesa da lei que caracteriza o assédio como crime (Lei nº 13.718/2018).

Apesar desta legislação garantir proteção às pessoas de todos os gêneros, a força do movimento feminista foi essencial para que ela se tornasse uma realidade em nossa sociedade. Não é como se hoje não sofressemos mais com o assédio, mas pelo menos agora temos um mecanismo legal para defender nosso direito de ir e vir!

Quais os próximos passos?

Você pode até criticar o feminismo, mas não questione as suas conquistas. Inclusive, é graças às lutas feministas que hoje em dia todas as mulheres possuem direitos iguais em nossa sociedade e podem expressar suas opiniões.

E agora perguntamos para você:

- Quais conquistas você ainda sente falta?
- Quais direitos você não vê em prática no dia a dia?
- Qual questão da pauta feminista mais te mobiliza?

Fonte: <https://factotumcultural.com.br/2020/08/08/conquistas-do-feminismo-no-brasil-uma-linha-do-tempo/>

### **SEQUÊNCIA 03: O FEMINISMO DE BELL HOOKS**

**Leitura e conversa a respeito do texto da pensadora bell hooks:**

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

#### **INTRODUÇÃO- Aproxime-se do Feminismo**

Em todo lugar que eu vou, eu falo com orgulho às pessoas que querem saber quem eu sou e o que eu faço, eu sou uma escritora, uma teórica feminista, uma crítica cultural. Eu lhes digo que escrevo sobre filmes e cultura popular, analisando a mensagem no meio. A maioria das pessoas acham isso excitante e querem saber

mais. Todo mundo vai ao cinema, assiste televisão, olha através de revistas e todos têm pensamentos sobre as mensagens que recebem, sobre as imagens que observam. É fácil para o público diverso do que encontro, entender o que faço como crítica cultural, para entender minha paixão por escrever (muitas pessoas querem escrever e, de fato, escrevem). Mas teórica feminista — esse é o lugar onde as perguntas param. Em vez disso, eu costumo ouvir tudo sobre o mal do feminismo e as feministas ruins: como “elas” odeiam os homens; como “elas” querem ir contra a natureza — e deus; como “elas” são todas lésbicas; como “elas” estão tomando todos os empregos e tornando o mundo difícil para os homens brancos, que não têm chance alguma.

Quando eu pergunto a essas pessoas sobre os livros ou revistas feministas que leem, quando pergunto sobre as conversas feministas que ouviram, sobre ativistas feministas que conhecem, me respondem, deixando-me saber que tudo o que sabem sobre o feminismo entrou em suas vidas por terceira mão; que realmente não chegaram suficientemente perto do movimento feminista para saber o que realmente acontece, sobre o que o feminismo realmente é. A maioria acredita que o feminismo é um monte de mulheres bravas que querem ser como homens. Eles nem sequer pensam sobre o feminismo como sendo sobre direitos — sobre as mulheres obtendo direitos iguais. Quando falo sobre o feminismo que conheço — o próximo a mim e o pessoal a mim — eles ouvem de boa vontade, embora, quando nossas conversas terminam, eles são rápidos em me dizer que eu sou diferente, não como as feministas “reais” que odeiam os homens, que estão com raiva. Eu asseguro-lhes que sou tão real e tão radical quanto qualquer feminista poder ser e se eles se atreverem a se aproximar do feminismo, eles verão que não é como eles a imaginam.

Cada vez que saio de um desses encontros, quero ter na minha mão um pequeno livro para que eu possa dizer, leia este livro e isso lhe dirá o que é o feminismo, sobre o que é o movimento. Quero manter na minha mão um livro conciso, bastante fácil de ler e entender; não um livro comprido, não um livro cheio de linguagem complicada e acadêmica, mas um livro direto e claro — fácil de ler, mas sem ser simplista. Desde o momento em que o pensamento feminista, a política e a prática mudaram minha vida, eu queria esse livro. Eu queria dar isso às pessoas que eu amo, para que possam entender melhor essa causa, essa política feminista em que acredito tão profundamente, esse é o fundamento da minha vida política. Eu queria que eles tivessem uma resposta à pergunta “o que é feminismo?” que não estivesse enraizada nem no medo ou na fantasia. Eu queria que eles tivessem essa definição simples para ler repetidas vezes para que eles saibam que: “O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”. Adoro esta definição; eu a ofereci pela primeira vez há mais de 10 anos no meu livro

*Feminist Theory: From Margin to Center*. Adoro isso porque afirma claramente que o movimento não é sobre ser anti-homem. Deixa evidente que o problema é o sexismo. E essa clareza nos ajuda a lembrar que todos nós, mulheres e homens, fomos socializados desde o nascimento para aceitar o pensamento e as ações sexistas. Como consequência, as mulheres podem ser tão sexistas quanto os homens. E enquanto isso não desculpa ou justifica a dominação masculina, isso significa que seria ingênuo e mal intencionado para pensadores feministas ver o movimento como sendo, de forma simplista, sobre mulheres contra homens. Para acabar com o patriarcado (outra forma de nomear o sexismo institucionalizado) precisamos ser claros que somos todos participantes na perpetuação do sexismo até que mudemos nossas mentes e corações, até que abandonemos o pensamento e as ações sexistas e o substituamos pelo pensamento e as ações feministas.

Os homens como um grupo têm privilégios e se beneficiam mais com o patriarcado, partindo do pressuposto de que eles são superiores às mulheres e devem governar sobre nós. Mas esses benefícios vieram com um preço. Em troca de todas as guloseimas que os homens recebem do patriarcado, eles são obrigados a dominar as mulheres, a nos explorar e a nos oprimir, usando a violência se eles precisam manter o patriarcado intacto. A maioria dos homens tem dificuldade em ser patriarcas. A maioria dos homens é perturbados pelo ódio e pelo medo das mulheres, pela violência masculina contra as mulheres, até mesmo pelos homens que perpetuam essa violência. Mas eles temem deixar os benefícios. Eles não estão certos do que acontecerá ao mundo que eles conhecem mais intimamente se o patriarcado mudar. Então, eles acham mais fácil suportar passivamente a dominação masculina mesmo quando eles sabem em suas mentes e corações que é errado. Mais uma vez, os homens me dizem que não tem ideia do que as feministas querem. Eu acredito neles. Eu acredito em sua capacidade de mudar e crescer. E eu acredito que, se eles soubessem mais sobre o feminismo, não mais teriam medo dele, pois encontrariam no movimento feminista a esperança de sua própria libertação da escravidão do patriarcado.

É para esses homens, jovens e velhos, e para todos nós, que escrevi este breve manual, o livro que passei há mais de 20 anos desejando por. Eu tive que escrever porque eu aguardei que aparecesse e isso não aconteceu. E sem isso, não havia como lidar com a multidão de pessoas nessa nação que são bombardeadas diariamente com um *backlash* [1] anti-feminista, que são ditas para odiar e resistir a um movimento sobre o qual eles conhecem muito pouco. Deveria haver tantas cartilhas iniciantes feministas, panfletos e livros fáceis de ler, contando-nos tudo sobre o feminismo, que este livro seria apenas outra voz apaixonada que falasse em favor da política feminista. Deveria haver outdoors; anúncios em revistas; anúncios em ônibus, metrô e trens; comerciais de televisão espalhando a palavra, deixando

o mundo conhecer mais sobre o feminismo. Não estamos lá ainda. Mas isso é o que devemos fazer para compartilhar o feminismo, para deixar o movimento na mente e no coração de todos. A mudança feminista já tocou todas as nossas vidas de forma positiva. E, no entanto, perdemos de vista o positivo quando tudo o que ouvimos sobre o feminismo é negativo.

Quando eu comecei a resistir à dominação masculina, rebelar-me contra o pensamento patriarcal (e opor-me à voz patriarcal mais forte da minha vida — a voz da minha mãe), ainda era adolescente, suicida, deprimida, incerta sobre como eu acharia significado na minha vida e um lugar para mim. Eu precisava do feminismo para me dar uma base de igualdade e justiça para defender. Mamãe veio ao pensamento feminista. Ela me vê e todas as suas filhas (somos seis) vivendo vidas melhores por causa da política feminista. Ela vê a promessa e a esperança no movimento feminista. É essa promessa e esperança que eu quero compartilhar com você neste livro, com todos.

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, onde mulheres e homens não são parecidos ou até mesmo, sempre iguais, mas onde uma visão de mutualidade é o *ethos* que molda nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós possamos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo das classes, o imperialismo. Mas isso nos permitirá ser mulheres e homens totalmente auto-atualizados capazes de criar uma comunidade amada, vivermos juntos, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que todos somos “criados iguais”. Aproxime-se. Veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e todas as nossas vidas. Chegue mais perto e conheça de primeira mão o movimento feminista. Chegue mais perto e você verá: feminismo é para todos.

***Questões para dialogar:***

*-O que é o feminismo?*

*-O feminismo é um movimento apenas para mulheres? Por quê?*

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Apresentação de vídeos a respeito do assunto, referente aos tipos de violências sofridas pelas mulheres.

Dados referentes à situação da violência contra a mulher no Brasil e no estado de Santa Catarina.

**Sugestão de atividades:** produção de textos e folders a respeito do tema.

## **SEQUÊNCIA 04: O DIREITO DAS MULHERES À EDUCAÇÃO**

Vídeos a respeito de algumas filósofas que tratam do tema referente ao Direito das mulheres, como Nísia Floresta, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Simone de Beauvoir.

### **O DIREITO DAS MULHERES À EDUCAÇÃO E MARY WOLLSTONECRAFT**

#### **MARY WOLLSTONECRAFT E AS REIVINDICAÇÕES DOS DIREITOS DAS MULHERES:**

Dentre os direitos das mulheres que foram reivindicados por tempos, está o direito à educação; Reconhece-se que elas passam grande parte dos primeiros anos de vida adquirindo habilidades superficiais; enquanto isso, a força do corpo e da mente é sacrificada em nome de noções libertinas de beleza e do desejo de se estabelecer mediante o matrimônio – o único modo de as mulheres ascenderem no mundo. Como esse desejo faz delas meros animais, quando se casam comportam-se do mesmo modo que se espera das crianças – vestem-se, pintam-se e são apelidadas criaturas de Deus.

Mary Wollstonecraft sustentava que a dependência das mulheres, bem como sua impossibilidade de acesso à educação racional, transformava-as em seres resignados e oprimidos. A obra Reivindicação dos direitos da mulher é considerada uma das fundadoras do feminismo.

Diante deste quadro, não poderíamos deixar de nos perguntar como conseguiu exercer a atividade de escritora, função encarada como exclusivamente masculina naquele contexto? Ou ser independente economicamente, quando as mulheres viviam exclusivamente sob a tutela do pai ou do marido, visto que não lhes era permitido exercer qualquer profissão, ou receber qualquer tipo de educação que não as atividades de esposa e mãe? Como conseguiu reivindicar a igualdade entre os sexos, ou criticar a situação feminina, num período em que todos, encaravam o sexo feminino como “inferior”, tanto física quanto intelectualmente?

Mary Wollstonecraft (1759-1797), foi uma intelectual libertária, uma ativista das causas dos oprimidos. Enfrentou obstáculos variados no decorrer da vida. Sua infância foi prejudicada pela violência paterna; foi autodidata; foi uma precursora do amor livre; enfrentou os limites sociais de seu tempo para conseguir conquistar a

autonomia financeira e sofreu os preconceitos moralistas com respeito à sua vida sexual e afetiva. À época do lançamento da Reivindicação já era uma intelectual de prestígio nos círculos de vanguarda da sociedade inglesa, levantou fortes críticas aos discursos iluministas que encaravam as mulheres como “naturalmente” inferiores em relação aos homens. Também questionou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto e reivindicou um novo lugar para as mulheres.

O texto trata da condição de opressão da mulher na sociedade inglesa num período histórico marcado pelos ideais iluministas e pelas profundas transformações que o capitalismo industrial traria para o mundo. E, apesar da distância histórica que diferencia a situação das mulheres de hoje em relação à realidade de Mary Wollstonecraft, a luta pela igualdade de gêneros continua atual. Contesta a Declaração dos direitos do homem e do cidadão, na qual “homem” não era usado como sinônimo de “humanidade”, mas como representante do sexo masculino, o que lhe garantia o direito à cidadania. Mary Wollstonecraft se chocaria com os desmandos da Revolução Francesa e escreveria um panfleto de denúncia.

Ela e os irmãos viviam sob o jugo do pai, um déspota doméstico que dilapidou os bens da família em negócios desastrosos, como os obrigou a constantes mudanças de residência. Aos dezenove anos, Mary sai de casa e passa a se sustentar por meio de um emprego doméstico, insatisfatório. Em 1774, junto com a irmã Eliza, que ajudara a escapar de um marido violento, ela funda uma escola em Newington Green, comunidade com forte presença de livres pensadores. Essa experiência de ensino dá início a sua intensa atuação em prol da educação feminina. Em 1774, publica um panfleto e passa a dedicar-se à literatura, tornando-se tradutora, começa a contribuir regularmente para a publicação, o que lhe dá acesso à intelectuais e artistas da Inglaterra como Thomas Paine, William Blake e Henry Fuseli, admirador de Rousseau, assim como Mary. O entusiasmo dela por Fuseli transformou-se em amor e, como o artista era casado. Mary assumiu o papel ativo de sujeito do desejo. É essa coragem em expor seus sentimentos e desejos que constitui seu precioso legado e, ao mesmo tempo, sua vulnerabilidade.

A reivindicação dos direitos da mulher resulta tanto de uma trajetória de lutas militantes de Mary como de seus enfrentamentos contra a moral sexista e conservadora da época. Mary viaja para a França em 1792, vindo a conhecer o

comerciante norte-americano Gilbert Imlay, com quem se casa, o que permitiu a Mary passar por norte-americana. Fanny Imlay, a filha do casal, nasce em 1794 em Havre, mas as constantes viagens a trabalho e sua infidelidade, complicam a relação do casal até que ele enfim abandona Mary. Ela atravessa um período conturbado e, muito fragilizada, tenta o suicídio por duas vezes.. Ao mesmo tempo, dá continuidade à redação de seus textos críticos, focalizando a violência assumida pela Revolução Francesa.

Em abril de 1796, Mary toma a iniciativa de escrever para o jornalista e filósofo inglês William Godwin e eles passam a se encontrar regularmente, até a descoberta da atração física criada pela convivência. Poucos meses depois, tornam-se amantes, em uma relação baseada no respeito mútuo e no companheirismo. Dadas as restrições legais que oprimiam as mulheres casadas, ambos optam por, no início, não formalizar o matrimônio, fazendo isso apenas posteriormente, quando Mary engravida, tendo em vista o estatuto legal da criança prestes a nascer. Infelizmente, quando Mary parecia ter encontrado “a harmonia doméstica e o amor”, uma infecção decorrente do parto causa sua morte, aos 38 anos, dez dias depois do nascimento de sua segunda filha, batizada Mary Wollstonecraft Godwin, que viria a obter grande reconhecimento, sob o nome Mary Shelley, como autora de *Frankenstein*.

A leitura da Reivindicação de Mary Wollstonecraft desperta um sentimento de admiração por essa jovem mulher, capaz de superar tantos obstáculos, que lutou obstinadamente para ser feliz e foi muito além dos limites que seu tempo permitia. Ao encarar as mulheres como seres humanos racionais, capazes de se aperfeiçoarem através do exercício da razão, Wollstonecraft não poderia deixar de pensar numa questão fundamental nesse processo, a da educação. A seu ver, se as mulheres fossem educadas de forma diferente, através do cultivo de seu próprio entendimento e do desenvolvimento de suas verdadeiras virtudes, seriam seres humanos melhores e, conseqüentemente, melhores mães, esposas e cidadãs. Desejosa de mudar tal situação e fazer das mulheres membros mais úteis e respeitáveis da sociedade, Wollstonecraft exigiu para elas a mesma educação destinada aos homens e a possibilidade de exercerem profissões, ou seja, a possibilidade de serem independentes econômica e mentalmente. Para a autora,

isso livraria as mulheres de viver exclusivamente sob a dependência masculina e, conseqüentemente, de se preocuparem unicamente em agradar e atrair os homens, moldando seus desejos e comportamentos às imposições masculinas.

A força do argumento de Mary está no fato de que ela não nega a inferioridade intelectual das mulheres de seu tempo, mas atribui a exclusiva responsabilidade disso aos preconceitos e limites sociais enfrentados por suas contemporâneas. As mulheres de seu meio eram educadas para o casamento e para serem sustentadas pelo marido. Segundo o modelo dominante, a beleza era o principal atributo, e a grande virtude da mulher estava em ser a guardiã do lar.

No entanto, uma vez casadas, perdiam toda e qualquer autonomia, ficando à mercê da autoridade masculina. Ora, diz ela, assim as potencialidades da mulher permanecem reprimidas e, quando uma mulher quer se comportar como um ser humano, é logo tachada de masculina.

O espantoso é constatar como a desqualificação das reivindicações das mulheres hoje, como ontem, passa pela acusação de que são “mal amadas”, “machonas” etc. E muitas mulheres renegam as feministas com medo de, dessa forma, serem rotuladas. No Brasil de meados dos anos 1970, foi preciso muita determinação para que um grupo de mulheres lançasse um jornal com a profissão de fé feminista. Mesmo entre a oposição à ditadura, poucos eram os grupos de mulheres que assumiam tal direcionamento. Pode-se então aquilatar os ataques de que foram vítimas o texto e a pessoa de Mary Wollstonecraft.

Finalmente, a força da reivindicação, que torna atual, não datado, um texto de 1792, reside tanto na construção do argumento quanto na modernidade da escrita. É marcante o estilo direto e vivo com que Mary apresenta seus argumentos. Mas sua maior atualidade está em ter sido a primeira a demonstrar que “ninguém nasce mulher”, lançando os fundamentos ontológicos da teoria dos gêneros.

**Fonte:** Adaptado com trechos da obra de Mary Wollstonecraft.

### **Sugestão de atividades:**

*1-Produção de um cartaz sobre o que as/os estudantes têm a reivindicar para as mulheres atualmente; nesta atividade espera-se que apresentem suas angústias quanto aos direitos das mulheres que ainda não são respeitados, quanto ao que esperam para que a sociedade seja mais justa, às lutas que ainda prevalecem, por*

vezes, as mesmas da pensadora Mary Wollstonecraft.

2- Após a leitura e a produção de cartazes, solicitar às e aos estudantes que realizem uma entrevista com uma mulher (podendo ser com a mãe, avó, irmã, dentre outras mulheres que fazem parte de suas vidas), referente à educação destas.

Sugestão de perguntas para a entrevista, as questões podem ser adaptadas, conforme a mulher a ser entrevistada:

Data:

Mulher entrevistada:

(Importante se é parente, o que ela é de vc)

### **Entrevista sobre “Direitos das Mulheres a Educação”**

1- Você estudou até que série?

2- Por que não estudo mais?

3- Quais dificuldades você teve para estudar?

4- Se você nunca estudou, por quê?

5- Como era a escola quando você estudava?

6- O que você aprendia na escola?

7- Você tem alguma lembrança que marcou desse período?

8- Como foi a sua educação (em casa)?

9- Na escola ou em casa você percebia que havia alguma diferença entre a educação dos meninos e das meninas?

10- Qual conselho você daria para as/os jovens de hoje?
---

3- *Produção de um texto sobre o tema “Reivindicação dos Direitos das Mulheres na atualidade”.*

*Obs: Aqui se espera que os alunos identifiquem os direitos que não são efetivados no cotidiano, assim como os anseios da maioria das mulheres na busca por liberdade, por quebrar estereótipos e preconceitos, que por vezes levam ao machismo e a violência, que reivindicuem pela ocupação de mais espaços, onde suas vozes possam ser ouvidas.*

### **SEQUÊNCIA 05: FILÓSOFAS- SOBRE VISIBILIZAR SILENCIAMENTOS**

Nesta sequência de aulas, propomos às e aos estudantes uma análise a respeito de algumas Filósofas, as quais, muitas vezes, não são estudadas nas escolas e universidades; a partir da divisão e sugestão de pensadoras, as e os estudantes devem fazer um livrinho sobre as pensadoras correspondentes e apresentar para a turma.

Sugestão: Seminário das Mulheres na Filosofia.

### **SEQUÊNCIA 06: A IMPORTÂNCIA DO ASSUNTO**

Propomos uma produção de folders sobre os temas estudados relacionando as filósofas.

**Atividade:** Produção de textos sobre o que as e os estudantes aprenderam com as Filósofas que estudamos durante esse processo.

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA ANTÔNIO GONZAGA**

**PROFESSORA LILIAM BEATRIS**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA**

**ESTUDANTE: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_**

**Atividade:** Produza um texto respondendo à questão fundamental “**Quem sou?**”; para isso descreva como as mulheres (AS FILÓSOFAS E AS MULHERES COM QUE VOCÊS CONVIVEM) nos ajudam, ajudam vocês a refletir sobre nossas vidas, nossa sociedade e nosso futuro (principalmente a quebrar com o padrão)? Faremos uma roda de conversas para que cada um compartilhe suas ideias!

---



---



Ketlen, Letícia R., Micheli, Naiele, Pedro, Thiago, Yuri, Wesllel,

2. SEXO 05 meninos e 11 meninas ( ) MASCULINO ( ) FEMININO

3. IDADE: 17 anos (10) e 16 anos (6)

**4. CIDADE EM QUE NASCEU:** Porto União (7) , União da Vitória (3), Canoinhas (1), Caçador (1), São Martinho (1), Castanhal (1), Não sei (1), São Paulo (1).

**5. QUANTAS PESSOAS RESIDEM NA SUA CASA INCLUINDO VOCÊ?** 10 (2 alunos), 7 (1), 6 (2), 5 (3), 4 (6), 3(1), 1(1 aluna respondeu que mora sozinha)

**6. COM QUEM VOCÊ MORA? (SE O CASO, MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA):**

( ) PAIS ( ) MÃE ( ) PAI ( ) AVÓS ( ) IRMÃOS ( ) TIOS

( ) OUTRO : DESCREVA:

-moram com Pais e irmãos: 7 alunos, 1 aluna destes cuida da avó à noite;

-moram com a mãe, avós, irmãos, tios e primos: 1 aluno;

-mora sozinha: 1 aluna;

-moram com os Pais, irmãos, cunhado: 1 aluna (à noite cuida de 2 crianças);

-moram com a mãe, avós e primos: 1 aluno;

- moram com a mãe, os avós, irmãos e tios: 1 aluno;

- moram com mãe e irmãos: 2 aluno;

- mora com o pai e os irmãos: 1 aluno;

- mora com a mãe, irmãos, cunhada e sobrinho: 1aluno.

**7. QUAL ESCOLARIDADE DE SUA MÃE:**

( ) NÃO FOI À ESCOLA ( 4 ) 1ª A 4ª SÉRIE (6 ) 5ª A 8ª SÉRIE

(5 ) ENSINO MÉDIO ( ) ENSINO SUPERIOR ( 1 ) NÃO SEI

**8. QUAL ESCOLARIDADE DE SEU PAI**

( ) NÃO FOI À ESCOLA ( 3 ) 1ª A 4ª SÉRIE (7 ) 5ª A 8ª SÉRIE

( 1 ) ENSINO MÉDIO ( ) ENSINO SUPERIOR ( 5 ) NÃO SEI

**Se sua resposta as questões anteriores foi NÃO SEI, explique:**

Não têm contato com o pai.

**9. PROFISSÃO DO PAI:** Não sabem (4 alunos), Agricultor, Pedreiro, Autônomo, Caixa de banco, Operário da Prefeitura, Eletricista, Operador de Máquina (2), Vidraceiro, Pintor, mestre de obra (2).

**10. PROFISSÃO DA MÃE:** Costureira, Atendente, Dona de Casa (6), Agricultora (2), Diarista (2), Operadora de Máquina, Cozinheira, Artesã (faz Fuxicos em casa), Técnica em Enfermagem, em firma.

**11. HÁ QUANTO TEMPO ESTUDA NA ESCOLA ANTÔNIO GONZAGA?**  
Estudaram só lá (6), 6 anos, 5 anos, 3 anos, 2 anos (3), não sabem (2), começou este ano (1), 8 anos (1).

**12. O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA?**

Organização (2), colegas (4), professores (3), tudo (2), estrutura (2), interações/ socialização, aprendizado, conversar (2), lanche (4), ensino, boa escola, bons ensinamentos, aprender (3), conhecer pessoas, matérias, saída, paciência dos professores, pensam nos alunos, tem aparência boa.

**13. O QUE VOCÊ NÃO GOSTA NA ESCOLA?**

Falta de projetos de Educação Física, falta de Educação Física (2), quando os professores não explicam (3), enrolam, nada (5), não respondeu, acordar cedo (2), comida, xingamentos e bullying, não sabe, cobranças dos professores, aulas de matemática, pandemia.

**14. LEIA TEXTO A SEGUIR E CONTINUE A HISTÓRIA:**

**“DESDE QUE NASCI APRENDI MUITAS COISAS NA FAMÍLIA, NA RUA, NA ESCOLA E EM OUTROS LUGARES. DENTRE AS COISAS QUE APRENDI AS MAIS IMPORTANTES FORAM**

-Proteger o que amamos e ter respeito por qualquer coisa.

-a cuidar de mim mesma, sempre respeitar os outros, se cuidar na rua, não roubar.

-muitas coisas dentro da minha família, teve uma grande briga e causou muita tristeza para a minha avó,

-Pois meu avô faleceu e eu me sentia triste, aprendi que briga não leva a nada, sentimos a dor do outro...

- ter responsabilidade, respeito as diversas culturas.

- ter humildade, empatia com as pessoas e sempre respeitar todos e todas as opiniões.
- o respeito com qualquer ser, dignidade, nunca desistir dos sonhos e sempre lutar por mim mesma.
- empatia por outras pessoas, independente de suas características físicas (pele, cabelo...), dialogar de forma civilizada.
- ter respeito aos mais velhos e com todos, ter cuidado na rua, não roubar, não matar, cuidar sempre da irmã mais nova.
- ajudar sempre o próximo se você tem condições, estudar e chegar aonde eu quero.
- respeitar todos, como há alguns preconceitos em toda a sociedade, como influencia as decisões na sociedade, a diferença entre mulheres e homens, na área do trabalho; é importante respeitar, ser humilde, pensar nas atitudes da vida.
- em casa aprendi a ser educada, ser uma pessoa melhor; na escola aprendi todos os meus conhecimentos, na rua o verdadeiro lado da vida.
- não falou.
- saber quebrar os outros na porrada e ter compaixão (????)
- que a família é a nossa maior riqueza e o tempo passa muito rápido.
- a respeitar o próximo e acima de tudo, meus pais; não fazer bullying com ninguém, saber o momento certo de fazer brincadeiras, saber admitir o erro e pedir desculpas, jamais julgar por sua cor...
- os meus direitos, obrigações, e o meu valor, aprendi a trabalhar a empatia, o amor ao próximo, aprofundei minha religião.

### **15. PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR OU UMA BOA PROFESSORA É:**

Que explica com exemplos; explica bem (4); um amigo; interage/ dialoga com os alunos (2), divertido (2); se preocupa com os alunos, dá atenção e tem paciência (3); consegue transmitir conhecimento de maneira acessível; passe lições (2) e seja educado; ensina (2); que ajuda (2); consegue se adaptar a turma; seja dinâmico; se preocupe se os alunos aprenderam, quer ensinar; que respeita os alunos.

### **16. PARA VOCÊ UM BOM ESTUDANTE OU UMA BOA ESTUDANTE É?**

Que preste atenção nas aulas (6), faça perguntas (3), que participe; interaja com o professor (2), se dedique (5); que respeite o professor (2), os colegas (2) e o ambiente escolar, todos; entregue todos os trabalhos e faça atividades (4); não falte (2); seja educado; cumpra suas obrigações e deveres (3); que aprenda, ajude (2), escuta; aquele que estuda (2); que tenta sempre ser melhor.

**17. VOCÊ ENCONTRA DIFICULDADES PARA ESTUDAR?**

( 3 ) SIM ( 2 ) NÃO ( 11 ) AS VEZES

**EXPLIQUE SUA RESPOSTA ANTERIOR:** Por distração (2) e falta de atenção (3); por ter reprovado ano passado, por dificuldades; dificuldades de interpretação; falta de alguém explicando (ano passado -2); matemática e inglês; não tenho celular.

**18. QUAL A IMPORTÂNCIA DO ENSINO MÉDIO PARA VOCÊ?**

É aonde aprende coisas sobre o ENEM (2), vestibular (2) ...; Quero fazer Faculdade (3); Preparar para concursos (2); Aprimorar os conhecimentos dos anos anteriores e se preparar para o mercado de trabalho (3); aprender sobre o mundo e para a vida(2); Sempre bom ter mais conhecimentos (2) e aprender mais ; é importante ter estudo para tudo na vida; importante para a pessoa ser que ela é; para ir além, pensar mais.

**19. NESTE CONTEXTO DE PANDEMIA POR COVID 19, COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO AOS ESTUDOS E A SEU FUTURO?**

Perdido ,não sei do meu futuro (2); nada mudou e tenho os mesmos planos, mas ano passado foi perdido; preocupada, pois reprovei ano passado, isso atrapalha meus planos para quando terminar o ensino médio; pretendo fazer faculdade (3 ), e questionar para aprender; confuso em relação a tudo isso, mas acredito que com muito esforço é possível um estudo de qualidade e bom para o futuro; estou tentando manter tudo como era antes, para não comprometer meu futuro; difícil; não sei; tranquilo; imagino que este ano seja melhor; não esperava que fosse assim; mal por que tenho muita dificuldade e assim não ajuda; tenho esperança que tudo volte ao normal.

**20. NO CASO DE RETORNO DAS ATIVIDADE ESCOLARES PARA O MODO ONLINE (REMOTO), VOCÊ PRETENDE SEGUIR ESTUDANDO:**

(15) SIM ( ) NÃO ( 1 ) TALVEZ

**EXPLIQUE SUA RESPOSTA:** Para terminar o ensino médio (3), fazer faculdade (3), não quero perder outro ano (2), para aprender mais (2), precisamos ser fortes e não desistir, falta de aproveitamento no online (2), não aprenderia nada.

**21. NO CASO DE AULAS DE FILOSOFIA ONLINE (REMOTAS) COMO VOCÊ PODE PARTICIPAR?**

(05) VIA GOOGLE MEET ( 10) VIA GRUPO DE WHATSAPP  
(09) BUSCANDO ATIVIDADES IMPRESSAS NA ESCOLA

( ) NÃO TENHO COMO PARTICIPAR. Porque:

---

---

---

**22. QUANTO AO ACESSO A APARELHO CELULAR COM ACESSO A INTERNET?**

(15 ) TENHO UM APARELHO DE USO INDIVIDUAL

( 1 ) NÃO POSSUO APARELHO DE CELULAR

( ) ACESSO INFORMAÇÕES DA ESCOLA EM CELULAR DE FAMILIAR

**23. VOCÊ TEM ACESSO A INTERNET EM SUA CASA:**

(1 ) VIA RÁDIO ( 13 ) VIA FIBRA ÓTICA ( 3) DADOS MÓVEIS/  
OPERADORA

( 1 ) NÃO TENHO ACESSO

**24. VOCÊ POSSUI COMPUTADOR COM ACESSO A INTERNET PARA ESTUDAR?**

(7 ) SIM ( 9 ) NÃO ( ) AS VEZES. EXPLIQUE:

**25. SE TIVER, QUAL NÚMERO DE TELEFONE?** Apenas uma estudante não tem celular.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das letras. São Paulo, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. In: **Revista Estudos feministas**. V.8. n.1 (2000). p.229-236. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> . Acesso em: 14 dez 2022.

BEAUVOIR, Simone (1949/1975). **O Segundo Sexo. Os factos e os mitos** (vol. 1). Venda Nova: Bertrand, p. 13.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Millet. 2 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida** Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BECKERT, Johanna Clarissa. **Narrativas biográficas e da vida cotidiana: discurso e imagens**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Ciências Sociais. Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/SIC/XII/XII/6/8/1/3.pdf>. Visualizado em: 17/02/2023.

BRANDÃO, C.R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 7-14.  
CARVALHO, Flávio de. **FILOSOFIAS E GÊNEROS: DESAFIOS PARA ENSINAR A FILOSOFAR**. *Problemata – Revista Internacional de Filosofia*, Fil. V. 11. n.3 (2020), p.139 - 151 ISSN 2236-8612 doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11i3.55593>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/55593/31630>. Acesso em: 15/02/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Fammer (Org.). **Produzindo gênero**. Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas. Porto Alegre: Sulina, 2004, pp. 122-127.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la**

historia andina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible**: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

FORNET-BETANCOURT, Raúl (Entrevista) Reflexiones de Raúl Fonet-Betancourt sobre el concepto de interculturalidad. México: Consorcio intercultural, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext). Acesso: 15 de outubro de 2010.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**: A origem do Mito da Modernidade: Conferências de Frankfurt: Petrópolis- RJ: Vozes, 1993.

ECKSCHMIDT, Sandra. **A Arte lembrar e esquecer**: narrativas autobiográficas de professores(as) sobre sua infância. TESE (Mestrado em Educação)- Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96006/295650.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Visualizado em: 17/02/2023.

EGGERT, Edla ; MENEZES, M. M. . **A filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural**: uma reflexão entre margens. In: Juliana Pacheco. (Org.). Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico. 1ed.Porto Alegre: Editora Fi, 2015. (p.64)

FALS BORDA, Orlando; MORA-OSEJO, Luis Eduardo. **A Superação do Eurocentrismo**: enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre o nosso contexto tropical. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. P. 711- 720

FORNET-BETANCOURT, Raúl (Entrevista). **Reflexiones de Raúl Fonet-Betancourt sobre el concepto de interculturalidad**. México: Consorcio intercultural, 2004.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Tareas y propuestas de la filosofía intercultural**. Concordia Serie Monografías; Aachen: 2009, tomo 49.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da esperança** – um reencontro com a Pedagogia do oprimido, Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Organização de: Flávia Rios e Márcia Lima.

\_\_\_\_\_, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.

\_\_\_\_\_, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Luiz Antônio Silva (Org.). Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs (Ciência Sociais Hoje, 2), 1984, p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20%20C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20%20C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf) Acesso em: 16/02/ 2023.

GORDON, Charlotte. **Mulheres Extraordinárias**: as criadoras e a criatura. Rio de Janeiro: DarkSide Book, 2020.

Grada Kilomba. Tradução, Oliveira, J. São Paulo, Goethe-Institut, 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro, formação e contexto**. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. In: Geledés, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigosdegenero/4799-vivendo-de-amor> Acesso em: 24 out. 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013. hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante. 2019.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo B. Cipola. São Paulo: Martins Fontes, 2013. Filosófica: Juruá Editora, 2012.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memorie: Episodes of everyday racism**. Munster: Unrast, 2012.

KILOMBA, Grada. **DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO**: Palestra-Performance de Grada Kilomba. 2016. Tradução de Jessica Oliveira. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir**: uma vida. Trad. de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

LUGONES, María. **Colonialidad y género**. Tabula Rasa. Bogotá – Colombia, n. 9, p. 73-101, julio-diciembre, 2008.

MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta**: uma brasileira desconhecida – feminismo, positivismo e outras tendências. Editora Fi, 2019.

MENEZES, Magali Mendes de. “**Por que as mulheres e a Filosofia?**”. In: *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre: Fi, 2015. P. 62-81.

MENEZES, M. M. de. (2011). **Nos interstícios da cultura**: as contribuições da filosofia intercultural. *Educação*, 34(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/7410>. Visualizado: 15/02/2023.

PACHECO, Juliana; (Org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Projeto Político-Pedagógico do EEB Antonio Gonzaga. SED/SC: 2020.

QUIJANO, Aníbal. “**Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina**”. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. Emílio ou da educação. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 2 Emílio ou da educação ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: EDIÇÕES

ALMEDINA, S.A., 2020.

SCHNORR, Giselle Moura. **Educação Filosofia e Escola**. In: HORN, Geraldo B. (Org) Filosofia e Educação. In: HORN, Geraldo B. (Org) Filosofia e Educação – Temas de Investigação Filosófica: Juruá Editora, 2012.

SCHNORR, Giselle Moura. VALESE, Rui. **Filosofia Latino- Americana e Brasileira. Intersaberes**, Curitiba. 2018 SCHNORR, Giselle Moura. Inéditos Viáveis: Dialogicidade, interculturalidade e libertação. Revista do Neseef. Vol.8-n,1- Jan/Jul, 2019.

TRISTÁN, FLORA. **União Operária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

TRUTH, Sojourner. “**E não sou uma mulher?**” Tradução de Osmundo Pinho. *Geledés*, São Paulo, 08/01/2014. Disponible en Disponible en <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acceso el 17/02/2023.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Trad. de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1928.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.